



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PAULA DOMINGUES MARTINS

**A pessoa humana e a sua dignidade à luz da
categoria bíblica de “imagem de Deus”**

**Reflexão acerca da UL1 “A Pessoa Humana” do 6º ano
de escolaridade do programa da disciplina de EMRC**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Prof. Doutor José Pedro Lopes Angélico
Dr. Francisco António Almeida Guimarães

Porto
2019

«Muitos prodígios há; porém nenhum maior que o Homem.»

Sófloques – *Antígona*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me criou à Sua imagem e semelhança, aos meus pais, aos meus irmãos, irmãs, amigos, professores e colegas.

ÍNDICE

ÍNDICE DE TABELAS.....	9
ÍNDICE DE QUADROS	9
RESUMO:	11
PALAVRAS-CHAVE:.....	11
ABSTRACT:	11
KEYWORDS:	11
SIGLÁRIO	13
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – CONTEXTO ESCOLAR E GESTÃO DO CURRÍCULO.....	17
1.1 <i>Caracterização da turma</i>	17
1.2 <i>Gestão do Currículo</i>	22
1.2.1 <i>Planificação anual</i>	23
1.2.2 <i>Planificação por período</i>	24
1.3 <i>Reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo</i>	26
<i>Síntese do Capítulo I</i>	27
CAPÍTULO II – A UL “A PESSOA HUMANA”.....	29
2.1. <i>O conceito de pessoa: reflexão histórica acerca da sua origem e evolução</i> ..	29
2.2 <i>Fundamentação antropológica em perspetiva teológica: diferentes contributos para a compreensão atual da pessoa humana</i>	32
2.2.1 <i>Antropologia bíblica: a antropologia do Antigo e do Novo Testamento</i> ..	32
2.2.2 <i>A antropologia moderna e contemporânea</i>	34
2.3 <i>Fundamentação teológica</i>	36
2.3.1 <i>A questão alma-corpo: evolução histórica</i>	36
2.3.2 <i>A unidade e irrepitibilidade da pessoa humana</i>	39
2.3.3 <i>Noção de “imagem de Deus”</i>	41
2.4 <i>Reflexão ético-teológica: a pessoa humana e a sua dignidade</i>	46
2.4.1 <i>Breve contextualização histórica do conceito de dignidade da pessoa humana</i>	46

2.4.2 Reflexão ética à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”: a dignidade da pessoa humana e o seu agir ético	48
2.5. Relevância educativa e contributo da UL “A Pessoa Humana” para a promoção da pessoa	53
<i>Síntese do Capítulo II</i>	56
CAPÍTULO III – ANÁLISE CRÍTICA DA UL “A PESSOA HUMANA”	59
3.1 <i>Revisão e balanço crítico do processo de planificação e do ensino-aprendizagem</i>	59
3.1.1 Descrição do processo de planificação e do ensino-aprendizagem	59
3.1.2 Balanço e reflexão crítica relativamente à lecionação	61
3.2 <i>Análise crítica ao currículo prescrito para a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”</i>	63
3.2.1. Análise ao nível das metas curriculares	63
3.2.2. Análise ao nível dos objetivos e dos conteúdos	66
3.2.3. Análise dos objetivos e conteúdos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana: irrepetibilidade, unicidade, relacionalidade e dignidade	76
3.2.4. Análise do esquema hermenêutico	82
3.3 <i>Propostas de reformulação da Unidade Letiva “A Pessoa Humana”</i>	83
3.3.1 Proposta de objetivos e conteúdos	83
3.3.2 Proposta de recursos	84
3.3.4 Proposta de nova sequência do processo de ensino-aprendizagem	87
<i>Síntese do Capítulo III</i>	90
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	93
<i>FONTES</i>	93
<i>ESTUDOS</i>	94
ANEXOS RELATIVOS À UL “A PESSOA HUMANA”	99

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Categorização dos objetivos quanto à clareza da sua formulação.....	67
Tabela 2: Categorização dos conteúdos segundo a sua pertinência em meio escolar	69
Tabela 3: Categorização dos objetivos segundo os domínios	71
Tabela 4: Categorização dos conteúdos segundo os domínios.....	73
Tabela 5: Relação entre objetivos e conteúdos segundo os domínios.....	75
Tabela 6: Análise dos objetivos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana	77
Tabela 7: Análise dos conteúdos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana.....	78
Tabela 8: Coerências e incoerências entre objetivos e conteúdos segundo os traços fundamentais da pessoa humana	79

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Descrição dos traços fundamentais da pessoa humana	76
Quadro 2: Explicitação das incoerências verificadas entre objetivos e conteúdos.....	81
Quadro 3: Proposta de objetivos e conteúdos para a lecionação da UL 1: “A Pessoa Humana”	83
Quadro 4: Proposta de estrutura programática para a lecionação da UL 1: “A Pessoa Humana”	87

RESUMO:

O presente relatório constitui o trabalho final da Prática de Ensino Supervisionada.

Neste relatório, é salientado o contributo que a categoria bíblica de “imagem de Deus” pode trazer para a leção da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” do 6º ano de EMRC.

Através da reflexão antropológica, teológica e ética acerca da Pessoa Humana e da sua dignidade à luz da categoria bíblica de imagem de Deus, foi possível identificar algumas das características fundamentais da pessoa humana e concluir que a categoria bíblica de imagem de Deus pode dar um contributo para a leção da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” do 6º ano de EMRC.

Tendo em conta as conclusões obtidas, e depois de analisado o currículo prescrito para a Unidade Letiva 1 do 6º ano da disciplina de EMRC: “A Pessoa Humana”, foi proposta uma reformulação da referida Unidade Letiva.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa humana, Imagem de Deus, Dignidade, Currículo.

ABSTRACT:

This report is the final work of the Supervised Teaching Practice.

In this report, the contribution that the biblical category of "image of God" can make to the Teaching Unit "The Human Person" of the 6th year EMRC, is highlighted.

Through anthropological, theological and ethical reflection on the Human Person and its dignity in the light of the biblical category of God's image, it was possible to identify some of the fundamental characteristics of the human person and conclude that the biblical category of God's image can make a contribution to the Teaching Unit "The Human Person" of the 6th year of EMRC.

Taking into account the conclusions obtained, and after analyzing the curriculum prescribed for the Teaching Unit 1 of the 6th year of the EMRC subject: "The Human Person", it was proposed a reformulation of that Teaching Unit.

KEYWORDS: Human person, Image of God, Dignity, Curriculum.

SIGLÁRIO

AAS – Acta Apostolicae Sedis

B.A.C. – Biblioteca de autores cristianos

CD – MARTINS, Paula. *Anexos do Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada*. [suporte digital]

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

DGE – Direção Geral da Educação

DR – *Diário da República*

DSI – Doutrina Social da Igreja

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

GS – Gaudium et Spes, 4ª Constituição Pastoral do II Concílio do Vaticano sobre a Igreja no Mundo Atual, 7 de dezembro de 1965

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ONU – Organização das Nações Unidas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

UL – Unidade Letiva

SNEC – Secretariado Nacional da Educação Cristã

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se no âmbito da iniciação à prática pedagógica como docente de Educação Moral Religiosa Católica, realizada na Escola Básica de *Vallis Longus*, em Valongo, no ano letivo 2017/2018.

No final da PES, e conforme as indicações previstas no DL240/2001, de 30 de agosto relativo ao perfil geral de desempenho profissional dos professores do ensino básico e secundário¹, o professor deve estar qualificado científica e pedagogicamente para lecionar. Assim, relativamente a este ano de estágio, eram grandes as expectativas em contraste com a inexperiência em termos de lecionação. Existiam as expectativas de adquirirmos as competências necessárias a um bom profissional, aprendendo o melhor modo de planificar, de lecionar, de cativar os alunos para o interesse nas aulas e de, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento harmonioso de cada aluno.

Para a realização deste relatório final da PES escolhemos trabalhar a UL1 do 6º ano de escolaridade: “A Pessoa Humana”. Aquando da lecionação desta UL constatámos que esta UL, que aborda a temática dos direitos da pessoa humana, não revela o contributo que a teologia tem a dar, a partir da categoria bíblica de “imagem de Deus”, para a sua lecionação. Este facto conduziu-nos ao aprofundamento do tema: “A Pessoa Humana e a sua dignidade à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”.

Numa sociedade marcada, cada vez mais, pelo individualismo, pela indiferença perante o outro e pela desvalorização da vida, é de realçar o contributo da disciplina de EMRC na formação dos alunos; uma disciplina que tem, entre outras finalidades, a de «sensibilizar o aluno para os problemas humanos e sociais»². Percebemos, assim, a pertinência de destacar na lecionação da UL “A Pessoa Humana” a dignidade da pessoa humana.

Sintonizámos com as palavras do professor Joaquim Azevedo, e encontrámos nelas “o lugar” de onde pretendíamos partir para iniciar esta investigação:

¹ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 240/2001, de 30 de agosto – Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário in *Diário da República*, 1ª Série, N.º240.

² Cf. FINALIDADES DE EMRC – [consulta 24 de ag. 2018]. Disponível em <http://www.educris.com/v2/97-ensino-secundario/873-finalidades-de-emrc>.

«De onde, de que lugar vos quero falar? Há um conjunto de pressupostos cuja explicitação é decisiva quando falamos acerca do que é e do que queremos que seja a educação escolar. Em que é que eu creio? -acredito na educabilidade e na perfectibilidade de cada ser humano, sem exceção -acredito que em cada aluno/a mora uma pessoa única, irrepetível, dotada de uma dignidade inviolável, merecedora do maior respeito e da melhor hospitalidade por parte de qualquer instituição de educação...»³.

De facto, cada aluno é uma pessoa em construção, é um projeto inacabado que temos o privilégio de ajudar a construir com muito respeito. Por esta razão, interessamos o estudo da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, e da sua dignidade, na certeza de que nos será útil não só para a nossa formação enquanto professores de EMRC, mas sobretudo para a nossa formação enquanto pessoas.

É objetivo deste trabalho responder a duas questões: 1. Que contributo a reflexão antropológica, teológica e ética acerca da pessoa humana e da sua dignidade, à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”, pode dar para a lecionação da UL “A Pessoa Humana” do 6º ano de EMRC?, e 2. Tendo em conta a reflexão realizada acerca da Pessoa Humana, o currículo prescrito para esta unidade letiva é, sob o ponto de vista do desenvolvimento curricular, tecnicamente sustentável?

Assim, neste trabalho, estruturado em três capítulos, depois de apresentado, no primeiro deles, o contexto escolar onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada e a gestão de currículo que foi feita, são apresentadas, no segundo capítulo, duas reflexões: uma acerca da Pessoa Humana e da sua dignidade, contando para isso com o contributo da antropologia, da teologia e da ética, e outra acerca da relevância educativa e contributo da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” para a promoção da pessoa. No terceiro capítulo, é apresentado um balanço crítico da lecionação, uma análise crítica ao currículo prescrito para a UL “A Pessoa Humana”, e uma proposta de reformulação curricular para a lecionação da referida UL. Por fim é apresentada a conclusão do trabalho.

Pretendemos, assim, com este trabalho, trazer um modesto contributo para a prática da lecionação da UL1 “A Pessoa Humana” da disciplina de EMRC.

³ AZEVEDO, Joaquim – *A educação, no futuro, precisa de outra escola. Amanhã de manhã*. AZEVEDO, Joaquim – *A educação, no futuro, precisa de outra escola. Amanhã de manhã*. Braga. [consulta 24 de ag. 2018]. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22387/1/A%20educa%C3%A7%C3%A3o%2c%20no%20futuro%2c%20precisa%20de%20outra%20escola.pdf>.

CAPÍTULO I – CONTEXTO ESCOLAR E GESTÃO DO CURRÍCULO

O termo *currículo* não tem uma definição consensual e por isso é, por vezes, gerador de algumas confusões. De acordo com Roldão: «No seu sentido mais lato, currículo, do latim *curriculum*, significa, como sabemos, percurso, sequência, cursos e também, por isso, a passagem, de uma geração a outra, daquilo que constitui a substância do percurso, que é necessário à inserção numa dada sociedade.»⁴. Sabendo nós que a sociedade está em constante mudança percebemos também que o currículo é uma realidade que varia em função do contexto. Deste modo, para uma mais correta gestão do currículo é importante conhecermos o contexto escolar: a zona envolvente, a comunidade educativa, a escola e a turma onde decorreu a PES, pois:

«Tal como o médico cirurgião não executa uma operação de acordo com o estudo do caso ou o programa de conhecimentos que outros tivessem preparado, mas analisa o caso, decide e age em função dele e dos conhecimentos disponíveis, também um profissional docente terá de, cada vez mais, decidir e agir perante as diferentes situações, organizando e utilizando o seu conhecimento científico e educativo face à situação concreta, ainda que enquadrado nas balizas curriculares e nas linhas programáticas nacionais, isto é, gerindo o currículo.»⁵.

Neste primeiro capítulo é apresentado, numa primeira parte, o contexto escolar onde decorreu a PES no ano letivo 2017/2018, numa segunda parte, o processo realizado para a elaboração dos documentos relativos à gestão do currículo, planificação anual e planificação por período, e por fim é apresentada uma reflexão crítica acerca da gestão do currículo.

1.1 Caracterização da turma

A PES decorreu na Escola Básica de *Vallis Longus*. Esta escola encontra-se situada na freguesia de Valongo, uma das quatro freguesias do município de Valongo

⁴ FÓRUM DO ENSINO PARTICULAR E COOPERATIVO – *Currículo: gestão diferenciada e aprendizagem de qualidade / IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo; textos Maria do Céu Roldão... [et al.]*. Lisboa: Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, 1999, p. 9.

⁵ LEITE, Teresa – *Planeamento e conceção da arte de ensinar*. Aveiro: Coleção Situações de Formação, 2010, p. 16.

que é habitada, de acordo com os últimos dados disponibilizados pelo INE-Instituto Nacional de Estatística, por 23.925 pessoas, das quais aproximadamente 20% são crianças ou adolescentes⁶. A freguesia de Valongo dinamiza vários eventos culturais, sendo de salientar que na sua maioria são de carácter religioso⁷.

A Escola Básica de *Vallis Longus*, com 2.º e 3.º ciclos, é a escola-sede do Agrupamento de Escolas de *Vallis Longus*, um agrupamento que integra nove estabelecimentos de educação e ensino: sete escolas com 1.º ciclo e educação pré-escolar, um jardim de infância e a Escola Básica de *Vallis Longus* com 2.º e 3.º ciclos. Esta escola encontra-se sobrelotada e tem falta de espaços físicos adequados. No entanto, no ano de 2013 tinha uma taxa de sucesso escolar superior à da média nacional. Frequentam a escola 972 alunos, dos quais 471 são do 2º ciclo. Destes 471 alunos que frequentam o 2º ciclo, 361 deles, ou seja aproximadamente 80% estão inscritos em EMRC.

Relativamente à ação social escolar, de acordo com o relatório da avaliação externa deste Agrupamento: «No ano letivo de 2010-2011, ano para o qual há referentes nacionais calculados, as percentagens de alunos dos 4.º e 6.º anos sem auxílios económicos, no âmbito da ação social escolar, situam-se abaixo dos valores medianos.»⁸.

Este agrupamento premeia as atitudes positivas e o sucesso escolar dos alunos; de acordo com o relatório atrás referido: «Como forma de valorizar o sucesso escolar dos alunos e os que se destacam pelas atitudes e valores, foram instituídos os Quadros de Valor e Excelência.»⁹. Um dos pontos fortes deste agrupamento salientado também neste relatório é o impacto que o envolvimento dos alunos, na vida do Agrupamento, tem na sua formação integral.¹⁰

⁶ JUNTA DE FREGUESIA DE VALONGO – *Habitantes de Valongo*. [consulta 23 jul. 2018]. Disponível em <http://www.jf-valongo.pt/pt/visitante/freguesia-de-valongo/>.

⁷ Cf. JUNTA DE FREGUESIA DE VALONGO – *Agenda cultural*. [consulta 30 de jul. 2018]. Disponível em <http://www.jf-valongo.pt/pt/visitante/agenda-cultural-1/>.

⁸ INSPEÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA – *Avaliação externa das escolas: Relatório Agrupamento de Escolas Vallis Longus*. [consulta 14 nov. 2017]. Disponível em <http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/relatorioavaliacaoexterna.pdf>.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ Cf. *Ibidem*

Quem entra na Escola Básica de *Vallis Longus* experimenta um ambiente familiar, um clima próximo e acolhedor, em que de uma forma geral todos (funcionários e professores) se sentem educadores a tempo inteiro.

A PES decorreu na turma A do 6ºano da Escola Básica de *Vallis Longus*; dos 21 alunos que constituem esta turma, 18 estão inscritos em EMRC.

Para fazer a caracterização desta turma foi utilizada uma ficha de caracterização¹¹ que se encontra dividida em diferentes grupos: um acerca dos dados dos alunos, outro relativo aos alunos e respetiva família, outro relativo à relação dos alunos com a escola, outro relacionado com as opções do aluno, outro acerca da relação do aluno com a disciplina de EMRC e por fim outro relativo à relação do aluno com a Igreja. Foi com base na análise das fichas de caracterização, devidamente preenchidas, que foi realizada a caracterização da turma.

Tendo em conta a caracterização da turma, dos 18 alunos inscritos a EMRC, 9 são do sexo feminino e 9 são do sexo masculino, e, na sua maioria têm 11 anos, à exceção de dois deles: um tem 10 anos e o outro tem 12 anos. Nesta turma um dos alunos tem necessidades educativas especiais: apresenta algumas disfunções de temperamento e personalidade, tem dificuldade em permanecer atento, manter o esforço e abandona as tarefas, pelo que é sugerido no relatório do psicólogo que se sente à frente e longe de estímulos que o possam perturbar.

Quase todos os alunos são naturais de Valongo, à exceção de uma aluna que é de Fânzeres (Vila que faz fronteira com Valongo), e demoram entre 11 a 20 min. a chegar à escola, ou seja, a distância entre a casa e a escola não é uma questão que tenha relevância.

A idade dos pais varia entre os 34 e os 59 anos. Relativamente às suas habilitações académicas, apenas uma minoria tem curso superior, a maioria deles tem o 12º ano, e dois pais têm apenas o 4º ano de escolaridade. A maioria dos pais está empregada, havendo apenas duas pessoas em situação de desemprego. As profissões dos pais são muito variadas: eletricista, gestora de projetos, serralheiro, doméstica, camionista, comercial, fotocompositora, engenheiro, professora de 1º ciclo, gerente de compras, esteticista, empregada de balcão, diretor comercial, cozinheiro, assistente

¹¹ Cf. *Caracterização da turma, Portefólio*. In CD, p. 148-149.

operacional, auxiliar de limpeza hospitalar, profissional de seguros, economista, empresário, consultor comercial, secretária e motorista.

De um modo geral, o encarregado de educação é a mãe, à exceção de três alunos que têm o pai como encarregado de educação. Os alunos vivem num agregado familiar composto, na maioria dos casos, por pai, mãe e irmãos, existindo dois destes alunos que vivem apenas com um dos pais (mãe). Os pais destes alunos, na sua maioria, controlam o estudo, os cadernos, conversam sobre os resultados escolares, costumam ver a caderneta e vão às reuniões da escola, conversam com os filhos acerca do seu dia-à-dia, dos amigos, dos seus gostos e interesses, mas conversam pouco acerca dos problemas da sociedade.

Relativamente ao apoio da ação social escolar, na turma existem cinco alunos que beneficiam desse apoio.

Quase todos os alunos estudam mais de uma hora por dia, têm ajuda para estudar e pretendem entrar na Universidade. Quanto às profissões pretendidas para o futuro são bastante diversificadas: ilustrador de livros ou veterinário, pintora, estilista, basquetebolista, veterinária ou professora, cozinheiro ou futebolista, consultor comercial de automóveis, médica, informático, veterinário, algo relacionado com tecnologia, engenheiro informático e educadora de infância.

A maioria dos alunos pratica alguma atividade desportiva: futebol, ginástica, basquetebol, dança, atletismo e ginástica. Os alunos têm como passatempos favoritos os seguintes: jogar playstation, futebol, televisão, jogar no pc, ler um livro, desenhar, ver televisão, dançar, passear, estar com os amigos e família, correr, andar de patins e bicicleta, jogar jogos, cantar, ouvir música, ver animais, jogar jogos de vídeo, brincar com crianças e gatinhos.

De acordo com as respostas dos alunos, foram vários os motivos que os levaram a escolher EMRC: «para aprender e conviver com colegas», «acho a disciplina interessante», «gosto de aprender», «para não ir logo de manhã para o ATL», «para completar os estudos», «por causa dos passeios de autocarro», «para saber mais sobre religião», «porque gosto de aprender mais e também gosto da pulseira», «porque gosto da disciplina», «porque gosto», «a minha mãe quis», «porque assim aprendo mais coisas e estou mais tempo com os meus amigos», «porque acredito na religião», «passeios», «porque gosto muito da disciplina».

Relativamente aos temas que gostariam de tratar nas aulas, as respostas dos alunos foram variadas: o cuidado dos outros, problemas relacionados com a sociedade, Deus, histórias antigas, amizade e religião.

A turma é muito equilibrada relativamente ao número de raparigas e rapazes: é constituída por oito raparigas e por oito rapazes. Relativamente ao aluno com necessidades educativas especiais, referido anteriormente, procurou-se que se sentasse sempre na fila da frente da sala de aula. O equilíbrio entre raparigas e rapazes e a atenção ao aluno com necessidades especiais contribui para um comportamento sereno em sala de aula.

Da análise dos resultados obtidos, parece-nos que os alunos têm condições e possibilidades para conseguirem ter sucesso escolar uma vez que, de um modo geral, têm pais muito presentes e preocupados com os filhos e com os resultados escolares dos filhos.

Estabelecendo uma relação com o tema: “A pessoa humana”, e com o sub-tema, a dimensão social da pessoa humana, tendo como base os dados atrás referidos, efetivamente a maioria dos alunos experimenta esta dimensão através dos vários grupos em que está inserido: futebol, dança, ginástica, ... Estas experiências de vivência em grupo ajudam os alunos a perceber que a relação com os outros é importante para o seu crescimento como pessoa e que uma das características de ser pessoa é a sua capacidade de relação com os outros.

Foi curioso constatar que todos os alunos foram batizados mas apenas quatro alunos frequentam a catequese e apenas um costuma ir à missa ao domingo. Deste modo, é necessário ter em atenção o uso de alguns conceitos e termos, e a referência a textos bíblicos, pois não podemos partir do princípio que os alunos têm ou tiveram algum contacto com a Bíblia. Assim, tomámos consciência da importância de perceber se os alunos conhecem a Bíblia, e se sabem qual o significado que este Livro tem para os cristãos.

Através da caracterização da turma foram obtidos dados que permitiram planificar indo ao encontro dos alunos em causa. «Uma boa planificação, que é sempre indispensável, exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a leção tanto aos objetivos e aos conteúdos como à população

discente.»¹² Por exemplo, foi proposto um pequeno trabalho de pesquisa e reflexão porque estes alunos são curiosos, já têm alguma capacidade de reflexão¹³ e têm possibilidades de acesso à internet (à exceção de um, todos têm internet em casa, mas também podem ter acesso a um computador com internet na escola).

1.2 Gestão do Currículo

A gestão do currículo a que cada escola deve proceder passa pelos órgãos de gestão do estabelecimento, pelos Departamentos e por cada um dos professores da escola, pelo que o professor deve assumir o seu papel como protagonista da reconstrução curricular.¹⁴ Assim, o professor tem um papel decisivo na gestão do currículo, sendo que uma das dimensões desse papel consiste na conceção e planeamento da ação pedagógica.¹⁵ Um planeamento que é o reflexo de uma estratégia, orientadora e flexível, através da qual se pretende que os alunos façam as aprendizagens.

Graças à gestão flexível do currículo, procurou-se interpretar o currículo formal e tomar decisões de acordo com o contexto. Deste modo, o currículo publicado foi transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor;¹⁶ sendo que as decisões tomadas se refletem nas diferentes planificações.

¹² CARVALHO [et al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 159.

¹³ Cf. SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews – *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 93.

¹⁴ Cf. LEITE, Teresa – *Planeamento e conceção da arte de ensinar*. Aveiro: Coleção Situações de Formação, 2010, p. 12-14.

¹⁵ *Ibidem*, p. 30.

¹⁶ Cf. ARENDS, RICHARD I. – *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw-Hill de Portugal, 1995, p. 44.

1.2.1 Planificação anual

A Planificação Anual foi realizada no início do ano letivo. Depois de analisado o currículo da disciplina de EMRC proposto para o 6º ano verificou-se que este contempla a lecionação de três Unidades Letivas: “A pessoa humana”, “Jesus um homem para os outros” e a “Partilha do pão”.

Para efetuar a planificação anual foram usados como base dois documentos da Escola Básica *Vallis Longus*: a Planificação anual que contém as metas, os conteúdos e objetivos constantes no currículo de EMRC para o 6º ano, e a estrutura do documento de gestão curricular do 6º ano de EMRC. Tendo como base o calendário escolar do ano letivo 2017/2018, onde se encontram contemplados os feriados e interrupções letivas, os temas das Unidades Letivas foram distribuídos pelo número de tempos letivos previstos para o presente ano letivo. Na elaboração da planificação anual constatou-se que a turma terá no total trinta e três tempos letivos distribuídos do seguinte modo: treze no 1º período, dez no 2º período e dez no 3º período.¹⁷

A planificação anual da disciplina de EMRC estende-se ao longo de três períodos, sendo que em cada período é lecionada uma UL.¹⁸ Cada UL tem determinadas metas curriculares a atingir, e o que dá “corpo” a estas metas são os objetivos e os conteúdos. O documento da planificação anual está em articulação com o documento da Gestão Curricular e complementam-se entre si.

Para realizar a avaliação foram utilizados diferentes tipos de instrumentos de avaliação, tendo como referência os critérios de avaliação da própria escola.¹⁹ Os instrumentos de avaliação foram, nomeadamente: registo de observações, trabalhos de casa, trabalhos de grupo, fichas de avaliação formativas, autoavaliação e heteroavaliação. Relativamente à metodologia, foi utilizado o método experiencial hermenêutico e a problematização.

Relativamente à sequência das Unidades Letivas propostas para o programa do 6º ano de EMRC, a UL1: A Pessoa Humana é a primeira das unidades letivas propostas; de seguida, são propostas a UL2: Jesus, um Homem para os outros, e a UL3: A Partilha

¹⁷ Cf. *Gestão Curricular, Portefólio*. In CD, p. 14.

¹⁸ Cf. *Planificação Anual, Portefólio*. In CD, p. 6-9.

¹⁹ Cf. *Critérios de avaliação, Portefólio*. In CD, p. 12.

do Pão. Foi escolhida esta sequência proposta por duas razões. Por um lado, porque existe uma lógica na sequência das várias unidades letivas que o programa de EMRC propõe para o 2º ciclo do ensino básico: na UL1, o aluno percebe que a pessoa é um ser único e irrepetível com dignidade, na UL2, conhece Jesus, verdadeira pessoa que ensinou a viver em fraternidade e, na UL3, percebe que a vida em fraternidade leva à partilha do pão; e por outro, porque fazendo um paralelo com os momentos da disciplina: 1º experiência humana, 2º confronto bíblico, 3º sensibilização para as atitudes, parece-nos fazer sentido começar o 1º período trabalhando o tema da pessoa humana partindo da experiência humana, no 2º período confrontar-se com a pessoa de Jesus nos textos bíblicos e terminar o ano lecionando no 3º período o tema da “Partilha do pão” sensibilizando para as atitudes que os alunos são incentivados a desenvolver.

Verificou-se que ao longo do ano letivo, as opções iniciais foram sendo reajustadas à realidade concreta.

1.2.2 Planificação por período

Da planificação anual partiu-se para a planificação a médio prazo ou período a período. Para realizar esta planificação foi importante proceder à reflexão acerca do currículo de EMRC proposto para o 6º ano. Uma vez que o referido currículo contempla apenas três unidades letivas, verificou-se que a planificação a curto prazo coincidiu com a planificação de uma UL.

A UL escolhida para aprofundar foi: “A pessoa humana”, lecionada no 1º período. Esta UL foi lecionada no primeiro período para o qual estão previstas treze aulas. Destas treze aulas, o tema foi desenvolvido em apenas dez, tendo em conta que as duas primeiras aulas foram de apresentação dos alunos, do professor e da disciplina, apresentação dos critérios de avaliação, indicação do material necessário para as aulas e de regras para o funcionamento destas, e as últimas duas aulas foram destinadas à realização de uma ficha formativa e respetiva correção, e à realização de auto e heteroavaliação.

O currículo explícito de EMRC, proposto para a UL “A Pessoa humana”, foi estudado e depois confrontado com a turma em causa. O referido currículo foi analisado tendo em conta as questões: “Ensinar e aprender o quê? Porquê e para quê?”²⁰.

Procurou-se perceber qual o esquema hermenêutico da unidade e programar as aulas e a sua distribuição em função desse esquema e em confronto com a turma em causa. Procurou-se ser autor curricular dando rigor e intencionalidade aos objetivos e clarificando quais os conteúdos essenciais que os alunos necessitam aprender.

Da análise reflexiva do currículo e do confronto com a turma em causa resultaram algumas decisões pedagógico-didáticas relativas a alguns conteúdos propostos pelo programa.

Refletindo acerca do melhor modo de começar a lecionar esta UL, considerou-se que seria partindo do que lhes é mais próximo: reconhecerem-se como pessoas com uma dimensão biológica e uma dimensão social. Deste modo, começou-se por abordar primeiro a dimensão biológica, depois a social e, depois, partindo desta base, apresentar a dimensão espiritual. Na sequência da abordagem às dimensões da pessoa: a pessoa na sua dimensão social e espiritual – um ser em relação com outros, foi trabalhado o tema da autenticidade como um meio para a pessoa ser mais feliz também na relação com os outros. Desta relação com os outros, levantam-se algumas questões nomeadamente os direitos e deveres da pessoa humana. Assim, seguidamente foram lecionados os temas dos direitos e deveres, inicialmente numa perspetiva histórica e seguidamente numa perspetiva da defesa dos direitos da pessoa. Depois de se abordar os direitos e deveres da pessoa humana, foram conhecidas algumas organizações de apoio à pessoa, nomeadamente uma de Valongo. Por fim foi trabalhado o tema: “Deus estabelece com o homem uma relação pessoal”.²¹ A avaliação foi formativa.

Desde o início da PES procurou-se planificar privilegiando o método experiencial hermenêutico e um tipo de avaliação contínua: através de grelhas de observação de aulas, fichas formativas e trabalhos de pesquisa adequados à turma em questão.

²⁰ Cf. ROLDÃO, Maria do Céu – *Desenvolvimento do currículo e melhoria de processos e resultados*. [consulta 10 ag. 2018]. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14705>.

²¹ Cf. *Gestão Curricular, Portefólio*. In CD, p. 14,

Tendo em conta que se procurou fazer uma gestão flexível do currículo, o documento da gestão curricular e as planificações anual e por período elaboradas inicialmente foram sujeitos a várias alterações, adaptações e melhorias.

1.3 Reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo

A primeira gestão do currículo²² realizada baseou-se sobretudo no currículo proposto pelo SNEC,²³ mas também nas planificações de longo e médio prazo²⁴ adotadas pelo grupo de EMRC da escola cooperante.

Com o decorrer do estágio foi sendo realizada uma gestão flexível do currículo. Para esta gestão flexível do currículo, foi importante o conhecimento da realidade e o estudo aprofundado do esquema hermenêutico de cada UL, após o qual se procedeu a alguns ajustes ao currículo proposto para cada UL: selecionando os conteúdos essenciais, adaptando os objetivos de modo a tornarem-se mais claros e a irem ao encontro das necessidades dos alunos. Assim sendo, o currículo explícito transformou-se num currículo real mais acessível aos alunos em questão.

Refletindo acerca da gestão do currículo realizada, verificamos que as opções efetuadas tiveram aspetos positivos e aspetos negativos. Relativamente à UL “A Pessoa Humana”, salientamos, como aspeto positivo, o ter solicitado no âmbito do tema “Organizações católicas”, a realização de um trabalho de pesquisa acerca de uma instituição local deste tipo, pois verificou-se que de modo geral os alunos estiveram interessados e ficaram a conhecer essa instituição local. No entanto, nem sempre foram tomadas as melhores decisões. Consideramos que a opção de trabalhar o tema da autenticidade como um meio para a pessoa ser mais feliz não foi a melhor, uma vez que

²² Cf. *Gestão do currículo, Portefólio*. In CD, p. 14-15.

²³ CARVALHO, Cristina de Sá [et al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: SNEC, 2014, p. 62-65.

²⁴ Cf. *Planificação Anual, Portefólio*. In CD, p. 6-9.

a pessoa é sempre autêntica, é sempre ela na sua originalidade ainda que por vezes use máscaras.

Síntese do Capítulo I

Neste primeiro capítulo, verificámos que a análise do contexto escolar, nomeadamente através da caracterização da turma, nos forneceu alguns elementos que permitiram um maior conhecimento acerca da turma e dos alunos em questão. Assim, através de uma leitura crítica dos dados recolhidos a partir das fichas de caracterização entregues aos alunos, foram tomadas opções pedagógico-didáticas para a leção da disciplina de EMRC.

A Gestão do Currículo foi realizada tendo em conta o conhecimento obtido através da caracterização da turma. Percebemos assim que a ação de ensinar requer um planeamento em função de determinados objetivos mas não deixando de ter em conta o contexto.²⁵

Com o decorrer da PES foi sendo realizada uma gestão flexível do currículo, tendo em conta o conhecimento da realidade e o estudo aprofundado do esquema hermenêutico.

²⁵ Cf. LEITE, Teresa – *Planeamento e conceção da arte de ensinar*, p. 20.

CAPÍTULO II – A UL “A PESSOA HUMANA”

No capítulo II é apresentado o enquadramento teórico acerca do tema “A Pessoa Humana e a sua dignidade à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”. Deste enquadramento teórico constam: uma reflexão histórica acerca da origem e evolução do conceito da pessoa, uma fundamentação antropológica em perspetiva teológica a partir dos contributos da antropologia bíblica e da antropologia moderna e contemporânea, uma fundamentação teológica, uma reflexão ético-teológica relacionada com a pessoa e a sua dignidade; e, por fim, é apresentada uma reflexão acerca da relevância educativa do tema em causa.

2.1. O conceito de pessoa: reflexão histórica acerca da sua origem e evolução

Na nossa reflexão acerca da pessoa humana é fundamental perceber como se foi construindo ao longo da história o conceito de pessoa, pelo que se expõe, de forma breve, como se chegou ao atual conceito de pessoa.

Muitos autores constataram que o pensamento grego não conheceu nem o termo nem o conceito de pessoa. De acordo com Ruiz de la Peña²⁶, foram vários os fatores que impediram a filosofia grega de aceder à realidade pessoal: a ideia de que o arquétipo do humano é de caráter cósmico, de que a individuação constitui uma degradação da unidade original e de que o temporal é uma manifestação acidental do universal. Assim, na terminologia antropológica grega não se encontra o conceito de pessoa, encontrando-se, no entanto, outras categorias: de essência (*ousía*), substância (*hypóstasis*) e natureza (*phýsis*). Para além destas categorias, a terminologia grega usa também o termo *próposon*, que significa máscara de teatro, a partir do qual se pensa possa ter surgido o termo latino *per-sona*.

«Na língua latina, o vocábulo *persona* indicava originalmente a máscara teatral, trágica ou cómica e, por derivação, a personagem que a usava. A filosofia estoica

²⁶ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luís – *Imagen de Dios: Antropologia teológica fundamental*. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 155-156.

adotou o termo para indicar o Homem que, por vontade do destino, deve representar um papel no Mundo.»²⁷

Na Bíblia também não se encontra o termo “pessoa”; no entanto, apesar de não conter o termo, a Bíblia contém a ideia de pessoa humana e descreve-a como um ser relacional que se percebe na referência a Deus²⁸.

A noção de “pessoa” foi mais aprofundada no âmbito do pensamento teológico cristão. Nos primeiros séculos do cristianismo, a procura de respostas às questões relativas ao carácter uno e trino de Deus e ao modo de traduzir o carácter divino e humano de Cristo, concretizada em vários debates, ajudou a clarificar e a precisar o significado de pessoa. Nestes debates em que se colocou a questão da distinção entre natureza ou essência e sujeito ou pessoa, chegou-se à conclusão de que Deus se realiza em três sujeitos divinos ou hipóstases numa só natureza ou substância (sem que se multiplique a sua natureza que continua a ser única), e de que o que constitui os sujeitos divinos não é a natureza mas é a relação. No entanto, muitos Padres da Igreja consideraram que seria melhor negar que a pessoa fosse relação, e insistir na sua substancialidade.²⁹

Entretanto, com a teologia medieval foi-se procedendo à elaboração técnica do conceito de pessoa. A primeira tentativa de obter uma definição precisa de pessoa humana deve-se a Boécio e surge no séc.V, num contexto em que é necessário clarificar conceitos e refutar e denunciar heresias relacionadas com a natureza humana e divina de Cristo.³⁰ De acordo com a definição de Boécio, recordada por Abbagnano no seu Dicionário de Filosofia, a pessoa é: «substância individual de natureza racional»³¹. Esta definição de Boécio, que veio a tornar-se um ponto de referência para os estudos medievais subsequentes deste tema,³² está centrada na categoria de substância e por isso deixa na sombra a dimensão da relação da pessoa.

²⁷ FRATALLONE, Raimondo – Pessoa. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por Salvino Leone; Salvatore Privitera. São Paulo: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 838.

²⁸ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagem de Deus*, p. 154-155.

²⁹ Cf. ABBAGNANO, Nicola – Pessoa. In *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. Coord. por Alfredo Bozzi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 761.

³⁰ Cf. BARATA-MOURA, José – Da pessoa como categoria ôntica à pessoa como categoria ética. A propósito do tema da «Pessoa» em S. Tomás de Aquino. *Didaskalia*. 4:2 (1974) 360.

³¹ Cf. ABBAGNANO, Nicola – Pessoa. In *Dicionário de Filosofia*, p. 761.

³² Cf. BARATA-MOURA, José – Da pessoa como categoria ôntica à pessoa como categoria ética, 360.

Séculos mais tarde, Ricardo de São Vítor propõe uma nova definição de pessoa tendo já em consideração o aspeto da relação. Entende a pessoa como *singularis existentia*, caracterizada pelo *ex-sistere*, o sair de fora, o referir-se ao outro, no entanto, a sua definição não contempla outra relação que não seja a da origem.

Tomás de Aquino, no séc. XIII, retomou a linha iniciada por Boécio, acentuando a dimensão da subsistência ao dizer que a pessoa é aquela realidade que existe em si e por si: «... pessoa significa o que há de mais perfeito em toda a natureza racional, a saber, o que subsiste em uma natureza racional.»³³, e excluindo a dimensão da relação³⁴. No entanto, este excluir da dimensão de relação como constitutivo da pessoa humana, por parte de Tomás de Aquino, veio a influenciar a reflexão dos anos posteriores.³⁵

Entretanto, também no séc. XIII, Duns Escoto apresenta uma definição que tem como objetivo salvaguardar a singularidade, irrepetibilidade, autonomia e independência ontológica da pessoa humana. No seu entender, a natureza é comunicável, mas a pessoa é incomunicável. Ruiz de la Peña ressalta esta aportação de Duns Escoto dizendo que esta veio iluminar retrospectivamente o porquê das definições medievais insistirem em realçar o substancial sobre o relacional.³⁶

Descartes, séc. XVI, considera que a pessoa humana se relaciona apenas consigo mesma. No entanto, Husserl, no séc. XIX, reabilita a condição pessoal do homem ao recuperar a categoria chave da relação inter-humana. Feuerbach também recorre a esta categoria chave sendo-lhe atribuído o mérito de ter descoberto a fecundidade da relação eu-tu.³⁷ Em continuidade com estas descobertas, foi-se assim instalando, ao longo do séc. XX, uma filosofia que concebe o homem em chave puramente relacional.³⁸

Analisando este percurso da evolução do conceito de pessoa até ao séc. XX, percebe-se que houve avanços e recuos que oscilaram entre uma definição de pessoa sustentada na substância e uma definição de pessoa sustentada na relação. No entanto, e

³³ Cf. TOMÁS DE AQUINO – *Suma Teológica I*, q. 29, a.3.

³⁴ Cf. TOMÁS DE AQUINO – *Suma Teológica I*, q. 29, a. 4.

³⁵ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 159.

³⁶ *Ibidem*, p. 160.

³⁷ *Ibidem*, p. 162.

³⁸ *Ibidem*, p. 164.

conforme defende Ruiz de la Peña³⁹, estes dois pólos: substância e relacionalidade, são necessários para configurar adequadamente a noção de pessoa.

2.2 Fundamentação antropológica em perspectiva teológica: diferentes contributos para a compreensão atual da pessoa humana

Para esta fundamentação antropológica recorreremos aos contributos da antropologia bíblica e da antropologia moderna e contemporânea.

2.2.1 Antropologia bíblica: a antropologia do Antigo e do Novo Testamento

Conforme afirma Ruiz de la Peña⁴⁰, a temática da criação constitui o obrigatório ponto de partida do método da antropologia teológica, uma vez que uma compreensão cristã do homem não parte dele mesmo mas da realidade que, transcendendo-o, o põe na existência. Assim, o estudo dos textos bíblicos, relativos à criação, é essencial à reflexão antropológica.

A Bíblia hebraica, tal como a cultura hebraica, utiliza três termos antropológicos para definir a pessoa humana na sua totalidade: *basar*, *nephesh* e *ruah*. O termo *basar* significa carne e é utilizado para simbolizar o parentesco ou para sugerir a sua condição de debilidade; o termo *nephesh* representa o centro vital do ser humano e é empregado para significar o que hoje designaríamos por personalidade, e o termo *ruah* significa respiração e é utilizado para falar do espírito e da abertura do homem a Deus.⁴¹ Segundo António Couto, o homem bíblico criado é, na sua totalidade, *nephesh* (alma) e, na sua totalidade, *basar* (carne).⁴²

³⁹ *Ibidem*, p. 166

⁴⁰ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luís – Sobre la estructura, método y contenidos de la antropologia teológica. *Studium Ovetense*. 8 (1980) 348-349.

⁴¹ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 20-23.

⁴² COUTO, António – *Como uma dádiva: Caminhos de Antropologia Bíblica*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002, p. 91.

O primeiro relato bíblico relativo à criação da Pessoa Humana encontra-se na perícopa do relato sacerdotal: *Gn.* 1, 26-28.

«Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.»» (*Gn.* 1, 26-28)

Nesta perícopa vemos a ação criadora de Deus. A partir do v.26 percebe-se uma quebra no relato da criação, pois aqui o autor pretendeu salientar a obra do 6º dia: a criação do homem. Quando chega a criação do homem não vemos «que se faça» mas «façamos». De acordo com António Couto⁴³, este façamos é um plural deliberativo ou declamativo que aparece pela primeira vez no aramaico da época persa. Mas este «façamos o homem» surge de uma forma única, surge com a expressão fortíssima «à nossa imagem» (aqui relativa a Deus). Esta categoria bíblica de “imagem de Deus” encontra-se aprofundada adiante no ponto 2.3.3.

O outro relato bíblico relativo à criação da pessoa humana está presente no relato yhavista: «Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo.» (*Gn.* 2,7). Segundo António Couto⁴⁴, neste relato, o homem é descrito como um «ser vivo» (*nephesh hayyah*) (*Gn.* 2,7), condição que partilha com os outros animais, resultante do pó da terra e de um beijo de Deus, insuflando-lhe (*naphah*) o «alento da vida» (*Gn.* 2,7), que os animais também possuem, mas sem referência ao beijo de Deus.

Constatamos assim que tanto no relato sacerdotal (*Gn.* 1) como no relato yhavista (*Gn.* 2) o ser humano é apresentado como criatura de Deus, criado por Deus na sua totalidade. Para Ruiz de la Peña⁴⁵, o ser humano é descrito no Antigo Testamento como sujeito de uma tripla relação constitutiva: com o mundo, os demais seres vivos e Deus; sendo que destas três dimensões, a relação qualitativamente mais importante é a relação Deus-homem. Também para António Couto⁴⁶ a relação Deus-homem é

⁴³ Cf. COUTO, António – *Caminho da vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005, p. 220.

⁴⁴ IDEM – *Como uma dádiva*, p. 86.

⁴⁵ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 25.

⁴⁶ Cf. COUTO – *Como uma dádiva*, p. 89.

fundamental na Bíblia, de tal forma que o homem bíblico morre quando deixa de estar em relação com Deus.

Relativamente ao Novo Testamento, Ruiz de la Peña⁴⁷ salienta que também os três primeiros evangelhos apresentam o ser humano como criatura de Deus, que se relaciona com Deus, e que por isso é o valor mais alto da criação. Assim, existem linhas de pensamento idênticas no Antigo e no Novo Testamento, relativamente ao ser humano.

António Couto⁴⁸ destaca três marcas distintivas da antropologia bíblica falada em hebraico ou grego, seja veterotestamentária ou neotestamentária: 1) afirma a unidade substancial psicobiológica do homem vivo, 2) refere a criação do homem por parte de Deus o que pressupõe uma relação de dependência entre o criado e o criador, e 3) sublinha a bondade do homem.

Conforme vimos, a Bíblia apresenta-nos a pessoa humana criada à imagem de Deus, na sua totalidade alma e na sua totalidade carne, com capacidade para se relacionar com o Mundo, com os outros seres vivos e com Deus, sendo esta última relação vital para ela.

2.2.2 A antropologia moderna e contemporânea

É curioso constatar que terá sido apenas a partir do séc. XVI que se começou a utilizar o termo *anthropologia*. Esta «nova antropologia», que acabou por se tornar no fundamento da cultura secular nascida depois das guerras de religião dos séculos XVI e XVII, desligou-se das dogmáticas confessionais e da metafísica tradicional aristotélica e colocou cada vez mais em segundo plano a importância constitutiva que a relação religiosa tem para o ser homem.⁴⁹

A antropologia moderna começou a definir o homem não a partir da relação com Deus, como o fazia explicitamente a tradição cristã, mas considerando o seu lugar na

⁴⁷ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 63.

⁴⁸ Cf. COUTO – *Como uma dádiva*, p. 96.

⁴⁹ Cf. PANNENBERG, Wolfhart – *Antropología en perspectiva teológica: implicaciones religiosas de la teoría antropológica*. Salamanca: Sígueme. 1993, p. 22-23.

natureza. A tradição metafísica cristã tinha fundamentado o lugar único do homem a partir do conceito de alma espiritual, concedido exclusivamente a ele, e que, de acordo com o sentido bíblico e cristão, conferia ao homem uma dignidade superior. No entanto, no decurso do séc. XIX foi-se tentando superar o dualismo corpo-alma e entender a natureza do homem a partir da sua corporalidade estabelecendo-se, deste modo, uma base de comparação entre os homens e os animais. Segundo Pannenberg⁵⁰, a decisão de admitir apenas este modo de consideração para emitir enunciados sobre o homem e a sua natureza, constituiu a viragem decisiva que conduziu à forma contemporânea da antropologia. Para esta viragem, foi muito importante a contribuição do behaviourismo que destacou os condicionamentos corporais e as particularidades da conduta humana. O behaviourismo dedicou os seus trabalhos antropológicos a reduzir a ação humana à sua conduta exteriormente observável mas com isso, e tentando evitar a noção de consciência, começou a adotar uma postura negativa relativamente ao lugar principal do homem na natureza.⁵¹

Max Scheler também procura interpretar o homem a partir da sua corporalidade, mas demarca-se ao reconhecer no homem uma posição singular no domínio da vida animal devido à sua abertura ao mundo. Para ele, o homem é um ser espiritual e o espírito manifesta-se não só na consciência que o homem tem de si mesmo, mas expressa-se, antes de tudo, no comportamento do ser humano tornando-o capaz, por exemplo, de inibir os seus instintos.⁵²

De certo modo, em contraste com Scheler, Gehlen procura explicar o comportamento do homem sem fazer referência ao espírito. Concebe que a inibição das pulsões está relacionada com a biologia e não com o espírito e que o homem é criador de si mesmo e constrói-se graças à sua ação. Apesar desta conceção de Ghelen ter encontrado muitos críticos, o facto é que se impôs como a forma clássica da antropologia filosófica contemporânea⁵³.

Na continuação do pensamento de Ghelen, Herder também entende que o homem se vai autoaperfeiçoando, mas não se identifica com o recurso unilateral de Gehlen à ação como princípio da autorrealização humana. Para compreender o processo

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, p. 29-34.

⁵¹ *Ibidem*, p. 36.

⁵² *Ibidem*, p. 34-43.

⁵³ *Ibidem*, p. 48-49.

de autocompreensão do homem, Herder pressupõe a razão e a liberdade e considera que em vez dos instintos animais há no homem uma direção vital de aperfeiçoamento que lhe foi dada por Deus e que isso corresponde ao ser homem à imagem e semelhança de Deus⁵⁴.

Herder vai “repescar” o conceito de “*imago Dei*”, no entanto, afasta-se da dogmática cristã tradicional ao afirmar que essa imagem de Deus não existe desde o começo da história da humanidade, mas está em desenvolvimento⁵⁵.

Mais recentemente Rahner e Pannenberg seguem uma linha de pensamento próxima da de Herder. Rahner considera que o ser humano, em virtude da sua constituição antropológica, está aberto à possível revelação e autocomunicação de Deus, uma autocomunicação que se dá historicamente. Pannenberg (1972) busca uma fundamentação cristológica para a antropologia cristã, tendo como elementos importantes da sua reflexão a dimensão de historicidade constitutiva do ser humano e a abertura radical para uma determinação que não é dada, mas que será realizada historicamente⁵⁶.

2.3 Fundamentação teológica

Para concretizar a fundamentação teológica da temática “A pessoa humana” foram objeto de reflexão várias questões: a questão alma-corpo, a unidade e a irrepetibilidade da pessoa humana e a noção de “imagem de Deus”.

2.3.1 A questão alma-corpo: evolução histórica

A filosofia grega desde os seus inícios, sobretudo com Pitágoras, Empédocles e Platão, cultivou o filão da divindade original e ontológica da alma, do seu desterro/enterro no corpo e do seu retorno à sua condição anterior mediante a iniciação e

⁵⁴ *Ibidem*, p. 54-55.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 58.

⁵⁶ Cf. RIBEIRO, Elton Vitoriano – Antropologia teológica e hermenêutica. *Horizonte Teológico*. 11: 21 (2012) 35.

ascese.⁵⁷ Entretanto Aristóteles eliminou o velho mito órfico da divindade original da alma (*psyché*), da sua preexistência e queda num corpo-cadáver, e ultrapassou o dualismo platónico e pré-platónico, afirmando que o homem é uma única substância em ato e não um composto de duas substâncias distintas: «alma» e «corpo».⁵⁸ Apesar desta revolução operada por Aristóteles, ficaram marcas profundas na cultura ocidental relativas ao filão dualista, nomeadamente as ideias de que o homem é composto pelo binómio corpo-alma, e de que o corpo e o mundo são fontes de mal.⁵⁹

Com a Bíblia surge a ideia de homem como um todo unitário criado por Deus e a ideia do homem como um ser relacional, com uma tripla relação de dependência: relativamente a Deus, ao mundo e ao outro.⁶⁰ O homem bíblico é, na sua totalidade, *nepesh* (alma) e, na sua totalidade, *básar* (carne).⁶¹ No AT, qualquer um dos termos *básar* (carne), *ruah* (espírito) ou *leb/lebab* (coração) nomeiam *todo* o ser humano, na sua complexa dimensão.⁶² Assim, o homem bíblico é descrito no Antigo Testamento como uma unidade multidimensional. Também o NT apresenta uma conceção unitária do homem, alheada do dualismo helénico.⁶³ Nem nos escritos paulinos, nem nos evangelhos sinóticos, se encontra a contraposição dualista alma-corpo.

Num ambiente cultural greco-latino, em que os primeiros pensadores cristãos procuraram expandir o cristianismo e transmitir a imagem de pessoa humana, existente na Bíblia, como um todo unitário, a oposição alma-corpo fazia parte da antropologia dominante e representava uma ameaça para o cristianismo. Assim, os primeiros escritores cristãos, apesar da sua formação cultural helenista, reivindicaram unanimemente a unidade do homem⁶⁴ apresentada na Bíblia, tendo-se distinguido duas tendências diferentes relativamente ao modo de conceber esta unidade: a corrente de tradição alexandrina, ocidental e helenista que sublinha a dimensão espiritual e a corrente de inspiração asiático-antioquena que sublinha a dimensão corporal. A corrente de inspiração asiático-antioquena (da qual se destacam Santo Ireneu e Tertuliano,

⁵⁷ Cf. COUTO, António – *Como uma dádiva*, p. 78.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 79.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 80.

⁶⁰ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 154.

⁶¹ Cf. COUTO, António – *Como uma dádiva*, p. 91.

⁶² Cf. FERNÁNDEZ CASTELAO, Pedro – El ser humano como «unidad multidimensional». Más allá de la oposición «cuerpo y alma». *Sal Terrae*. 98 (2010) 397.

⁶³ *Ibidem*, p. 400.

⁶⁴ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 94.

Padres da Igreja) defendia que o homem é imagem de Deus enquanto corpo-carne, e a corrente de inspiração helenista (da qual se destacam Clemente e Orígenes) considerava que na alma está a sede da imagem divina e o específico do ser humano.⁶⁵

Santo Agostinho, no séc. IV, parece seguir esta tendência de inspiração helenista ao salientar a importância da alma e do espírito relativamente ao corpo.⁶⁶ Neste século é ainda de destacar o Concílio de Constantinopla que clarifica que o corpo pertence à condição humana, mas não esclarece que tipo de união se dá entre os dois elementos constitutivos da mesma.⁶⁷

A teologia medieval herdou esta dificuldade de esclarecer qual a natureza da união entre corpo e alma e por isso os teólogos medievais oscilaram entre o platonismo e o aristotelismo.⁶⁸ Nesta época destaca-se São Tomás de Aquino que concebe a pessoa como uma unidade substancial entre alma e corpo.⁶⁹ Também o Concílio de Vienne veio reforçar esta ideia ao afirmar que alma e corpo se unem substancialmente.⁷⁰

Entretanto, desde o Concílio de Vienne, e durante os sete séculos seguintes não surgiram novas aportações originais relativamente a esta temática, e só no Concílio Vaticano II é que aconteceu uma nova aproximação ao tema.⁷¹ O documento do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, no seu ponto 14, por um lado mantém a linguagem tradicional para explicar a constituição do homem, mas por outro, usa dois novos termos: “condição corporal” e “interioridade: «Na unidade de corpo e alma, o homem, pela sua condição corporal, é uma síntese do mundo material (...) Pela sua interioridade excede, com efeito, o universo...».⁷²

Pedro Castelao⁷³ sublinha o impulso renovador latente nas afirmações emanadas pelo Concílio, mas considera que seria mais adequado falar de “condição corporal”

⁶⁵ *Ibidem*, p. 97.

⁶⁶ AGOSTINHO – Del Génesis a la letra, XII, 16, 33, in *Obras de San Agustin Tomo XV*. Madrid: B.A.C., p. 1219. «De nenhum modo o corpo é mais excelente que o espírito; pelo contrário, o espírito é superior ao corpo de um modo excelentíssimo.»

⁶⁷ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 100-101.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 102.

⁶⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO – *Suma Teológica II*. q. 75, a. 1. «É preciso considerar o homem como composto de substância espiritual e corporal.»

⁷⁰ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 111.

⁷¹ *Ibidem*, p. 113.

⁷² IGREJA CATÓLICA – *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, 14, in Concílio Ecuménico Vaticano II. *AAS*. 58 (1966) 1025-1115. (A partir daqui a designação será *GS*)

⁷³ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 113-129.

como uma característica do ser humano do que referir-se, sem mais, ao corpo e alerta também para a tensão interna existente no texto que o faz oscilar entre o “dualismo conceptual” dos conceitos clássicos e a visão unitária e evolutiva que formula. Karl Rahner⁷⁴ veio clarificar que a diferenciação “alma” e “corpo” não poderia ser corretamente entendida se, a priori, não se considerasse o homem como um todo, na sua unidade ontológica.

Concluindo, podemos afirmar que apesar de na Bíblia o homem aparecer como um todo unitário, houve, no entanto, durante um longo período de tempo, devido sobretudo à influência do pensamento de São Tomás de Aquino, alguma dificuldade em aceitar a compreensão do homem como um todo unitário. Só muitos séculos mais tarde, com o Concílio Vaticano II, foi retomada a ideia da pessoa humana como um todo unitário, sendo que para a teologia atual a questão corpo-alma só poderá ser corretamente percebida a partir da identidade unitária do homem patente na Bíblia.

2.3.2 A unidade e irrepitibilidade da pessoa humana

Como já foi referido atrás, os primeiros pensadores cristãos procuraram transmitir a ideia unitária de homem existente na Bíblia. No entanto, a afirmação da unicidade do homem por parte do Magistério foi um processo gradual que demorou muitos séculos.

Existem marcos representativos da progressão crescente que o Magistério foi fazendo até à afirmação atual da unidade do Homem: 1) os textos magisteriais, até Latrão IV inclusive, que falam de uma natureza humana constituída por corpo e alma, 2) o concílio de Vienne que sublinha que alma e corpo se unem substancialmente e 3) o concílio Vaticano II que assegura categoricamente que o homem é uno em corpo e alma.» Em *GS 14* é recuperado o carácter unitário do homem presente na Bíblia: «O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza

⁷⁴ RAHNER, Karl – *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Herder, 1968, p. 19.

corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador.».⁷⁵

São vários os teólogos reconhecidos que afirmam que a pessoa humana se compreende como um ser uno. Karl Rahner⁷⁶ defende que o homem é uma unidade complexa ultimando-se numa única essência; Ladaria,⁷⁷ por sua vez, também defende que nos experimentamos como uma unidade, que o nosso psiquismo e a nossa corporalidade estão unidos, condicionam-se reciprocamente e que por isso não existe uma subjetividade humana separada do corpo. Jesús Silva fala na expressão “corpo-de homem” para designar a pessoa como unidade material e espiritual, sem dualismo real e na qual se podem distinguir alma e corpo mas segundo uma divisão mental e não real.⁷⁸ Pedro Castela segue uma linha de pensamento idêntica ao afirmar que o ser humano se compreende como «unidade multidimensional», além da oposição «corpo e alma».⁷⁹

Do atrás exposto concluímos que, no Magistério e na teologia atual, é consensual a consideração da pessoa como um ser uno no qual coexiste uma realidade material e uma realidade espiritual.

Para além da pessoa existir como um ser uno, ela existe também como um ser único e irrepetível. Um ser com uma identidade própria e características próprias físicas e psíquicas que o distinguem de todos os outros. O documento da Doutrina Social da Igreja, no seu ponto 131, salienta a irrepetibilidade e singularidade do homem:

«O homem existe como «eu», capaz de autocompreender-se, de autopossuir-se, de autodeterminar-se. A pessoa humana é um ser inteligente e consciente, capaz de refletir sobre si mesma e, portanto, de ter consciência dos próprios atos. (...) A pessoa humana há de ser sempre compreendida na sua irrepetível e ineliminável singularidade. O homem existe, com efeito, antes de tudo como subjetividade, como centro de consciência e de liberdade.»⁸⁰

⁷⁵ IGREJA CATÓLICA – GS 14, in Concílio Ecuménico Vaticano II. *AAS*. 58 (1966) 1025-1115.

⁷⁶ RAHNER – *Antropologia: problema teológico*, p. 16.

⁷⁷ LADARIA, Luis F. – *Antropologia Teológica*. Casale Monferrato: Piemme, 1995, p. 138.

⁷⁸ SILVA, Jesús – Qué es la persona? *Communio*. 24:3 (2002) 555.

⁷⁹ Cf. FERNÁNDEZ CASTELAO, Pedro – El ser humano como «unidad multidimensional», 395.

⁸⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia. 2005, 131.

2.3.3 Noção de “imagem de Deus”

Nos pontos seguintes é aprofundada a noção de “imagem de Deus” segundo diferentes perspectivas: a perspectiva da Escritura e da Tradição, e as perspectivas da crítica Moderna, do Concílio Vaticano II e da teologia atual. A categoria bíblica «imagem de Deus» é ainda aprofundada relativamente à dimensão da relacionalidade.

2.3.3.1 A *imago Dei* na Escritura e na Tradição

No primeiro relato da Criação, na perícopa *Gn.* 1,26-28, relativa ao texto de tradição sacerdotal *Gn.* 1,1-2,4, do séc. VI a. C., é possível encontrar a designação “imagem de Deus”. Este relato, que descreve toda a Criação, termina com a criação do homem, cume de toda a obra criada por Deus: «...Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» (*Gn.* 1, 26-28). Segundo Gianfranco Ravasi⁸¹, esta passagem do Génesis tenta descobrir a razão teológica do homem mediante uma expressão célebre duas vezes ritmada no texto: o homem é «imagem e semelhança de Deus». Diz este autor que a via privilegiada para conhecer a Deus é o homem por ser a sua mais parecida representação. Nesta perícopa, situada no contexto da tradição sacerdotal muito centrada no tema da aliança, vemos como o homem recebe de Deus o seu ser imagem que lhe confere uma reciprocidade relacional; assim, o homem porque criado à imagem de Deus tem capacidade de se relacionar com Ele. (cf. *GS 12*)

Também o salmo 8, ainda que não refira explicitamente a expressão “imagem de Deus”, parece conter subentendida a ideia de pessoa humana criada à imagem de Deus. Este salmo apresenta a grandeza do ser humano superior a toda a criação. Comentando os versículos 6 e 7 deste salmo: «Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste a seus

⁸¹ RAVASI, Gianfranco – *Guía Espiritual del Antiguo Testamento: El Libro del Génesis (1-11)*. Barcelona: Editorial Herder, 1992, p. 50.

pés» vv 6-7, relativamente à função divina confiada ao homem, diz Weiser que: «Neste sentido pode-se falar aqui de “imagem de Deus”.»⁸²

No Novo Testamento continuamos a encontrar, sobretudo nos escritos de Paulo, a designação de imagem de Deus, mas associada a uma outra perspectiva. Para Paulo, Cristo é: «a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura.» (*Col.* 1,15) e a forma de o homem chegar à imagem de Deus é tentar reproduzir em si a imagem de Cristo.

Esta noção bíblica de imagem de Deus foi também aprofundada pelos Padres da Igreja. O desenvolvimento do conceito da imagem na teologia patrística seguiu duas linhas de orientação diferentes: uma, em conformidade com a tradição da escola alexandrina, defendia que a criação à imagem de Deus refere-se à alma, e que o homem não é “a imagem” mas foi criado “segundo a imagem” que é o Logos eterno de Deus; a outra, em conformidade com a tradição da escola asiática e africana, defendia que não só o Verbo invisível é imagem de Deus mas também o Verbo encarnado, e não só a alma mas especialmente o corpo foram criados à imagem e semelhança de Deus. Clemente e Orígenes são representantes da escola alexandrina e Santo Ireneu e Tertuliano são representantes da escola asiática e africana.⁸³ Com Santo Ireneu surge também a imagem trinitária; mas de acordo com Ladaria⁸⁴, será sobretudo com Santo Agostinho que se afirma no Ocidente a concepção do homem como imagem da Trindade.⁸⁵

Começam assim a desenhar-se duas concepções históricas do conceito “imagem de Deus”: a concepção substancialista da imagem de Deus e a concepção relacional da imagem de Deus. De acordo com a concepção substancialista da imagem de Deus, a espécie humana possui certas características que a tornam semelhante ao ser divino. Segundo a concepção relacional da imagem de Deus, o ser imagem de Deus não está relacionado com o possuir determinadas características, mas com o ser e fazer qualquer

⁸² WEISER, A. – *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 98.

⁸³ Cf. LADARIA – *Introducción a la Antropología Teológica*, p. 64 – 65.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 66

⁸⁵ O Tratado *De Trinitate*, constituído por quinze livros, contém a investigação de Agostinho acerca da imagem de Deus no homem. No XIV livro, Agostinho defende a criação do homem à imagem da Trindade: «Entretanto, em relação àquela imagem proclamada nos livros santos: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança (*Gn* 1,26), como não está escrito: “à minha” ou “à tua”, cremos que o homem foi criado à imagem da Trindade.» (AGOSTINHO – *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 476) Também no XV livro das Obras de Santo Agostinho (p. 873) *Del Génesis a la letra*, Agostinho escreve: «Sólo en esto es más excelente el hombre, en haberlo hecho a imagen y semejanza de El»

coisa.⁸⁶ Esta concepção relacional surge com os reformadores do séc. XVI que romperam com a concepção substancialista da imagem de Deus. Para Lutero a imagem de Deus estava dependente de uma relação positiva entre Criador e criatura.⁸⁷ Assim, de acordo com os reformadores, a *imago Dei* consiste na relação efetiva com Deus, enquanto que, para a escolástica latina medieval, a *imago Dei* é o suposto desta e corresponde à propriedade estrutural da essência do homem.⁸⁸

Constata-se assim que a questão da *imago Dei* tem uma importância muito importante não só na Escritura mas também na Tradição. Partindo da análise deste conceito, muitos pensadores cristãos tentaram retirar ilações acerca da concepção da pessoa humana.

2.3.3.2 A crítica Moderna e a *imago Dei* no Concílio Vaticano II e na teologia atual

Na idade moderna, as circunstâncias alteraram-se: «A concepção de um universo que progride graças à ciência moderna passou a ocupar o lugar da ideia clássica de um cosmos feito à imagem divina, deslocando assim um elemento importante da estrutura conceptual que servia de apoio à teologia da *imago Dei*»⁸⁹. Devido a esta mudança na forma de pensar, a teologia da *imago Dei* foi objeto de muitas críticas. De acordo com o DCTI: «o mais significativo dentre os fatores que minaram a teologia da *imago Dei* foi a concepção da pessoa humana como sujeito autónomo que se autoconstitui, separado de qualquer relação com Deus.»⁹⁰. Nesta perspectiva, o homem não é criado à imagem de Deus, e Deus é uma projeção do homem.

Estas tendências contrárias à teologia da imagem prolongaram-se até à primeira metade do séc. XX. Entretanto, graças ao estudo das Escrituras, dos Padres da Igreja e

⁸⁶ Cf. HALL, Douglas John – *Être image de Dieu*. Canada: Bellarmin, 1998, p. 149-162.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 166.

⁸⁸ Cf. PANNENBERG – *Antropologia en perspectiva teológica*, p. 61.

⁸⁹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – *Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus*, 2004, 19. [consulta 4 jul. 2018]. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html.

⁹⁰ *Ibidem*

dos grandes teólogos da Escolástica, assistiu-se a uma progressiva recuperação do interesse pela teologia da *imago Dei* durante toda a segunda metade do século XX.⁹¹

O Concílio Vaticano II retomou e deu um novo impulso à categoria bíblica de “imagem de Deus” explicitando que: «A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado “à imagem de Deus”, capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus.» (GS 12)

Depois do Concílio Vaticano II, a doutrina da *imago Dei* foi adquirindo uma relevância cada vez maior no ensinamento do Magistério e na pesquisa teológica. O documento “Comunhão e serviço: a pessoa criada à imagem de Deus”, elaborado pela Comissão Teológica Internacional, também é disso expressão. Com este documento, a referida comissão pretendeu: «reafirmar a verdade que a pessoa humana é criada à imagem de Deus para gozar da comunhão pessoal com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e, neles, com os outros seres humanos, e para exercer, em nome de Deus, uma administração responsável sobre o mundo criado.»⁹²

A teologia atual entende a *imago Dei* ainda em devir. M. Flick e Z. Alszechy são disso exemplo. Segundo estes teólogos, o homem é criado à imagem de Deus na medida em que se vai construindo progressivamente como pessoa ao entrar em diálogo com Deus.⁹³

Assim, a teologia da *imago Dei*, depois de uma fase de decadência na Idade Moderna, foi retomada e valorizada com o Concílio Vaticano II e desde aí foi adquirindo uma relevância cada vez maior para o Magistério e para a teologia. É interessante perceber que a perspectiva de uma *imago Dei* em devir, de uma criação progressiva da pessoa humana, porque entra em diálogo com Deus, adquire também uma maior relevância para a própria pessoa humana.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 21.

⁹² COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – *Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus*. [consulta 4 jul. 2018]. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html.

⁹³ Cf. FLICK, Maurizio; ALSZEGHY, Zoltan – *Antropologia teológica*. 7ª ed. Salamanca: Editorial Sígueme, 1993, p. 111.

2.3.3.3 A *imago Dei* e a relacionalidade

De acordo com a Bíblia, a pessoa humana é criada à imagem de Deus não para estar sozinha, mas para ser um ser de relação: com Deus, com o Mundo e com as outras pessoas. A seguinte perícopes: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.» (Gn. 1,27) é expressão de uma das formas de comunhão para que a pessoa humana foi criada.

O Documento *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II sublinha a dimensão social da pessoa humana. Os números doze e vinte e cinco deste documento referem que o ser humano é, estruturalmente, um ser social que desenvolve as suas capacidades na relação com os outros.

Um dos filões em que se desenvolve a doutrina da *imago Dei* é a comunhão. Segundo o Documento da Comissão Teológica Internacional Comunhão e Serviço: “A Pessoa Humana Criada à Imagem de Deus”, os seres humanos, criados à imagem de Deus, são pessoas orientadas para a comunhão com Deus e recíproca.⁹⁴ Com este documento, é ressaltado uma vez mais que a dimensão social e a capacidade de relação da pessoa são constitutivas da pessoa e advêm-lhe de ser criada à imagem e semelhança de Deus. Porque é criada à imagem e semelhança de Deus a pessoa tem a capacidade de se comunicar para fora de si mesma e de se relacionar com Deus, com os outros e com o Mundo.

A teologia atual sublinha a importância da alteridade na construção da pessoa. Juan Alfaro defende que: «a pessoa não pode realizar-se senão na alteridade, ou seja, em dar-se aos outros e em receber deles.»⁹⁵, e de acordo com Leonardo Boff: «O tu é um outro eu, diverso, aberto ao eu do outro. É neste jogo de diálogo eu-tu que a pessoa humana vai construindo a sua personalidade.»⁹⁶ Através do confronto com os outros o homem vai-se conhecendo melhor e construindo-se como pessoa, daí a importância das relações humanas. Aliás, as primeiras etapas da vida humana exigem de tal forma a comunidade que sem ela essa vida não consegue realizar-se humanamente.⁹⁷

⁹⁴ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 25.

⁹⁵ Cf. ALFARO – *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios*, p. 219.

⁹⁶ BOFF, Leonardo – *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 80.

⁹⁷ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 204.

Verificamos que na Bíblia, nos documentos da Igreja e na teologia atual, é sublinhada a dimensão relacional da pessoa humana como uma das suas características constitutivas. No entanto, num tempo de um crescente individualismo, em que cada vez existem menos relações humanas e em que a comunicação se faz cada vez mais tendo como intermediária a tecnologia, podemos questionar-nos: Até que ponto a nossa sociedade está ou não a favorecer a “construção” de pessoas humanas?

2.4 Reflexão ético-teológica: a pessoa humana e a sua dignidade

Neste ponto, depois de uma breve contextualização histórica do conceito de dignidade da pessoa humana, é realizada uma reflexão relativamente à dignidade da pessoa humana e ao seu agir ético à luz da categoria bíblica de imagem de Deus.

2.4.1 Breve contextualização histórica do conceito de dignidade da pessoa humana

Desde muito cedo o homem questionou-se acerca das características específicas que o diferenciam dos outros animais: a sua dignidade, liberdade e criatividade. Segundo Ruiz de la Peña,⁹⁸ na busca de uma explicação a estas três constantes da experiência que o homem faz de si mesmo está contido virtualmente todo o enigma do ser humano.

A ideia de dignidade humana existe desde a Antiguidade Clássica através do estoicismo, pensamento filosófico que se desenvolveu durante seis séculos, desde 321 a.C. até à segunda metade do século III da era cristã. Este pensamento filosófico organizou-se em torno de algumas ideias centrais, tais como: «a unidade moral do ser humano e a dignidade do homem, considerado filho de Zeus e possuidor, em

⁹⁸ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 93.

consequência, de direitos inatos e iguais em todas as partes do mundo, não obstante as inúmeras diferenças individuais e grupais.»⁹⁹

Mas a ideia de dignidade humana foi-se construindo ao longo da história com o contributo de outras doutrinas e tradições. Para a mesma interrogação acerca da dignidade da pessoa humana foram surgindo ao longo do tempo respostas diversas. São Tomás coloca o homem no vértice da natureza criada, uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus, capaz de orientar as suas opções para Ele, conquistando assim a sua dignidade; Kant considera que o homem possui uma dignidade intocável por causa da sua racionalidade, voluntariedade e autonomia, e Schiller, reportando-se a Kant, diz que o homem tem dignidade porque é capaz de liberdade de espírito.¹⁰⁰

Constatamos que ao longo da história, foram surgindo entendimentos diferentes acerca do conceito de dignidade humana. Assim, importa perceber e compreender qual será a ideia comum que, atualmente, diferentes perspetivas têm de dignidade humana. De acordo com Vítor Coutinho, «a dignidade humana pode ser vista como o núcleo irrenunciável de um ethos racional e natural que reclama reconhecimento universal. Ela exprime aquilo que torna humano o ser humano».¹⁰¹ Já o dicionário de bioética apresenta a seguinte definição de dignidade: «o termo “dignidade” indica um atributo universalmente comum a todos os homens, sem cujo reconhecimento não poderá haver liberdade nem, muito menos, justiça ou paz, uma característica específica nossa e que nos coloca num grau superior em relação a todos os outros seres existentes na Terra.»¹⁰²

Concluimos assim que é consensual a ideia de que a dignidade é um fundamento constituinte e característico da pessoa humana que lhe confere um valor superior aos demais seres vivos.

⁹⁹ COMPARATO, Fábio Konder – *Afirmção histórica dos Direitos Humanos*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p. 12.

¹⁰⁰ ARDITA, M.G. – Dignidade Humana. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por Salvino Leone, Salvatore Privitera, São Paulo: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 276-277.

¹⁰¹ COUTINHO – *Introdução à Ética Teológica*, p. 77.

¹⁰² ARDITA, M.G. – Dignidade Humana, p. 275.

2.4.2 Reflexão ética à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”: a dignidade da pessoa humana e o seu agir ético

«Que a dignidade é própria do ser humano há que deduzi-lo da razão e da revelação.»¹⁰³ No entanto, nesta reflexão sublinha-se sobretudo a importância dos dados da revelação para a afirmação da dignidade da pessoa, pois, como afirma Adela Cortina, estes dados recordam-nos o valor absoluto da pessoa humana.

«Para estabelecer a coerência do dado de consciência exposto - o valor absoluto do que nasce das pessoas – são insuficientes as categorias criadas pela razão. Não há recurso mais lógico do que conectar esse dado oferecido pela revelação como um elemento inovador, segundo o qual o homem tem um valor absoluto e é um fim em si mesmo porque é imagem e semelhança de Deus. Este facto não se apresenta pontualmente no livro do Génesis. A História da Salvação é história da presença ativa de Deus recordando o valor absoluto dos homens. (...) este valor está em cada homem, como homem, porque a sua humanidade é já imagem divina.»¹⁰⁴

Como já referimos atrás, tanto no AT como no NT, é possível encontrar referências acerca do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Esta foi a premissa a partir da qual o cristianismo extraiu a consequência de que todo o ser humano é dotado de um valor próprio que lhe é intrínseco.¹⁰⁵ Tal como a restante criação também a pessoa humana foi criada por Deus, no entanto, segundo a visão bíblica a pessoa humana tem uma dignidade própria, é a única criatura a quem Deus dirigiu a palavra: «Invoca-me, e Eu te responderei e te revelarei coisas grandes e misteriosas, que não conheces.» (*Jr.* 33,3) Assim, a sua dignidade advém-lhe do que lhe pertence de modo exclusivo: «de ser imagem do próprio Deus, que o fez diferente de todos os seres criados e superior a eles.»¹⁰⁶

O Concílio Vaticano II ao aprofundar a temática da dignidade da Pessoa Humana, também retomou a categoria bíblica de “imagem de Deus” para dar

¹⁰³ RAHNER, Karl – *Escritos de Teologia II*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2ªed., 2002, p. 232.

¹⁰⁴ CORTINA, Adela – *Ética mínima. Introducción a la filosofía práctica*. Madrid: Tecnos, 6ª ed., 2000, p. 129.

¹⁰⁵ Cf. SARLET, Ingo Wolfgang – *Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 9ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012, p. 28.

¹⁰⁶ ARDITA, M.G. – *Dignidade Humana*, p. 276.

consistência às exigências éticas a respeito do homem.¹⁰⁷ A *Gaudium et Spes* dedica o primeiro capítulo à Dignidade da Pessoa Humana, e começa exatamente por recordar que: «A Bíblia ensina que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.» GS 12. A fundamentação da dignidade do homem com referência a Deus é por várias vezes explicitada neste capítulo. Os números 19 e 21 sublinham que a relação do homem com Deus possibilita a dignidade do humano: «A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus.» (GS 19), «o reconhecimento de Deus de modo algum se opõe à dignidade do homem, uma vez que esta dignidade se funda e se realiza no próprio Deus.» (GS 21); e o n° 12 sublinha a superioridade do homem relativamente às outras criaturas: «o homem foi criado «à imagem de Deus», capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus.» (GS 12). Também a igualdade fundamental entre os homens, à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”, foi salientada no n° 29 deste texto conciliar: «A igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem; e, remidos por Cristo, todos têm a mesma vocação e destino divinos.» (GS 29).

Depois do Concílio Vaticano II, também João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, recorreu à categoria bíblica de “imagem de Deus” para fundamentar a dignidade da pessoa humana.

«A dignidade da pessoa aparece em todo o seu fulgor, quando se consideram a sua origem e o seu destino: criado por Deus à Sua imagem e semelhança e remido pelo sangue preciosíssimo de Cristo, o homem é chamado a tornar-se «filho no Filho» e templo vivo do Espírito, e tem por destino a vida eterna da comunhão beatífica com Deus. (...) Em virtude da sua dignidade pessoal, o ser humano é *sempre um valor em si e por si*, e exige ser considerado e tratado como tal, e nunca ser considerado e tratado como um objecto que se usa, um instrumento, uma coisa.»¹⁰⁸

Mais recentemente, o Magistério da Igreja através do Documento Doutrina Social da Igreja, no capítulo dedicado à pessoa humana, volta a salientar que a dignidade da pessoa lhe advém de ser criada à imagem de Deus: «por ser à imagem de

¹⁰⁷ FLECHA ANDRÉS, José Roman – La opción por el hombre, imagen de Dios, en la ética. In *Semanas de estudios trinitarios - El hombre, Imagen de Dios*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1989, p. 137.

¹⁰⁸ IGREJA CATÓLICA – Papa, 1978 – 2005 (João Paulo II) – *Christifideles Laici*. n.37 [Exortação Apostólica de 30 de dezembro de 1988] AAS. 80 (1988) 396-431

Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas uma coisa, mas alguém.»¹⁰⁹

Como já foi referido anteriormente, a categoria bíblica de imagem de Deus ajuda a explicitar a dignidade da pessoa humana. Marciano Vidal defende que a “dignificação ética” da pessoa se apoia sobre a “dignidade ontológica” da condição humana e que a categoria bíblica de imagem de Deus proporciona o fundamento ontológico para a ulterior construção ética dos direitos humanos¹¹⁰. Jürgen Moltmann para quem: «A dignidade dos homens é a raiz de todos os direitos humanos.»¹¹¹, foi um dos teólogos que colocou em evidência o contributo que a categoria bíblica “imagem de Deus” tem a dar para a abordagem da dignidade humana, e conseqüentemente, para a abordagem dos direitos humanos.

Também o Dicionário de Bioética, ainda que não usando os termos “imagem de Deus” usa o termo “criatura” que remete para a Criação por parte de Deus: «A pessoa humana com a sua dignidade de criatura racional encerra em si direitos sagrados cujo respeito é exigido não só pelo bem individual mas também pelo interesse social.»¹¹² Entre os direitos da pessoa humana, Jürgen Moltmann¹¹³ distingue três grupos: os direitos humanos individuais, os direitos sociais e o direito à vida. Ruiz de la Peña sublinha que a existência de Deus tem necessariamente implicações na relação consigo mesmo e com o outro. Na relação consigo mesmo, porque Deus cria gratuitamente e por isso a vida é um dom gratuito, e na relação com os outros, porque o outro surge como alguém amado incondicionalmente por Deus.¹¹⁴ Este teólogo, citando Dostoiévski, quando afirma que: «Se Deus não existe, tudo está permitido.», chama a atenção para o facto de que sem Deus, valor Absoluto, o homem apercebe-se a si mesmo como valor absoluto, logo sentindo-se no direito de sacrificar em proveito próprio tudo o resto.¹¹⁵

¹⁰⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia. 2005, 108.

¹¹⁰ Cf. VIDAL, Marciano – La comunión trinitaria y el diálogo ético en la sociedad secular. In *Semanas de estudos trinitários – Trinidad y vida moral*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2002, A., p. 155.

¹¹¹ MOLTSMANN, Jürgen – *La Dignidad Humana*. Salamanca: Ediciones Sigueme. 1983, p. 17.

¹¹² D’ AGOSTINO, Biagio – *A pessoa humana e a moral*. Lisboa: União Gráfica. 1957, p. 56.

¹¹³ MOLTSMANN – *La Dignidad Humana*, p. 16

¹¹⁴ Cf. RUIZ DE LA PEÑA – *Imagen de Dios*, p. 182.

¹¹⁵ *Ibidem*

Do atrás exposto, depreende-se que a categoria “imagem de Deus” pode auxiliar e servir de orientação para a reflexão ética. Segundo Vítor Coutinho, a pessoa é critério e fundamento da ética em dois sentidos: em sentido subjetivo dado que uma ação é moral quando exprime uma escolha da pessoa, e em sentido objetivo, na medida em que a pessoa é fundamento, a medida e o fim da ação moral. Tendo isto em conta, a ética deve assumir diversas dimensões do conceito de pessoa: subsistência, individualidade, subjetividade, corporalidade, relacionalidade e transcendência, historicidade e contextualidade, dinamismo e totalidade e globalidade.¹¹⁶ Esta perspetiva de Vítor Coutinho vai ao encontro do que é explicitado no dicionário de bioética, segundo o qual a pessoa humana é o valor normativo da reflexão ética, pelo que esta deve ter como base o “Homem integral” como pessoa, ou seja, considerando as suas diferentes dimensões:

«Uma reflexão bioética que queira permanecer humana e humanizadora, na elaboração dos seus critérios morais, deve partir do Homem integral como pessoa; de facto, a pessoa humana é o valor constitutivo, transcendente, intocável e normativo, tanto da reflexão ética, como de toda a prática que quiser permanecer plenamente humana e moral.»¹¹⁷

De acordo com o que já atrás foi referido, a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, é um ser de relação, um ser social¹¹⁸. Esta dimensão social da pessoa tem repercussões ao nível do seu agir ético e do bem-comum. Assim, à pessoa humana, correspondem para além dos direitos individuais, direitos e deveres sociais. O documento da *Gaudium et Spes*, que trata esta temática no seu ponto 26, salienta que o bem comum implica direitos e deveres que «dizem respeito a todo o género humano» sem exceção.

«A interdependência, cada vez mais estreita e progressivamente estendida a todo o mundo, faz com que o bem comum - ou seja, o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição - se torne hoje cada vez mais universal e que, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o género humano.» (GS 26)

Podemos colocar-nos a questão: “onde poderá a pessoa humana encontrar critérios para um agir ético?” De acordo com o ponto 16 da *Gaudium et Spes*, o homem pode encontrar esses critérios na sua própria consciência: «No fundo da consciência, o homem descobre uma lei, que ele não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer

¹¹⁶ Cf. COUTINHO, Vítor – *Introdução à Ética Teológica*. Leiria: Centro de Formação e Cultura, 2011, p.79.

¹¹⁷ FRATALLONE – Pessoa. In *Dicionário de Bioética*, p. 839.

¹¹⁸ Ver *supra*, ponto 2.3.3.3 *A imago dei* e a relacionalidade

(...) Na verdade, o homem tem uma lei inscrita por Deus no seu coração; a sua dignidade está em obedecer-lhe». Também a Bíblia poderá ser um meio para encontrar esses critérios. No documento *Bíblia e moral*, a Pontifícia Comissão Bíblica sublinha que: «A Sagrada Escritura, una, isto é abrangendo ambos os Testamentos, é uma base (lugar) válida e útil de diálogo com o ser humano contemporâneo sobre as questões que tocam a moral.»¹¹⁹ Pela análise dos relatos da criação percebe-se que a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, tem obrigações morais. O documento da Comissão Bíblica de 2008 destaca algumas dessas obrigações:

«O ser humano como criatura que é está obrigado a procurar discernir a vontade de Deus para agir com justiça, é dotado de liberdade, pelo que pode escolher e tomar decisões, tem a tarefa de administrar o mundo criado por Deus de um modo sábio, de viver segundo uma dinâmica de responsabilidade comum e respeitar cada vida humana porque é criada à imagem e semelhança de Deus.»¹²⁰

Também o Papa Bento XVI, em 2009, na sua Carta Encíclica *Caritas in veritate* sublinha esta responsabilidade pelo bem comum: «Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade. Comprometer-se pelo bem comum é, por um lado, cuidar e, por outro, valer-se daquele conjunto de instituições que estruturam jurídica, civil e política e culturalmente a vida social, que deste modo toma a forma de pólis, cidade.»¹²¹

Da análise feita, concluiu-se que a reflexão teológica pode dar alguns contributos à reflexão ética relativamente à fundamentação da dignidade humana e ao agir ético da pessoa humana, um agir ético que está implicado com o bem comum. Depreende-se também que será importante aquando da lecionação da UL “A Pessoa Humana” na disciplina de EMRC, apresentar o contributo dos dados da revelação para explicitar a origem da dignidade da pessoa humana e o seu agir ético.

¹¹⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA – *Bíblia e moral: raízes bíblicas do agir cristão*. [consulta 24 jul. 2018]. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20080511_bibbia-e-morale_po.html.

¹²⁰ *Ibidem*, 11.

¹²¹ Cf. BENTO XVI – *Caritas in Veritate*, 2009. n. 7: [Carta Encíclica de 29 de junho de 2009] *AAS*. 101 (2009) 479 - 635.

2.5. Relevância educativa e contributo da UL “A Pessoa Humana” para a promoção da pessoa

São muitos os documentos internacionais e nacionais relacionados com a educação que podem trazer alguma luz acerca da pertinência e relevância da UL: “A Pessoa Humana”.

Da análise de alguns documentos internacionais, verificamos que são vários os que referem que a educação deve contribuir para a construção da personalidade da criança. A Declaração Universal dos Direitos Humanos refere, no seu artigo 26, que a educação deve «visar à plena expansão da personalidade humana»,¹²² e o relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI defende a organização da educação em torno de quatro aprendizagens fundamentais, destacando o aprender a ser.¹²³ Ainda a nível internacional, na Convenção Internacional acerca dos Direitos da Criança, os Estados Membros acordaram que a educação da criança deve destinar-se a: «a) Promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades».

Também os documentos nacionais relacionados com a educação seguem a mesma orientação dos documentos internacionais. Na Lei de bases do sistema educativo nº46 de 1986 é referido que a educação contribui para o desenvolvimento da personalidade: «O sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. ...».¹²⁴

Sintetizando, de acordo com estes documentos, a educação deve girar em torno do desenvolvimento da pessoa: a DUDH e a LBSE realçam o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade humana e o Relatório para a Unesco defende o aprender a ser, como o pilar principal do conhecimento.

¹²² ONU – *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

¹²³ Cf. DELORS, Jacques – *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Rio Tinto: Edições Asa, 1996, p.77.

¹²⁴ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 49/2005, de 30 de agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo in *Diário da República*, 1ª Série, Nº 166.

A UL “A Pessoa Humana” é lecionada no 6º ano de escolaridade em que os alunos, na sua maioria, têm onze anos. Com esta idade, os alunos estão na puberdade, um período em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas, que os fazem questionar acerca da sua identidade. Mas «as mudanças físicas não são a única coisa significativa nesta transição. Começam a emergir as operações formais, o nível final de desenvolvimento cognitivo...».¹²⁵ Assim, na aula de EMRC, onde é abordado o tema da pessoa humana, nas suas diferentes dimensões: biológica, social e espiritual, o adolescente pode encontrar um espaço para colocar questões e para obter algumas respostas às suas interrogações. Esta Unidade Letiva ajuda os alunos a compreenderem-se e a construírem a sua personalidade na medida em que se vão descobrindo como seres pluridimensionais que crescem uns com os outros. Parece-nos, assim, muito pertinente que esta UL seja lecionada no 6º ano de escolaridade.

Na UL “A Pessoa Humana”, para além de ser abordada a pessoa humana nas suas diferentes dimensões, é também trabalhada a questão dos direitos e deveres da pessoa humana, referida no estatuto do aluno:

«o aluno tem o direito e o dever de conhecer e respeitar ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, enquanto matrizes de valores e princípios de afirmação da humanidade.»¹²⁶

Através desta UL o aluno tem a possibilidade de contactar com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Associada à questão dos direitos humanos, também nesta unidade é abordada a questão da dignidade da pessoa humana,¹²⁷ referida no documento relativo ao perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória: «que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta, que valorize o respeito pela dignidade humana.»¹²⁸

¹²⁵ BEE, Helen – *A criança em desenvolvimento*. 3ª ed. Brasil: Editora Harbra, 1986, p. 394.

¹²⁶ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 51/2012, de 5 de setembro de 2012; cap.III; secção I; artº 6º Sobre o estatuto do aluno, in *Diário da República*; 1ª Série, Nº 172.

¹²⁷ Cf. CARVALHO, Cristina de Sá [et al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 62-64.

¹²⁸ MARTINS, Guilherme d’Oliveira, et al. *Perfil dos alunos para o século XXI*, [consulta 22 ag. 2018]. Disponível https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Também os principais documentos internacionais relacionados com os direitos das crianças sublinham a importância do sistema educativo sensibilizar as crianças para os seus direitos e deveres. No art.º 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é referido que a educação deve contribuir para o «reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais,...»¹²⁹, e a Convenção Internacional acerca dos Direitos da Criança refere que a educação deve:

«Inculcar na criança o respeito pelos direitos do homem e liberdades fundamentais e pelos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas (...) Preparar a criança para assumir as responsabilidades da vida numa sociedade livre, num espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade entre os sexos e de amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos».¹³⁰

Percebemos, deste modo, que o conteúdo desta UL dá resposta a várias questões sublinhadas como importantes nos principais documentos internacionais e nacionais relacionados com a educação.

Ao abordar as questões da dignidade humana e dos direitos da pessoa humana, durante a lecionação da Unidade Letiva “A Pessoa Humana”, procura-se que os alunos fiquem sensibilizados e desenvolvam atitudes de respeito no seu relacionamento com cada pessoa. Na verdade, o desrespeito pela pessoa humana e pela sua dignidade pode partir não só de um adulto mas também de um adolescente. Há que ter em consideração que em Portugal a violência em meio escolar, incluindo o bullying e comportamentos autodestrutivos, é uma das áreas prioritárias da prevenção de comportamentos de risco do Programa Nacional de Saúde Escolar.¹³¹

Esta Unidade Letiva pode assim contribuir para que os alunos valorizem o cumprimento dos deveres de modo a garantir os direitos dos outros e para que fiquem sensibilizados para o respeito a ter com cada pessoa.

¹²⁹ ONU – *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

¹³⁰ ONU – *Convenção sobre os Direitos da Criança*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em <http://www.educris.com/v2/123-geral/926-direito-internacional>.

¹³¹ LEAL, Ana Teresa – *Violência no Meio Escolar: O bullying e as novas formas de violência entre os jovens*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/Bullying/Bullying_novas_formas_violencia_escolar.pdf.

Síntese do Capítulo II

Neste segundo capítulo, que começa com uma breve reflexão acerca da evolução do conceito de pessoa até ao séc. XX, percebe-se que este conceito foi variando bastante ao longo do tempo até se chegar à noção atual de pessoa, segundo a qual a pessoa é simultaneamente substância e relação.

Através das reflexões acerca da pessoa humana, realizadas segundo diferentes perspetivas: antropológica, teológica e ético-teológica, foi-se chegando a algumas conclusões. Na reflexão antropológica, a pessoa humana é apresentada como criatura de Deus, com capacidade para se relacionar com Ele, sendo esta uma relação fundamental.

Na reflexão teológica acerca da pessoa humana, as questões: alma-corpo e a unidade da pessoa, bastante debatidas desde os primeiros séculos da Igreja, ficaram esclarecidas com o Concílio Vaticano II que definiu a pessoa humana como um ser uno. Para além da unicidade foi identificada outra característica da pessoa humana nesta reflexão: a irrepetibilidade.

Outro tema importante na reflexão teológica acerca da pessoa humana é a noção de “*imago Dei*”; tema que adquiriu, depois do Concílio Vaticano II, uma relevância cada vez maior. Um dos pilares em que se desenvolve a doutrina da *Imago Dei* é a comunhão: a pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, é um ser de relação e “constrói-se” na relação com os outros. Ou seja, outra característica da pessoa humana identificada é a relacionalidade.

Através da reflexão ético-teológica, concluímos que a ideia de dignidade foi-se construindo com o contributo de várias doutrinas e tradições. Tomamos consciência do contributo que a categoria bíblica de “imagem de Deus” traz para a compreensão do valor único e absoluto da pessoa humana, com dignidade superior a qualquer outra criatura. Percebemos que os dados da revelação trazem “luz” para a reflexão ética e que, conforme afirma Fratallone¹³², quanto mais completa é a reflexão acerca da pessoa, tanto mais esta se tornará o ideal de referência para a prática ética. Concluímos assim, que a dignidade é também uma das características inerentes à pessoa humana.

¹³² Cf. FRATALLONE – Pessoa. In *Dicionário de Bioética*, p. 844.

A reflexão realizada acerca da relevância educativa da lecionação desta UL leva-nos a concluir, por um lado, que de facto esta UL responde a algumas das “solicitações” previstas nos principais documentos internacionais e nacionais relativos à educação, nomeadamente a formação da personalidade, o contacto com os direitos humanos e o respeito pela dignidade de cada pessoa. E conduz-nos, por outro lado, a concluir que esta UL tem a potencialidade de sensibilizar os alunos para que desenvolvam atitudes de respeito no seu relacionamento com cada pessoa.

CAPÍTULO III – ANÁLISE CRÍTICA DA UL “A PESSOA HUMANA”

Neste terceiro capítulo, constituído por três sub-capítulos, é apresentada, no primeiro deles, uma revisão e balanço crítico do processo de planificação e de ensino-aprendizagem relativo às aulas da UL1 “A Pessoa Humana”; no segundo, encontra-se uma análise crítica relativa ao currículo prescrito para a UL1 “A Pessoa Humana”, da disciplina de EMRC do 6º ano, em termos de metas, objetivos, conteúdos e recursos, e no último é apresentada uma proposta de reformulação do currículo da referida UL, tendo em conta os resultados obtidos a partir das diferentes reflexões.

3.1 Revisão e balanço crítico do processo de planificação e do ensino-aprendizagem

Para realizar uma reflexão e um balanço crítico acerca da lecionação, é importante revisitarmos aquele que foi o processo de planificação e de ensino-aprendizagem.

3.1.1 Descrição do processo de planificação e do ensino-aprendizagem

Neste ponto, é descrito de forma breve, o processo de planificação e exposta a pedagogia utilizada no processo da lecionação da UL “A pessoa humana”. Esta UL tem associados muitos conteúdos, pelo que foram necessárias dez aulas para a sua lecionação.

Na lecionação desta UL foi utilizado o seguinte esquema hermenêutico: A pessoa humana nas suas diferentes dimensões é um ser de relação, com direitos e deveres, que na sua liberdade possui e procura defender a dignidade da pessoa. Para o cristão, Deus conhece e ama cada pessoa, e é a partir dessa consciência que assume um padrão de valores cristãos.

Sempre que possível, procurou-se utilizar o método existencial e hermenêutico organizado «em torno de três dimensões pedagógicas essenciais, de ordem variável, a saber: experiência humana, reflexão religiosa, interpretação ético-moral»¹³³, no sentido de motivar e envolver os alunos, perceber que conhecimento estes tinham acerca dos diferentes temas, para seguidamente aprofundar melhor os diferentes temas e interpretá-los através de uma chave de leitura cristã. Deste modo, as primeiras aulas foram lecionadas recorrendo a algumas estratégias que visavam esse objetivo: a primeira aula foi iniciada com a dinamização de uma chuva de ideias em torno da questão: “*O que é ser pessoa?*”, e, na segunda aula, para trabalhar a dimensão social da pessoa, foi elaborada uma ficha de trabalho que os alunos preencheram no sentido de referirem quais os grupos em que estavam inseridos.

As primeiras aulas foram dedicadas à análise da pessoa humana segundo as suas diferentes dimensões: biológica, social e espiritual. Depois de abordado o tema relativo às dimensões da pessoa humana, foi lecionado o tema da autenticidade recorrendo à imagem de uma máscara com o objetivo de que os alunos percebessem que a verdadeira pessoa é aquela que está por detrás da máscara.

Para a leção do tema: «direitos fundamentais da pessoa», foi utilizada como estratégia a observação de um vídeo com uma breve retrospectiva da História dos Direitos Humanos, seguida de uma análise exploratória do respetivo vídeo.

Como estratégia para a leção do tema: «Organizações Católicas que trabalham para a promoção da dignidade humana», e de modo a potenciar aprendizagens significativas, foi solicitado aos alunos que fizessem um trabalho de pesquisa acerca de uma instituição local, o Centro mãe d’Água de Valongo. Para este trabalho de pesquisa foi solicitado aos alunos que procurassem saber: o que faz a instituição e quais são as suas prioridades, quais as pessoas a quem dá apoio, e qual a relação que tem com a escola. Esta atividade com critérios de avaliação que seguiam no guião do trabalho, foi um dos elementos da avaliação formativa.

Por fim, para a leção do tema: «a perspectiva cristã da relação de Deus com o Homem como Pessoa», foi utilizado como recurso um texto bíblico do manual: o salmo 139, que foi explorado a partir de várias questões tais como: “- *de onde é tirado este texto? quem é o autor do texto? a quem se dirige o salmista? qual é a dimensão da*

¹³³ Cf. CARVALHO [et al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 154

“pessoa que lhe dá a capacidade de se relacionar com Deus? identifica no texto os verbos que o salmista associa a Deus.”

No processo de lecionação, sempre que se entendeu ser útil, foram utilizados o power-point, o manual e o quadro como recursos. No sentido de motivar e envolver os alunos foram aplicadas também várias estratégias: “chuva de ideias”, fichas de trabalho, trabalhos de pesquisa, diálogos exploratórios e uso do quadro.

Quase no culminar da lecionação desta UL, os alunos realizaram uma ficha de avaliação formativa,¹³⁴ diversificada quanto ao tipo de questões, e englobando os principais conteúdos lecionados. Esta ficha foi entregue já corrigida pela professora, mas, em contexto de sala de aula, foi novamente corrigida de uma forma dialogada com os alunos. Por fim, e com o objetivo de que os alunos aprendessem a avaliar de forma crítica e responsável, estes realizaram uma autoavaliação, através do preenchimento de uma ficha de autoavaliação.

Esta UL contou assim com vários elementos de avaliação: grelhas de observação do desempenho diário, trabalho de pesquisa, ficha de avaliação formativa e autoavaliação.¹³⁵

3.1.2 Balanço e reflexão crítica relativamente à lecionação

A PES realizada foi um percurso iniciado quase do zero: o contacto com o programa de EMRC era superficial, as bases em termos de realizar planificações eram insuficientes e não existia experiência de lecionação. Assim, procurámos, desde o início, colocar em prática na lecionação tudo quanto fomos aprendendo quer no seminário com o Professor Francisco Guimarães quer na Escola Cooperante com o Professor Adriano. Consideramos que, no decorrer da lecionação, existiram grandes progressos, resultado da reflexão acerca da prática pedagógica e da busca de melhorar sempre mais, quer em termos de elaborar planificações quer na lecionação.

Na formação dos professores é fundamental a reflexão crítica sobre a prática. «É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática.»¹³⁶

¹³⁴ Cf. *Instrumentos de avaliação, Anexos da ULI “A Pessoa Humana”*.

¹³⁵ *Ibidem*

Deste modo, foi realizada uma reflexão crítica relativamente à lecionação. Dessa reflexão, queremos ressaltar alguns aspetos menos positivos e outros mais positivos.

Como menos positivos, existem alguns aspetos a destacar:

- Não foi realizada uma análise exaustiva ao currículo prescrito, para perceber qual o currículo apropriado para esta Unidade Letiva.

- Relativamente à participação dos alunos, inicialmente foi difícil provocar a participação e envolver todos os alunos na dinâmica da aula.

- Existiram também algumas dificuldades na gestão do tempo em sala de aula, pelo que nem sempre se executou o que estava planificado.

Como aspetos positivos destacamos: a relação professora-alunos, o uso do método experiencial hermenêutico e os bons resultados obtidos pelos alunos. Estes aspetos encontram-se, de seguida, um pouco mais desenvolvidos:

- Consideramos que um dos pontos fortes a ser trabalhado pelo professor é a dimensão da relação professor-aluno. Durante a lecionação, uma das preocupações consistiu em procurar estabelecer uma boa relação com cada aluno desde a primeira aula, tendo em consideração que cada um deles é uma pessoa única. Assim, de modo a promover a boa relação com os alunos, no início de cada aula a professora estava à porta a receber cada aluno com um bom dia.

- De forma a envolver mais os alunos, a ir ao encontro das suas necessidades e a potenciar aprendizagens significativas, foi utilizado sobretudo o método experiencial-hermenêutico procurando-se diagnosticar o que os alunos sabiam relativamente a cada tema. De acordo com David Ausebel, «a aprendizagem significativa ocorre quando a tarefa de aprendizagem implica relacionar, de forma não arbitrária e substantiva (não literal), uma nova informação a outras com as quais o aluno já esteja familiarizado.»¹³⁷ Assim, logo na primeira aula para trabalhar o tema: “A Pessoa Humana”, foi realizada uma chuva de ideias para perceber o que cada um sabia dizer acerca deste tema.

- Tentou-se intercalar diferentes metodologias: entre o uso do audiovisual e o uso do quadro (também como meio de controlar a turma).

¹³⁶ FREIRE, Paulo – *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. Brasil: Paz e Terra, 2002, p.17.

¹³⁷AUSUBEL, David, HANESIAN, Helen, NOVAK, Joseph – *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980, p. 23.

- Houve a preocupação de que os alunos tivessem pontos de ancoragem que lhes permitissem realizar aprendizagens, através de pequenas sínteses que se foram escrevendo no quadro e que os alunos registaram no caderno.

- Existiu a preocupação de envolver os alunos na aquisição de conhecimento, através de trabalhos de pesquisa.

- Através de diferentes técnicas (observação direta) e instrumentos (grelhas de observação das aulas), foram recolhidos elementos que confirmam que os alunos demonstraram interesse nas aulas. Também em situação formal de avaliação os resultados foram bastante positivos, com uma média de resultados de 78% na ficha de avaliação formativa¹³⁸ realizada.

- Quando solicitado aos alunos que se manifestassem relativamente ao desempenho da professora, o feedback foi muito positivo.¹³⁹

3.2 Análise crítica ao currículo prescrito para a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”

O currículo prescrito de EMRC para a UL1 “A Pessoa Humana” do 6º ano de escolaridade¹⁴⁰, propõe metas curriculares, objetivos e conteúdos específicos. Com o intuito de perceber o porquê da escolha, e a pertinência das metas, objetivos e conteúdos propostos foi realizada uma análise crítica a cada um desses itens. Nos sub-pontos seguintes é exposta essa análise realizada.

3.2.1. Análise ao nível das metas curriculares

Através da análise às metas curriculares prescritas, propomo-nos identificar quais os pressupostos para a convocação dessas metas e não de outras, e perceber se são exatamente aquelas que o tema da UL pretende alcançar.

¹³⁸ *Instrumentos de avaliação, Anexos da UL1 “A Pessoa Humana”*. In CD, p. XXXV.

¹³⁹ *Análise e reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem, Portefólio*. In CD, p. 76.

¹⁴⁰ *Planificação anual, Portefólio*. In CD, p. 6-7.

O programa prescrito para esta UL propõe atingir cinco metas curriculares, que se encontram explicitadas no quadro abaixo.

Metas	Objetivos
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros 2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação). 4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.

(Cf. SNEC - Programa de EMRC, 2014.)

Através da análise às metas curriculares prescritas, propomo-nos identificar quais os pressupostos para a convocação dessas metas e não de outras, e perceber se são exatamente aquelas que o tema da UL pretende alcançar.

A Meta B. «Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história», está relacionada com dois objetivos: 1. «Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros», e 2. «Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente»; o próprio enunciado desta meta já indicia a sua relevância para esta UL. De acordo com a CEP, não haverá educação integral, se a dimensão religiosa da pessoa não for tomada em consideração.¹⁴¹ Segundo João Barros «A religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana e uma das que distingue melhor os humanos dos animais.»¹⁴² Assim, esta meta é especialmente importante nesta UL na medida em que aborda a dimensão religiosa, constitutiva da pessoa humana.

¹⁴¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade. in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 6.

¹⁴² BARROS, José de Oliveira – *Psicologia da religião*. Coimbra: Livraria Almedina. 2000, p. 5.

A meta G. «Identificar os valores evangélicos», associada à abordagem dos Direitos Humanos a partir da noção de dignidade humana, parece-nos estar bem integrada nesta UL, efetivamente, os valores evangélicos influenciaram a atual conceção de direitos humanos, e a perspetiva cristã tem um contributo a dar relativamente à compreensão da dignidade humana.

A meta E. «Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo», associada ao objetivo 6. «Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano», parece-nos também estar bem enquadrada nesta UL pois, em termos de ensino curricular, ajuda a compreender como o cristianismo entende a noção de relacionalidade e como fundamenta uma das dimensões constitutivas da pessoa humana. A Comissão Pontifícia Justiça e Paz, no seu documento “A Igreja e os direitos humanos”, explicita a relação entre o núcleo central do cristianismo e do catolicismo e a pessoa humana: «todo o homem tem uma relação especial com Deus, com origem no mistério da Encarnação do Verbo. Fazendo-se homem, o Filho de Deus [...] elevou toda a família humana e a cada um dos homens, quer dizer, a natureza humana, com suas prerrogativas, à dignidade de filhos de Deus, santificando de certa maneira toda a humanidade.».¹⁴³

A meta I. «Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade», associada ao objetivo 5. «Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana», está bem integrada nesta UL pois a Igreja de facto trabalhou e continua a trabalhar para a promoção da dignidade humana e contribuiu para a atual conceção da dignidade humana.

A meta O. «Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo», associada ao objetivo 7. «Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é», em que são trabalhados: o aspeto relacional da pessoa e a temática dos direitos e deveres de cada pessoa, também nos parece estar bem enquadrada nesta Unidade Letiva.

Após o estudo mais aprofundado do tema “A Pessoa Humana” percebemos que a perspetiva cristã, da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus, uma imagem e semelhança que lhe confere dignidade, não pode passar despercebida a uma Unidade

¹⁴³ COMISSÃO PONTIFÍCIA JUSTIÇA E PAZ – *A Igreja e os direitos humanos*. São Paulo: Edições Paulinas. 1978, p. 44.

Letiva que fala da pessoa humana e dos seus direitos fundamentais a partir da noção de dignidade humana. Assim, parece-nos que nesta UL seria importante haver uma meta relacionada com a dignidade da Pessoa Humana que poderia ser a meta Q. «Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana», uma das metas curriculares a atingir, pelos alunos que frequentam EMRC, após a conclusão do percurso escolar.

3.2.2. Análise ao nível dos objetivos e dos conteúdos

Os objetivos e conteúdos do currículo da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” de EMRC foram analisados, num primeiro momento, quanto à clareza da sua formulação; num segundo momento, foram agrupados e analisados segundo diferentes classificações: quanto à sua pertinência no meio escolar, quanto aos domínios (cognitivo, procedimental e atitudinal), e por fim, foram analisados segundo a perspetiva do quadro teórico elaborado, à luz dos traços fundamentais da pessoa humana.

3.2.2.1. Análise dos objetivos e dos conteúdos quanto à sua formulação

De acordo com o programa de EMRC de 2014, os objetivos programáticos/ de aprendizagem dão aos alunos uma mensagem clara do que se espera deles ¹⁴⁴. Também César Coll defende que este tipo de objetivos (terminais) «precisam o tipo e o grau de aprendizagem que deve realizar o aluno a propósito dos conteúdos selecionados para adquirir.»¹⁴⁵

Na tabela seguinte é apresentada a análise de cada um dos objetivos relativamente à clareza da sua formulação.

¹⁴⁴ Cf. CARVALHO [et al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, p. 9.

¹⁴⁵ Cf. COLL, César – *Psicología y currículum*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1991, p. 144.

Indicadores (objetivos)	Claro	Não claro
1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros	X	-
2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	-	X
3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	-	X
4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	X	-
5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	X	-
6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	X	-
7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	-	X
Frequência Absoluta	4	3
Frequência Relativa	57,1%	42,9%

Tabela 1: Categorização dos objetivos quanto à clareza da sua formulação

Da análise da tabela conclui-se que existe uma grande percentagem de objetivos (42,9%) propostos para esta Unidade Letiva que nos parece serem pouco claros, é o caso dos objetivos 2, 3 e 7. O objetivo proposto nº2: «Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente» não especifica quais as dimensões da pessoa humana que se pretende que o aluno identifique. Relativamente ao objetivo nº3: «Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)» parece-nos que este é um objetivo vago, que não precisa qual a aprendizagem que o aluno deve adquirir. Um outro objetivo que também nos parece ser pouco claro é o nº7: «Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é»; relativamente a este objetivo, ficam no ar algumas questões, tais como: Que condições são essas? Como concretizar este objetivo nas aulas de EMRC com os alunos do 6º ano de escolaridade?

No que diz respeito à formulação dos conteúdos explicitados no currículo, parece-nos que, por vezes, existe alguma confusão entre conteúdos e recursos; uma vez que são apresentados como conteúdos alguns elementos que são recursos tais como: a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção sobre os Direitos da Criança, os documentos *Familiaris consortio*, *Gaudium et spes* e *Gravissimum educationis*, a perícopes *IJo. 4,7-2* e o salmo 139. Relativamente a este salmo, parece-nos não ser adequado para utilizar como recurso por ser demasiado extenso. Relativamente à perícopes *IJo. 4,7-21*, de acordo com uma divisão proposta por Michèle

Morgan, esta encontra-se integrada numa secção com o título de «Crer é amar» (*IJo.* 4,7-5,12)¹⁴⁶. A nosso ver esta perícopé parece estar “forçada” e não estar bem integrada pois nesta Unidade Letiva o mais importante não é o realçar o amor aos irmãos; para além disso, esta perícopé contém alguma linguagem e conceitos (Espírito, juízo) que não são acessíveis a alunos de 11 anos e que podem dispersar da ideia principal do texto.

3.2.2.2. Análise dos objetivos e dos conteúdos quanto à sua pertinência em meio escolar

Os conteúdos foram analisados relativamente à sua pertinência em meio escolar. Para ajudar e tentar objetivar a reflexão foram classificados como curriculares, catequéticos ou moralistas. É de recordar que, conforme referido pela CEP: «A EMRC tem uma natureza diferente da Catequese, quanto às finalidades, aos destinatários e aos conteúdos.»¹⁴⁷ Desde logo, os âmbitos também são diferentes: o âmbito da disciplina de EMRC é a escola e o âmbito da catequese é a comunidade cristã. A EMRC destina-se a alunos crentes ou não, procura promover o diálogo fé e cultura, fundamenta a religião em conceitos racionais e dá a conhecer os critérios e normas pelos quais se regem os cristãos; por outro lado, a catequese destina-se a crentes, procura levar o catequisando a formular a sua identidade cristã e dá a conhecer os critérios e normas pelos quais se regem os cristãos procurando que os catequisandos os interiorizem.¹⁴⁸ Deste modo, os conteúdos curriculares são os que se situam dentro de um processo escolar e os conteúdos catequéticos são aqueles que se trabalham, aprendem e transmitem a partir da experiência religiosa inculturada¹⁴⁹. Classificámos como conteúdos moralistas aqueles que prescrevem uma atitude ou um valor sem um referencial teórico,¹⁵⁰ sem um

¹⁴⁶ MORGEN, Michèle – *As Cartas de São João, Cadernos Bíblicos*. Lisboa: Difusora bíblica, 1995, p.51.

¹⁴⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade. in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 8.

¹⁴⁸ Cf. ARTACHO LÓPEZ, Rafael – *EMRC e Catequese*. [consulta 10 de março 2019]. Disponível em <http://www.educris.com/v2/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#origem>.

¹⁴⁹ *Ibidem*

¹⁵⁰ Cf. Moralismo in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. [consulta 10 de março 2019]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/moralismo>.

conceito racional. Queremos, no entanto, salientar que as “fronteiras” que distinguem um tipo de conteúdo de outro nem sempre são claras e que por vezes, dependendo da forma como se leciona um conteúdo, o moralismo pode estar presente tanto num conteúdo curricular como num conteúdo catequético.

Indicadores (conteúdos)		Curricular	Catequético	Moralista
1º Grupo	Quem é uma pessoa? 1- Uma unidade irrepitível; 2- Um ser em relação com os outros.	X X	- -	- -
2º Grupo	3-Dimensão física 4-Dimensão intelectual 5-Dimensão moral e volitiva 6-Dimensão emocional 7-Dimensão social 8-Dimensão sexual 9-Dimensão religiosa	X X X X X X X	- - - - - - -	- - - - - - -
3º Grupo	10- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. É preciso amar: <i>1Jo.</i> 4, 7-21. 11- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); 12- A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; 13-Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; A aceitação de si mesmo.	- - - -	X - - -	X X X X
4º Grupo	14- O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: A Declaração Universal dos Direitos do Homem; A Convenção sobre os Direitos da Criança.	X	-	-
5º Grupo	15- Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; 16 - A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (<i>Familiaris consortio</i> , 26); ao bem-comum; (<i>GS</i> 26); à educação (<i>Gravissimum educationis</i> , 1). 17 - O contributo da Igreja Católica nos cuidados: assistenciais; de saúde; da educação.	X X X	- - -	- - -
6º Grupo	18 - Deus estabelece com todos uma relação pessoal: <i>Sl.</i> 139 (138).	-	X	-
7º Grupo	19 - Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; Comunicar bem; Respeitar os outros; Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres.	-	-	X
Frequência Absoluta		13	2	5
Frequência Relativa		65 %	10 %	25 %

Tabela 2: Categorização dos conteúdos segundo a sua pertinência em meio escolar

Antes ainda de proceder à análise da tabela queremos acrescentar mais alguns elementos à nossa reflexão acerca desta análise de conteúdos. Com a classificação atrás adotada, pretendemos alertar também para a tomada de consciência de que o modo como está formulado um conteúdo pode induzir ao moralismo. Assim o professor tem um papel muito importante pois só ele, ao contrário da máquina, pode aliar o conhecimento com o quadro referencial de valores que norteiam a vida humana.¹⁵¹ Sabemos que a educação não é neutra e que o ensino da moral e dos valores por parte da disciplina de EMRC é fundamental, mas é também igualmente importante que o professor esteja consciente de que está a apresentar uma proposta, dirigida para um qualquer aluno, sendo que neste caso, essa proposta tem uma matriz católica.

Segundo a nossa proposta de análise dos conteúdos, e pela observação da tabela, verifica-se que, dentro dos conteúdos explicitados no currículo apenas 65% dos conteúdos são de carácter curricular, 25% são de carácter moralista e 10% são de carácter catequético, sendo que dentro destes últimos 35% referidos, existe um grupo de 10% que é simultaneamente moralista e catequético. Recordamos ainda que, tal como já foi explanado atrás no ponto 3.2.2.1, por vezes estão integrados nos conteúdos alguns elementos que são recursos. No segundo grupo de conteúdos, parece-nos que um dos conteúdos é de carácter moralista: «A vida emocional deve levar à abertura aos outros.». No terceiro grupo de conteúdos também um deles nos parece ser de carácter moralista: «ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade», e outro ser simultaneamente moralista «é preciso amar» e catequético «*JJo. 4, 7-21*». Analisando o sexto grupo de conteúdos, verifica-se que este é de carácter catequético: «Deus estabelece com todos uma relação pessoal»; de facto, para os cristãos, «Deus estabelece com todos uma relação pessoal», mas, dado que a EMRC é uma disciplina escolar, é importante sublinhar que esta é a perspectiva cristã, pois os alunos podem ser ou não crentes. Também no sétimo grupo de conteúdos, se verifica que alguns são de carácter moralista, tais como: «Ser atento e amável».

Verifica-se que por vezes existe alguma confusão relativamente ao tipo de conteúdos propostos. Existem conteúdos de âmbito catequético, de âmbito moralista e ainda conteúdos simultaneamente moralistas e catequéticos. Conclui-se deste modo que nesta UL nem todos os conteúdos propostos são curriculares.

¹⁵¹ Cf. JULIATTO, Clemente Ivo – *O Horizonte da educação: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida*. Curitiba: Editora Universitária Champagnat 2009, p. 42.

3.2.2.3. Análise dos objetivos e dos conteúdos quanto aos domínios

Os objetivos prescritos pelo programa de EMRC para a UL “A Pessoa Humana” foram analisados e agrupados de acordo com uma classificação proposta por César Coll¹⁵² que divide os objetivos em três grupos: A. relativos a factos, conceitos e princípios, B. relativos a procedimentos e C. relativos a valores, normas e atitudes. No entender deste autor, «aprender factos e conceitos significa que se é capaz de identificar, reconhecer, classificar, descrever e comparar objetos, sucessos ou ideias (...) aprender um procedimento significa que se é capaz de utilizá-lo em diversas situações e de diferentes maneiras com o fim de resolver os problemas colocados e alcançar as metas fixadas e (...) aprender uma atitude significa mostrar uma tendência consistente a comportar-se de determinada forma perante classes de situações, objetos, sucessos ou pessoas.»¹⁵³ Assim encontram-se codificados como objetivos cognitivos aqueles cujo verbo exprime a compreensão e aquisição de conceitos e princípios quer literalmente, quer semanticamente; como procedimentais aqueles que verbalizam a mobilização de conhecimento adquirido, e como atitudinais os que indiciam uma tendência estruturante em comportar-se de uma forma *informada*.

Indicadores (objetivos)	Domínios		
	Cognitivo	Procedimental	Atitudinal
1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros	X	-	-
2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	X	-	-
3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	-	-	X
4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	X	-	-
5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	X	-	-
6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	X	-	-
7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	-	-	X
Frequência Absoluta	5	0	2
Frequência Relativa	71,4%	0%	28,6%

Tabela 3: Categorização dos objetivos segundo os domínios

Analisando os objetivos em termos de percentagens, verifica-se que 71,4% dos objetivos são de carácter cognitivo, 0% dos objetivos são de carácter procedimental, e que

¹⁵² Cf. COLL, César – *Psicología y currículum*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1991, p. 144.

¹⁵³ *Ibidem*, p.141-142.

28,6% dos objetivos são de caráter atitudinal. Verifica-se que existe um vazio entre os objetivos de caráter cognitivo e os objetivos de caráter atitudinal: passa-se do conhecimento acerca da pessoa, dos seus direitos fundamentais e das organizações católicas para as atitudes, mas sem que estas sejam sustentadas na visão cristã, faltando a dimensão da ação que ajuda a mobilizar os conhecimentos adquiridos e a criar atitudes. Constatamos assim que falta um equilíbrio relativamente ao tipo de objetivos propostos.

Também os conteúdos propostos para a Unidade Letiva “A Pessoa Humana” foram agrupados segundo a classificação proposta por César Coll. De acordo com este autor, «entende-se por conteúdos o conjunto de formas culturais e de saberes selecionados para formar parte das distintas áreas curriculares em função dos objetivos gerais de área.»¹⁵⁴. César Coll divide os conteúdos em três tipos: A. factos, conceitos e princípios, B. procedimentais e C. Valores, normas e atitudes.¹⁵⁵ Segundo Antoni Zabala¹⁵⁶, esta classificação, aparentemente simples, tem uma grande força pedagógica pois: «diferencia claramente os conteúdos de aprendizagem segundo o uso que deles se deve fazer. Assim, haverá conteúdos que é preciso “saber” (conceituais), conteúdos que é preciso “saber fazer” (procedimentais) e conteúdos que admitem “ser” (atitudinais).»

Na tabela seguinte, os conteúdos encontram-se categorizados de acordo com a classificação atrás explicitada.

¹⁵⁴ Cf. COLL, César – *Psicología y curriculum*, p. 138.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 144.

¹⁵⁶ ZABALA, Antonini – *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. São Paulo: Artmed Editora, 1996, p. 8.

Objetivos	Indicadores (conteúdos)	Domínios		
		Cognitivo	Procedimental	Atitudinal
Obj. 1 (cognit.)	Quem é uma pessoa? 1- Uma unidade irrepitível; 2- Um ser em relação com os outros.	X X	- -	- -
Obj. 2 (cognit.)	3-Dimensão física 4-Dimensão intelectual 5-Dimensão moral e volitiva 6-Dimensão emocional 7-Dimensão social 8-Dimensão sexual 9-Dimensão religiosa	X X X X X X X	- - - - - - -	- - - - - - -
Obj. 3 (atitud.)	10- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. É preciso amar: <i>1Jo.</i> 4, 7-21. 11- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); 12- A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; 13- Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; A aceitação de si mesmo.	X X X -	- - - -	- - X X
Obj. 4 (cognit.)	14- O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: A Declaração Universal dos Direitos do Homem; A Convenção sobre os Direitos da Criança.	X	-	-
Obj. 5 (cognit.)	15- Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; 16 - A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (<i>Familiaris consortio</i> , 26); ao bem-comum; (<i>GS</i> 26); à educação (<i>Gravissimum educationis</i> , 1). 17 - O contributo da Igreja Católica nos cuidados: assistenciais; de saúde; da educação.	X X X	- - -	- - -
Obj. 6 (cognit.)	18- Deus estabelece com todos uma relação pessoal: <i>Sl.</i> 139 (138).	X	-	-
Obj. 7 (atitud.)	19- Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; Comunicar bem; Respeitar os outros; Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres.	X	X	X
Frequência Absoluta		18	1	3
Frequência Relativa		81,82 %	4,55 %	13,64 %

Tabela 4: Categorização dos conteúdos segundo os domínios

Da leitura da tabela verifica-se que, à semelhança dos objetivos, também os conteúdos são na sua maioria cognitivos. Do total de conteúdos, 81,82% são cognitivos,

4,55% são atitudinais e 13,64% são procedimentais. Constata-se que existe um desequilíbrio grande relativamente ao tipo de conteúdos, apesar de não ter tão grandes proporções como o que se verifica relativamente ao tipo de objetivos.

Este facto faz-nos levantar a questão: Será que os objetivos e conteúdos propostos contribuem para uma formação integral, para o desenvolvimento da personalidade de cada aluno no seu todo, e vão ao encontro do que se encontra definido no recente documento da DGE relativo ao perfil do aluno à saída do ensino obrigatório? De acordo com o referido documento, as áreas de competências a adquirir pelos alunos, «agregam competências entendidas como combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes que permitem uma efetiva ação humana em contextos diversificados.»¹⁵⁷ Verificamos que os objetivos estão direcionados sobretudo para desenvolver o conhecimento e as atitudes mas não as capacidades, pelo que não vão ao encontro do recente documento do Perfil do aluno à saída do ensino obrigatório. No entanto, é preciso atender ao facto de que quando o currículo em causa foi elaborado este documento ainda não existia e o ensino era, nessa época, orientado por metas curriculares que se centravam em conhecimento e capacidades e não por competências.

De modo a perceber se os objetivos e os conteúdos se encontram formulados de um modo coerente entre si, seguidamente é apresentada uma tabela em que se relacionam os objetivos e respetivos conteúdos, de acordo com a classificação atrás explicitada. Quando um dos objetivos se integra num determinado domínio é assinalado com um X no domínio e quando um dos conteúdos se integra num determinado domínio é também assinalado com um Y no respetivo domínio.

¹⁵⁷ MARTINS, Guilherme d'Oliveira; GOMES, Carlos Alberto Sousa; BROCARD, Joana Maria Leitão – Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, Ministério da Educação, 2017. [consulta 22 ag. 2018]. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

Indicadores (objetivos e conteúdos)	Domínios		
	Cognitivo	Procedimental	Atitudinal
- Objetivo 1	X	-	-
- 1º Grupo de conteúdos	Y	-	-
- Objetivo 2	X	-	-
- 2º Grupo de conteúdos	Y	-	-
- Objetivo 3	-	-	X
- 3º Grupo de conteúdos	Y	-	Y
- Objetivo 4	X	-	-
- 4º Grupo de conteúdos	Y	-	-
- Objetivo 5	X	-	-
- 5º Grupo de conteúdos	Y	-	-
- Objetivo 6	X	-	-
- 6º Grupo de conteúdos	Y	-	-
- Objetivo 7	-	-	X
- 7º Grupo de conteúdos	X	Y	Y
Coerências	5	-	2
Incoerências	2	1	-

Tabela 5: Relação entre objetivos e conteúdos segundo os domínios

Da observação da tabela verifica-se que em sete casos o domínio do objetivo coincide com o domínio dos conteúdos e que em três casos o domínio do objetivo não coincide com o domínio dos respectivos conteúdos. Deste modo, consideramos que existe um total de sete coerências e duas incoerências relativamente à relação entre objetivos e conteúdos. Assim, de acordo com esta classificação segundo os domínios, de um modo geral, esta Unidade Letiva é coerente. Apenas os objetivos três e sete não englobam todo o conteúdo que lhe está, respetivamente, associado. O objetivo três é atitudinal mas contém alguns conteúdos cognitivos e o objetivo sete é atitudinal mas tem associados conteúdos cognitivos, conceituais e procedimentais.

Da análise realizada aos objetivos e conteúdos segundo os domínios cognitivo, procedimental e atitudinal, concluímos que esta Unidade Letiva é essencialmente cognitiva sendo apenas em parte procedimental e atitudinal, ou seja, em muitos casos falta a tão importante ligação entre o conhecimento e a ação, falta o pensamento em ação, o saber fazer com os conhecimentos adquiridos. Maria do Céu Roldão, inspirada na expressão “saber em ação” de Philippe Perrenoud, realça a importância do “saber em uso”. Segundo esta autora, «no plano epistemológico a ideia de uso (diferente de aplicação ou ação) é inerente à própria natureza do saber: o conhecimento implica capacidade e possibilidade de uso, ou dificilmente poderá considerar-se verdadeiro

conhecimento. (...) o saber em uso opõe-se ao saber inerte, desprovido de sentido e vazio de potencialidades.»¹⁵⁸

3.2.3. Análise dos objetivos e conteúdos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana: irrepitibilidade, unicidade, relacionalidade e dignidade

Através do aprofundamento teórico realizado acerca da Pessoa Humana, exposto no capítulo II, no qual foram destacados alguns dos que são os traços fundamentais da pessoa humana, conseguimos obter alguns eixos estruturantes que nos permitiram fazer uma análise a esta unidade letiva. No quadro abaixo encontram-se esses traços fundamentais da pessoa humana, apresentados sob a forma de categorias e com a respetiva descrição.

Categorias	Descritor
Unicidade	A pessoa humana é um ser uno no qual coexiste uma realidade material e uma realidade espiritual.
Irrepitibilidade	A pessoa humana é irrepitível e singular.
Relacionalidade	A pessoa humana tem capacidade de se comunicar para fora de si mesma e de se relacionar com Deus, com os outros e com o Mundo.
Dignidade	A pessoa humana tem dignidade: um fundamento constituinte e característico da pessoa humana que lhe confere um valor superior aos demais seres vivos.

Quadro 1: Descrição dos traços fundamentais da pessoa humana

É apresentada de seguida uma análise dos objetivos e conteúdos da Unidade Letiva à luz dos traços fundamentais da pessoa humana: ser de relação, ser uno, ser irrepitível e ser com dignidade, de modo a verificar se a Unidade Letiva “A Pessoa Humana” aborda ou não estas temáticas, ou se o faz de um modo mais ou menos adequado.

¹⁵⁸ ROLDÃO, Maria do Céu; GASPAR, Maria Ivone – *Elementos do desenvolvimento curricular*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007, p. 111.

Na tabela abaixo encontra-se uma síntese da análise aos objetivos em que são identificadas as categorias unicidade, irrepitibilidade, relacionalidade e dignidade da pessoa humana, por eles abrangidas.

Indicadores (objetivos)	Categorias			
	Unicidade	Irrepitibilidade	Relacionalidade	Dignidade
1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	X	X	X	X
2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	X	X	X	-
3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	-	X	X	-
4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	-	-	-	X
5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	-	-	-	X
6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	-	-	X	X
7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	-	-	X	X
Frequência Absoluta	2	3	5	5
Frequência Relativa	13,3 %	20 %	33,3%	33,3 %

Tabela 6: Análise dos objetivos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana

Da leitura do quadro verifica-se que os objetivos explicitados no currículo abrangem os traços fundamentais da pessoa humana. Através de uma análise estatística muito simples foi encontrada a percentagem relativa ao número de vezes que cada categoria é abrangida pelos objetivos. As categorias mais abrangidas pelos objetivos são a relacionalidade e a dignidade: 33,3% dos objetivos abrangem estes temas. Relativamente às outras categorias, 13,3% dos objetivos abrangem o tema da unicidade e 20% dos objetivos abrangem o tema da irrepitibilidade.

Foi também realizada uma análise aos conteúdos propostos para esta UL tendo em conta o quadro teórico obtido. Essa análise encontra-se exposta na tabela abaixo.

Objetivos	Indicadores (conteúdos)	Categorias				
		Unicidade	Irrepetibilidade	Relação	Dignidade	Outras
1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	Quem é uma pessoa? 1- Uma unidade irrepetível; 2- Um ser em relação com os outros.	X -	X -	- X	- -	- -
2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	3-Dimensão física 4-Dimensão intelectual 5-Dimensão moral e volitiva 6-Dimensão emocional 7-Dimensão social 8-Dimensão sexual 9-Dimensão religiosa	- - - - - - -	- - - - - - -	- - - X X X X	- - - - - - -	X X X - - - -
3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	10- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. É preciso amar: <i>IJo.</i> 4, 7-21. 11- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); 12- A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; 13- Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; A aceitação de si mesmo.	- - - -	- - - -	X - X -	- - - -	- X - X
4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	14- O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: A Declaração Universal dos Direitos do Homem; A Convenção sobre os Direitos da Criança.	-	-	X	-	-
5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	15- Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; 16- A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (<i>Familiaris consortio</i> , 26); ao bem-comum; (<i>Gaudium et spes</i> 26); à educação (<i>Gravissimum educationis</i> , 1). 17- O contributo da Igreja Católica nos cuidados: assistenciais; de saúde; da educação.	- - -	- - -	- - -	- - -	X X X
6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	18- Deus estabelece com todos uma relação pessoal: <i>Sl.</i> 139 (138).	-	-	X	-	-
7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	19- Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; Comunicar bem; Respeitar os outros; Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres.	-	-	X	-	-
Frequência Absoluta		1	1	10	0	8
Frequência Relativa		5 %	5 %	50%	0%	40 %

Tabela 7: Análise dos conteúdos à luz dos traços fundamentais da pessoa humana

Analisando os conteúdos, à luz da perspectiva daqueles que foram percebidos como os traços fundamentais da pessoa humana, verifica-se que dimensão da relacionalidade é a mais abordada, pois 50% dos conteúdos abordam esta temática; verifica-se também que a unicidade e a irrepitibilidade da pessoa humana são abordadas por apenas 5% dos conteúdos, que a dignidade não é abordada por nenhum conteúdo e que 40% dos conteúdos não está relacionado com nenhum dos traços fundamentais da pessoa humana. Constata-se assim que quase metade dos conteúdos desta unidade letiva não dizem respeito àqueles traços fundamentais da pessoa humana, e que nenhum conteúdo diz respeito à categoria dignidade e à sua relação com a categoria bíblica imagem e semelhança de Deus.

Na tabela abaixo, é possível observar de um modo muito sintético, e relacionando objetivos e conteúdos, quais os que abrangem ou abordam os diferentes traços fundamentais da pessoa humana (categorias).

Indicadores (objetivos e conteúdos)	Categorias			
	Unicidade	Irrepitibilidade	Relacionalidade	Dignidade
- Objetivo 1 - Conteúdos 1 e 2	X Y	X Y	X Y	X -
- Objetivo 2 - Conteúdos 3 a 9	X -	X -	X Y	- -
- Objetivo 3 - Conteúdos 10 a 13	- -	X -	X Y	- -
- Objetivo 4 - Conteúdo 14	- -	- -	- Y	X -
- Objetivo 5 - Conteúdos 15 a 17	- -	- -	- -	X -
- Objetivo 6 - Conteúdo 18	- -	- -	X Y	X -
- Objetivo 7 - Conteúdo 19	- -	- -	X Y	X -
Coerências	6	5	6	2
Incoerências explícitas	0	0	0	1
Incoerências implícitas	1	2	1	4

Tabela 8: Coerências e incoerências entre objetivos e conteúdos segundo os traços fundamentais da pessoa humana

Quando um dos objetivos abrange uma categoria é assinalado com um X, quando um dos conteúdos se refere a uma determinada categoria é assinalado com um Y.

Da análise da tabela, e relacionando os objetivos com os respectivos conteúdos, verificamos que uma grande parte dos objetivos é coerente com o conteúdo proposto. Existem, no entanto, algumas incoerências: umas explícitas e outras mais implícitas entre os objetivos e os conteúdos.

Classificámos como incoerências explícitas aquelas em que se constata desde logo que o conteúdo apresentado não é suficiente para atingir o objetivo proposto, é o que acontece por exemplo com o objetivo 4 e respetivo conteúdo. Relativamente ao objetivo 4. “Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.”, constatamos que nos conteúdos não existe qualquer referência à dignidade humana ou à categoria bíblica de pessoa como “imagem de Deus” que fundamenta a noção de dignidade da pessoa humana.

Classificámos como incoerências implícitas aquelas em que se verifica que a formulação do objetivo parece englobar uma ou mais dimensões da pessoa humana, mas que quando é analisado o conteúdo a ele correspondente não existem referências a essas dimensões. De forma a objetivar melhor o que identificámos como incoerências implícitas, foi elaborado um quadro com essa explicação.

Objetivos	Indicadores (conteúdos)	Incoerências (implícitas e explícitas)
1.Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros. 2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	Quem é uma pessoa? 1- Uma unidade irrepitível; 2- Um ser em relação com os outros. 3-Dimensão física 4-Dimensão intelectual 5-Dimensão moral e volitiva 6-Dimensão emocional 7-Dimensão social 8-Dimensão sexual 9-Dimensão religiosa	Objetivo 1: podia abranger a dimensão da dignidade humana para explicitar o valor da pessoa como um ser único superior aos outros seres vivos, mas nos conteúdos não existe referência à dignidade humana. Objetivo 2: poderia englobar a categoria da unicidade para explicitar que a pessoa é uma nas suas dimensões espiritual e física, e da irrepitibilidade para explicitar que tem características únicas, nomeadamente a capacidade de relação com o transcendente, que a diferenciam de todas as outras; no entanto, nos conteúdos, estas categorias não são abordadas.
3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	10- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. É preciso amar: <i>1Jo. 4, 7-21</i> . 11- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); 12- A vocação da pessoa é a felicidade	Objetivo 3: poderia abordar a categoria da irrepitibilidade na medida em que cada pessoa é única e irrepitível e por isso também tem um projeto de vida irrepitível, no entanto, nos conteúdos não se encontra explícita esta categoria.

4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	(realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; 13-Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; A aceitação de si mesmo. 14-O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: A Declaração Universal dos Direitos do Homem; A Convenção sobre os Direitos da Criança.	Objetivo 4: nos conteúdos não existe qualquer referência à dignidade humana ou à categoria bíblica de pessoa como “imagem de Deus” que fundamenta a noção de dignidade da pessoa humana.
5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	15-Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; 16-A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (<i>Familiaris consortio</i> , 26); ao bem-comum; (<i>Gaudium et spes</i> 26); à educação (<i>Gravissimum educationis</i> , 1). 17-O contributo da Igreja Católica nos cuidados: assistenciais; de saúde; da educação.	Objetivo 5: Nos conteúdos não é explicitada a categoria dignidade.
6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	18-Deus estabelece com todos uma relação pessoal: <i>Sl.</i> 139 (138).	Objetivo 6: poderia contemplar a abordagem da categoria dignidade humana na medida em que, pelo facto de se relacionar com Deus, a pessoa tem uma dignidade superior aos restantes seres vivos, no entanto nos conteúdos não existe referência a essa categoria.
7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	19-Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; Escutar; Partilhar; Ser atento e amável; Comunicar bem; Respeitar os outros; Defender os direitos humanos; Cumprir os seus deveres.	Objetivo 7: poderia contemplar a abordagem da categoria dignidade humana na medida em que parece subentender a referência a condições de vida dignas, no entanto nos conteúdos não existe referência a essa categoria.

Quadro 2: Explicitação das incoerências verificadas entre objetivos e conteúdos

Relativamente à relação entre objetivo e conteúdos, de acordo com M^a do Céu Roldão, «o objetivo enuncia a finalidade pretendida e o conteúdo corporiza a substância dessa mesma aprendizagem (...) não é possível expressar um objetivo que não contenha o conteúdo que serve para o atingir.»¹⁵⁹, ou seja, objetivo e conteúdo são realidades interdependentes. No entanto, constatou-se que por vezes os conteúdos ficam “aquém” dos objetivos, não são suficientes para atingir os objetivos propostos e que, por isso, por vezes não existe coerência entre objetivos e conteúdos.

A análise da UL segundo a perspectiva dos traços fundamentais da pessoa humana, leva-nos a concluir que esta UL possui objetivos que abordam a unicidade, irrepetibilidade, relacionalidade, e dignidade da pessoa humana. No entanto, verificou-

¹⁵⁹ ROLDÃO, Maria do Céu, GASPARG, Maria Ivone – *Elementos do desenvolvimento curricular*, p.85.

se que não existem conteúdos relativos à dignidade da pessoa humana, pelo que se conclui, à luz do quadro teórico elaborado, que os conteúdos explicitados no currículo não são suficientes para abordar aquelas que são as características fundamentais da pessoa humana.

Conclui-se deste modo, que existem algumas incoerências na formulação desta UL relativamente à relação entre a intencionalidade do objetivo e os conteúdos.

3.2.4. Análise do esquema hermenêutico

Uma das questões com que nos deparámos aquando da lecionação da UL1 “A pessoa Humana” foi a dificuldade em perceber qual era o esquema hermenêutico da Unidade Letiva. Demo-nos conta que não existia um “fio condutor” que unificasse esta UL. O programa propõe abordar a Unidade Letiva em sete passos: 1. reconhecendo a pessoa como ser único, 2. identificando as suas diferentes dimensões, 3. abordando o sub-tema da autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação), 4. tomando contacto com os direitos humanos, 5. conhecendo organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana, 6. abordando o carácter pessoal da relação com Deus e, por fim, 7. tratando o sub-tema da responsabilidade social. Constatamos assim que a UL aborda vários sub-temas cuja ligação entre eles por vezes não é de fácil encadeamento. Por exemplo, como fazer a ligação entre a autenticidade e os direitos humanos? Como transitar do tema: “as organizações que trabalham pela promoção da dignidade humana”, para o tema da relação pessoal com Deus?

Concluimos que esta UL não é coesa, não tem um encadeamento fluente entre os vários temas: aborda vários temas relacionados com a pessoa humana, mas a ligação entre eles não é clara.

3.3 Propostas de reformulação da Unidade Letiva “A Pessoa Humana”

Tendo em conta as conclusões obtidas através da reflexão antropológica, teológica e ética acerca da Pessoa Humana e da sua dignidade à luz da categoria bíblica de imagem de Deus apresentamos uma proposta de reformulação da Unidade Letiva, em termos de objetivos e de conteúdos que inclui as características fundamentais da pessoa humana, e a noção de dignidade humana associada à categoria bíblica de imagem de Deus.

3.3.1 Proposta de objetivos e conteúdos

Para a lecionação desta Unidade Letiva e para tratar do melhor modo o tema da pessoa e da sua dignidade, propomos uma sequência de sete objetivos, encadeados entre si, de modo a criar uma certa unidade e ligação entre os vários sub-temas.

Novos objetivos propostos	Conteúdos
1. Reconhecer que a pessoa é um animal pluridimensional, relacional, unitário, único e irrepetível. 2. Identificar as características da pessoa que a distinguem dos restantes animais.	- A pessoa é um animal pluridimensional constituído por três grandes dimensões: biológica, social e espiritual (comum a qualquer pessoa, religiosa ou não). - A pessoa é um ser relacional e unitário. A pessoa tem um corpo, relaciona-se com outros e, para o pensamento cristão, a dimensão espiritual e corporal são inseparáveis. - A pessoa é única (tem as suas próprias características físicas, o seu pensar, sentimentos, ...) e irrepetível porque nunca existiu nem vai existir outra igual a ela.
3. Reconhecer que na decorrência da dignidade humana, a pessoa tem direitos e deveres. 4. Correlacionar direitos e deveres. 5. Valorizar o cumprimento dos deveres de modo a salvaguardar a dignidade humana.	- Para os cristãos, Deus é criador e o homem é criatura, criada à imagem e semelhança de Deus e por isso tem dignidade. - Na decorrência da sua dignidade, a pessoa humana possui direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - Os direitos e deveres estão correlacionados. - Existe legislação que defende os direitos da pessoa humana. Existe legislação específica para defender os direitos das crianças. - Bulling, trabalho infantil, violência doméstica,...
6. Conhecer meios, processos e atitudes que promovem a dignidade humana. 7. Respeitar cada pessoa humana.	- Existem instituições (católicas e não-católicas) que contribuem para a promoção da dignidade humana. - Vivemos em sociedade, em relação uns com os outros. O que fazemos ou deixamos de fazer influencia a comunidade e o mundo.

Quadro 3: Proposta de objetivos e conteúdos para a lecionação da UL 1: “A Pessoa Humana”

Quando se planifica uma Unidade Letiva, uma decisão crucial é a de escolher os objetivos ou resultados de aprendizagem que os alunos hão-de alcançar¹⁶⁰. Assim, apresentamos uma proposta de reformulação dos objetivos em que procuramos, por um lado, torná-los mais próximos e mais passíveis de serem alcançados pelos alunos e, por outro, diversificá-los quanto ao tipo. Os objetivos propostos, na nossa opinião mais concretizáveis, são também mais diversificados: três são do tipo cognitivo (objetivos: 1, 3 e 6), dois são do tipo procedimental (objetivos: 2 e 4), e dois são do tipo atitudinal (objetivos: 5 e 7).

Relativamente aos conteúdos, verificámos, através da planificação e da lecionação da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” que são muitos os conteúdos propostos para lecionar. O currículo prescrito propõe muitos sub-temas que, para serem abordados com um mínimo de profundidade, requereriam mais tempo do que existe efetivamente para lecionar. De acordo com Philippe Perrenoud, programas excessivos podem ser um dos fatores do insucesso escolar, pelo que poder-se-ia «criar *curricula* flexíveis, partindo do essencial e visando objetivos de formação explícitos e razoáveis.»¹⁶¹ Assim sendo, propomos concentrar o currículo naquilo que identificámos como essencial, tendo como base a reflexão teórica realizada relativa à “Pessoa Humana”.

3.3.2 Proposta de recursos

Relativamente aos textos bíblicos sugeridos como recursos, conforme foi referido atrás, verificou-se que um deles não era adequado e o outro era demasiado extenso. De acordo com Rafael Artacho López, em EMRC os textos bíblicos são apresentados aos alunos como ponto de referência para os crentes, nos quais eles veem uma Revelação divina.¹⁶² Assim, os textos bíblicos utilizados numa determinada Unidade Letiva devem ser os mais adequados possível quer ao tema, quer aos alunos em

¹⁶⁰ Cf. RIBEIRO, António Carrilho, RIBEIRO, Lucie Carrilho – *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. 2003. p. 88.

¹⁶¹ PERRENOUD, Philippe – Dez Princípios para tornar o sistema educativo mais eficaz. In *Avaliação dos Resultados Escolares, Medidas para tornar o sistema educativo mais eficaz*. Porto: Asa, 2003, p. 105.

¹⁶² ARTACHO LÓPEZ, Rafael – *La enseñanza escolar de la Religión*. Madrid: Promoción Cultural Cristiana. Madrid, 1989, p. 35.

questão. Deste modo, são apresentadas algumas propostas de outros textos bíblicos e não bíblicos que nos parecem ser mais adequados quer à temática a abordar, quer às idades dos alunos.

- 1ª Proposta: Trecho de *Antígona de Sófocles* (vv. 332-375).¹⁶³ (496 a.C. – 406 a.C.). Sugere-se este texto para usar como recurso para alcançar o objetivo: «Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.». Este texto, bastante antigo, realça a superioridade do homem: a sua capacidade de dominar os animais, de pensar, de criar remédios, etc. Parece-nos que poderia ser um bom texto para usar como recurso numa das primeiras aulas para abordar o tema da Pessoa. Com este texto seria possível, por exemplo, propor aos alunos um exercício em que os alunos teriam de tentar descobrir quais as características da pessoa, existentes no texto, que a diferenciam dos restantes animais.

- 2ª Proposta: *Gn.* 1, 26-28. Sugerimos esta perícope como um recurso para alcançar o objetivo: «Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.» Esta perícope fala do homem enquanto imagem e semelhança de Deus, ou seja com dignidade; deste modo, parece-nos adequada para tratar o tema da dignidade humana. Nesta Unidade Letiva em que é abordado o tema dos direitos humanos, parece-nos importante falar na dignidade da pessoa humana associada à categoria bíblica “imagem de Deus”. Assim sugerimos utilizar nesta Unidade Letiva, como recurso, a perícope *Gn.* 1, 26-28: «Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.»

- 3ª Proposta: *Gn.* 2, 21-25. Sugerimos também esta perícope como um recurso para abordar o tema dos direitos humanos, a partir da noção de dignidade humana. Esta

¹⁶³ «Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem. Esse, como sopro invernos do Noto, passando entre as vagas fundas como abismos, o cinzento mar ultrapassou. E a terra imortal, dos deuses, a mais sublime, trabalha-a sem fim, volvendo o arado, ano após ano, com a raça dos cavalos laborando. [...] A fala e o alado pensamento, as normas que regulam as cidades sozinho aprendeu; da geadas do céu, da chuva inclemente e sem refúgio, os dardos evita, de tudo capaz. Na vida não avança sem recursos. Ao Hades somente não pode fugir. De doenças invencíveis os meios de escapar já com outros meditou.» (vv. 332-375) da *Antígona de Sófocles*.

perícopes salienta a igual dignidade entre homem e mulher. De acordo com Gianfranco Ravasi, a palavra hebreica mulher é simplesmente a forma gramatical feminina de homem e por isso são uma mesma realidade, em masculino e feminino com a mesma natureza e dignidade, que se converteram «numa só carne».¹⁶⁴

- 4ª Proposta: Salmo 8. Sugerimos esta perícopes como um recurso para alcançar o objetivo: «Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.» Esta perícopes realça a singularidade do Homem através da questão: «que é o homem para te lembrares dele» (Sl 8,5), e por isso parece-nos adequada para alcançar o objetivo proposto.

- 5ª Proposta: Êxodo 1, 8- 22¹⁶⁵. Sugerimos esta perícopes como um recurso para trabalhar a questão dos direitos humanos. O tema base desta perícopes é a opressão egípcia e do Faraó que pretende terminar com os filhos de Jacob. Torralba, comentando esta perícopes, afirma que: «Em poucos versículos acumulam-se os verbos para indicar até que ponto são explorados e humilhados estes pobres sem direitos.»¹⁶⁶ Neste texto o faraó ordena uma matança dos primogénitos; no entanto, as parteiras não respeitaram esta lei. Esta é uma lei que é contra o direito à vida. Este poderia ser um texto a usar como recurso para trabalhar com os alunos a temática dos Direitos Humanos.

¹⁶⁴ RAVASI, Gianfranco – *Guía Espiritual del Antiguo Testamento: El Libro del Génesis (1-11)*. Barcelona: Editorial Herder, 1992, p. 81.

¹⁶⁵ Subiu então ao trono do Egipto um novo rei que não conhecera José. E ele disse ao seu povo: «Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e poderoso do que nós. Temos de proceder astuciosamente contra ele, a fim de impedirmos que se desenvolva ainda mais. Em caso de guerra, juntar-se-ia também aos nossos inimigos, lutaria contra nós, e sairia deste país.» Impuseram-lhe então chefes de trabalhos forçados para o oprimirem com carregamentos. E construiu para o faraó as cidades armazém de Pitom e Ramessés. Todavia, quanto mais o oprimiam, mais ele se multiplicava e aumentava; e os egípcios estavam preocupados com os filhos de Israel, e reduziram-nos a uma dura servidão. Tornaram-lhes a vida amarga com uma pesada servidão: barro, tijolos, toda a espécie de trabalhos no campo, tudo uma dura servidão. O rei do Egipto disse às parteiras dos hebreus, das quais uma se chamava Chifra e outra Pua: «Quando assistirdes aos partos das mulheres dos hebreus, reparai na criança: se for um menino, matai-o; se for uma menina, deixai-a viver.» Mas as parteiras temeram a Deus: não fizeram como lhes tinha falado o rei do Egipto, e deixaram viver os meninos. Então, o rei do Egipto chamou-as e disse-lhes: «Porque fizestes dessa maneira e deixastes viver os meninos?» As parteiras disseram ao faraó: «As mulheres dos hebreus não são como as egípcias; elas são fortes: antes de chegar a parteira, já elas deram à luz.» Deus retribuiu o bem às parteiras, e o povo multiplicou-se e tornou-se muito poderoso. Como as parteiras temeram a Deus, e Ele lhes concedeu uma descendência, o faraó ordenou a todo o seu povo: «Atirai ao rio os meninos recém-nascidos; as meninas, porém, deixai-as viver todas.» (Ex 1, 8-22)

¹⁶⁶ TORRALBA, Juan Guillén – *“Exodo” in Comentario al Antiguo Testamento I*. 2ª ed. Atenas: Sígueme, Verbo Divino, 1997, p.121.

3.3.4 Proposta de nova sequência do processo de ensino-aprendizagem

Tendo em conta o que foi aprofundado relativamente à temática: “A pessoa humana” e a análise crítica realizada ao programa, propomos agora uma nova estrutura programática (conforme o quadro abaixo) e uma nova sequência do processo de ensino-aprendizagem. A nova estrutura programática contém uma reformulação dos temas organizadores, dos objetivos, dos conteúdos e dos recursos.

Proposta de estrutura programática para a Unidade Letiva: “A Pessoa Humana”		
Metas Curriculares Previstas	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. G. Identificar os valores evangélicos. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	
Esquema hermenêutico: A pessoa humana possui dignidade e é dessa dignidade que lhe advêm os seus direitos		
Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos
Homens e animais: semelhanças e diferenças. Irrepetibilidade. Relacionalidade e unidade	1. Reconhecer que a pessoa é um animal pluridimensional, relacional, unitário, único e irrepetível. 2. Identificar as características da pessoa que a distinguem dos restantes animais.	- A pessoa é um animal pluridimensional constituído por três grandes dimensões: biológica, social e espiritual (comum a qualquer pessoa, religiosa ou não). - A pessoa é um ser relacional e unitário. A pessoa tem um corpo, relaciona-se com outros e, para o pensamento cristão, a dimensão espiritual e corporal são inseparáveis. - A pessoa é única (tem as suas próprias características físicas, o seu pensar, sentimentos, ...) e irrepetível porque nunca existiu nem vai existir outra igual a ela.
Dignidade da pessoa humana.	3. Reconhecer que, na decorrência da dignidade humana, a pessoa tem direitos e deveres.	- Para os cristãos, Deus é criador e o homem é criatura, criada à imagem e semelhança de Deus e por isso tem dignidade.
Os direitos humanos e a sua correlação com os deveres	4. Correlacionar direitos e deveres.	- A pessoa tem direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - Os direitos e deveres estão correlacionados.
A defesa e a promoção da pessoa e dos direitos humanos: organizações de apoio à pessoa humana	5. Valorizar o cumprimento dos deveres de modo a salvaguardar a dignidade humana. 6. Conhecer meios, processos e atitudes que promovem a dignidade humana.	- Existe legislação que defende os direitos humanos. Existe legislação específica para defender os direitos das crianças. - Existem instituições (católicas e não-católicas) que contribuem para a promoção da dignidade humana. - Bulling, trabalho infantil, violência doméstica,...
Responsabilidade social	7. Respeitar cada pessoa humana.	- Vivemos em sociedade, em relação uns com os outros. O que fazemos ou deixamos de fazer influencia a comunidade e o mundo.

Quadro 4: Proposta de estrutura programática para a leção da UL 1: “A Pessoa Humana”

Com base no conteúdo do quadro atrás exposto, apresentamos de seguida o processo de lecionação de modo sequencial.

Para trabalhar e aprofundar o tema da pessoa humana, inicialmente propomos que se parta da experiência e do conhecimento dos alunos acerca da pessoa humana, levando-os a tomar consciência de que a pessoa é um ser pluridimensional e tem características que a diferenciam dos restantes animais, nomeadamente a relacionalidade e a unicidade. Para tratar o tema da dignidade humana, inicia-se por apresentar a perspectiva cristã relativamente à dignidade humana: o homem é criado à imagem e semelhança de Deus e por isso tem dignidade. A partir da noção de dignidade pretende-se dar a conhecer alguns direitos e deveres da pessoa humana e, seguidamente, através de alguns diálogos, levá-los a tomar consciência de que, apesar de existir legislação que defende os direitos humanos, ainda hoje há pessoas e crianças que não são respeitadas na sua dignidade, e de que é importante cumprir os deveres de modo a garantir os direitos dos outros. Num outro momento, pretende-se dar a conhecer aos alunos meios, processos e atitudes que promovem a dignidade humana, de modo a que eles saibam apresentar soluções para hipotéticas situações relacionadas com o desrespeito dos direitos das crianças, e de modo a sensibilizá-los para o respeito para com os outros.

Relativamente ao número de aulas, para a lecionação do tema: “A pessoa humana”, dado que envolve muito conteúdo, sugerimos que seja lecionado em dez aulas. Em relação ao modo de lecionação, propomos que se inicie usando o método experiencial hermenêutico, através de uma chuva de ideias, em que tentaremos perceber o que os alunos conhecem acerca do tema: “A pessoa humana”. Depois, usando como recurso uma ficha com o Trecho da Antígona de Sófocles, os alunos identificarão quais as características da pessoa humana que a diferenciam dos animais.

As três primeiras aulas seriam dedicadas a abordar as características da pessoa humana e as suas diferentes dimensões. Para lecionar o sub-tema da irrepitibilidade e a dimensão biológica da pessoa humana, propõe-se um trabalho de pares, em que os alunos identificam as semelhanças e as diferenças físicas. Para lecionar o sub-tema da relacionalidade e dimensão social da pessoa humana, sugere-se partir da experiência pessoal dos alunos: assim estes identificariam os grupos em que estão inseridos e partilhariam a sua experiência pessoal de viver em grupo. Para lecionar o sub-tema da unicidade e a dimensão espiritual da pessoa humana, propõe-se que se use como

estratégia a comparação entre a constituição de uma molécula de água e a constituição da pessoa.

Na quarta aula, para lecionar o sub-tema da dignidade e direitos da pessoa, propõe-se usar como recurso uma história acerca de dois exemplares de um selo, únicos no Mundo, e por isso de grande valor, até que um deles foi perdido e ficando a existir apenas um exemplar do selo, agora ainda muito mais valioso. Como recurso poder-se-á também usar o texto bíblico *Gn. 1, 26-28*, para os alunos sublinharem no texto aquilo que faz da pessoa humana um ser tão especial, e como estratégia para explicar que para o cristianismo Deus é Criador e o homem é criatura e que o conceito de valor, de dignidade da pessoa humana advém de ser criada à imagem e semelhança de Deus. Um outro recurso possível de ser utilizado é o texto bíblico *Gn. 2, 21-25*, que ressalta a igual dignidade entre homem e mulher.

Na quinta aula, para lecionar o sub -tema dos Direitos Humanos, sugerimos que se use como recurso um vídeo acerca dos direitos humanos, em que é apresentada a perspetiva histórica relativamente aos direitos da pessoa. De modo a correlacionar os Direitos Humanos com os deveres e com os atentados aos Direitos Humanos propõe-se que, depois de serem apresentadas as principais categorias em que se dividem os direitos das crianças, os alunos tenham espaço para partilhar algum caso que conheçam de atentados aos direitos da criança: *bulling*, trabalho infantil, violência doméstica,...

Na sexta aula, para completar a temática da dignidade humana, propõe-se que se use como recurso o texto bíblico: Êxodo 1, 8-22 para que os alunos analisem e concluam que os Direitos Humanos estão acima da Lei. Nesta aula sugere-se que se peça aos alunos que façam um trabalho de pesquisa em que procurem identificar algum caso de atentado aos direitos das crianças.

De modo a que os alunos tenham conhecimento de alguma instituição local que promove a dignidade da pessoa humana, propõe-se que na sétima aula se realize uma visita de estudo a uma instituição local de solidariedade social, como por exemplo, a Santa Casa da Misericórdia.

Na oitava aula, para lecionar o tema: “Responsabilidade social”, sugere-se que sejam apresentados aos alunos alguns problemas que estes alunos sejam desafiados a solucionar, de modo a sensibilizá-los para terem atitudes de respeito para com os outros. Por fim, sugere-se que se faça uma síntese dos conteúdos lecionados.

Na penúltima aula propõe-se a realização de uma ficha de avaliação formativa e, na última aula, a realização da autoavaliação e heteroavaliação por parte dos alunos: um meio através do qual podem adquirir um maior autoconhecimento, e conseqüentemente, uma maior possibilidade de melhorar e de crescer como pessoas.

Síntese do Capítulo III

Depois de analisado o currículo prescrito para a Unidade Letiva “A Pessoa Humana” do 6º ano de escolaridade de EMRC, demo-nos conta de que, apesar da sua grande potencialidade, contém várias lacunas: apresenta alguma falta de articulação entre os diferentes sub-temas, os objetivos propostos nem sempre são claros, não estão equilibrados relativamente aos domínios, e alguns conteúdos não são curriculares. Verificámos que os objetivos e os conteúdos estão direcionados sobretudo para desenvolver o conhecimento e as atitudes, mas não as capacidades, pelo que não cumprem o que se encontra definido no recente documento do Perfil do aluno à saída do ensino obrigatório. Mas ressalvamos, mais uma vez, tal como já foi referido anteriormente, que, quando foi elaborado o currículo, ainda não existia este documento.

Relativamente à análise ao currículo prescrito realizada ao nível das metas, objetivos e conteúdos, à luz dos traços fundamentais da pessoa humana, verificou-se que ao nível das metas não foi considerada nenhuma meta relativa à dignidade da pessoa humana, apesar de existir uma meta do programa de EMRC adequada a esta temática: a Meta Q. «Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana». Verificou-se ainda que, ao nível dos conteúdos, não existe qualquer conteúdo relativo à noção de dignidade humana nem qualquer referência à categoria bíblica “imagem de Deus”, apesar de esta dimensão ser referida nos objetivos. Concluiu-se, assim, que por vezes não existe coerência entre objetivos e conteúdos, e que à luz do quadro teórico elaborado, os conteúdos explicitados no currículo não são suficientes para a abordagem dos traços fundamentais da pessoa humana.

Tendo em conta esta reflexão, foi apresentada uma reformulação da Unidade Letiva que inclui nos conteúdos a noção de dignidade fundamentada na categoria bíblica de “imagem de Deus”.

CONCLUSÃO

A PES constituiu uma oportunidade única de muitas aprendizagens e de estruturação enquanto profissionais da educação. Foram adquiridas várias competências pelo que o modo de planificação, lecionação e elaboração de instrumentos de avaliação foi progressivamente melhorando. Os progressos alcançados foram o resultado dos ensinamentos, dos feedbacks e de uma reflexão crítica acerca da prática e do estudo.

No decorrer da PES tomámos consciência de que o professor de EMRC deve ser um profissional com competência científica e técnica, com capacidade de reflexão relativamente à sua prática e comprometido com a educação de cada aluno que lhe é confiado. Deve reconhecer que no aluno existe uma pessoa única com uma dignidade inviolável e contribuir para «o pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos»¹⁶⁷. Tendo em conta tudo isto, na lecionação procurámos dar atenção à pessoa e à singularidade de cada aluno.

Através da reflexão desenvolvida para este relatório de estágio percebemos que, ao longo da história humana e cristã, apesar de terem sido muitos os investigadores que tentaram aprofundar o tema da pessoa humana, os seus diferentes estudos e abordagens são apenas parcelares pelo que a pessoa humana continua para nós um mistério. Compreendemos que a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus Trindade, é um ser de relação que só se realiza plenamente quando investe na relação com os demais, e é nessa relação que se percebe como única e irrepetível. A reflexão realizada permitiu, assim, identificar algumas das características estruturantes da pessoa humana: unicidade, irrepetibilidade, relacionalidade e dignidade.

No início deste trabalho de investigação foram colocadas duas questões, às quais procurámos dar resposta. Relativamente à primeira questão: Que contributo a reflexão antropológica, teológica e ética acerca da pessoa humana e da sua dignidade, à luz da categoria bíblica de “imagem de Deus”, pode dar para a lecionação da UL “A Pessoa Humana” do 6º ano de EMRC? Concluimos que a referida reflexão humana e da sua pode dar um contributo para a lecionação desta UL e para uma eventual reformulação

¹⁶⁷ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 49/2005, de 30 de agosto – LBSE in *Diário da República*, 1ª Série, Nº 166, art.3.

curricular, porque esta categoria bíblica ajuda a compreender o valor único e absoluto da pessoa humana, com dignidade superior a qualquer outra criatura.

Relativamente à segunda questão colocada inicialmente: Tendo em conta a reflexão realizada acerca da Pessoa Humana, o currículo prescrito para esta UL é o mais adequado?, verificámos, através da análise ao currículo prescrito à luz das características fundamentais da pessoa humana, que este não é o mais adequado porque apresenta alguns limites. Na nossa opinião um dos maiores é o de não evidenciar o contributo e a “luz” que os dados da revelação podem dar para a valorização e dignificação da pessoa humana, pois no currículo prescrito não existem conteúdos relativos ao conceito de dignidade da pessoa humana nem à categoria bíblica “imagem de Deus.” Da nossa análise ao currículo prescrito, concluímos ainda que não cumpre o que vem estabelecido no recente documento da DGE relativo ao perfil do aluno à saída do ensino obrigatório, no que diz respeito às áreas de competências a desenvolver pelos alunos. Tendo em conta estes elementos, fica a questão no ar: Não seria este um momento oportuno para rever e talvez reformular o currículo proposto para a UL “A Pessoa Humana?”

Apesar do currículo proposto para esta UL apresentar alguns limites, não podemos deixar de sublinhar a relevância da UL “A Pessoa Humana”, na medida em que esta contribui para que os adolescentes tomem consciência da importância de respeitarmos e cuidarmos da Pessoa Humana como única, irrepetível, com capacidade de relação e com uma dignidade inviolável.

O finalizar desta etapa constitui também um ponto de partida de uma nova caminhada, agora com uma “bagagem maior e mais pesada”: por um lado, porque contém mais “ferramentas” para enfrentar novos desafios e por outro, porque contém o peso da responsabilidade de despertar nos alunos o respeito pela dignidade de cada pessoa humana.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

AGOSTINHO – *Obras de San Agustin. Tomo XV*. Madrid: B.A.C., 1957.

_____ *A Trindade*. São Paulo: Paulos, 1995.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 240/2001, de 30 de agosto – Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário in *Diário da República*, 1ª Série, N°240.

_____ Lei 49/2005, de 30 de agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo in *Diário da República*, 1ª Série, N° 166.

_____ Lei 51/2012, de 5 de setembro de 2012; cap.III; secção I; artº 6º - Sobre o estatuto do aluno, in *Diário da República*; 1ª Série, N° 172.

BÍBLIA SAGRADA – Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica. 2ª ed. 2000.

CARVALHO, Cristina de Sá [et. al.] – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

DENZINGER, Heinrich – *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

IGREJA CATÓLICA – *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, in Concílio Ecuménico Vaticano II. AAS. 58 (1966) 1025-1115

_____ Papa, 1978 – 2005 (João Paulo II) – *Christifideles Laici* [Exortação Apostólica de 30 de dezembro de 1988] AAS. 80 (1988) 396-431

_____ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *EMRC – Contributo para um novo humanismo, Nota Pastoral da Comissão Episcopal da Educação Cristã*. [consulta 24 ag. 2018]. Disponível em http://www.etc.pt/VP/ler_seccao24af7.html?diranter350*6%7C2.

_____ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – *Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus*. [consulta 4 jul. 2018]. Disponível em

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html

_____ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia. 2005.– *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia. 2005.

_____ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA – *Bíblia e moral: raízes bíblicas do agir cristão*. [consulta 24 jul. 2018]. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20080511_bibbia-e-morale_po.html

- _____. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Caritas in Veritate*, 2009. [Carta Encíclica de 29 de junho de 2009] *AAS*. 101 (2009) 641-709
- _____. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade. in *Pastoral Catequética* 5 (2006), 7-16
- ONU – *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.
- _____. *Convenção sobre os Direitos da Criança*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em <http://www.educris.com/v2/123-geral/926-direito-internacional>.
- SÓFOCLES – *Antígona*. Tradução de M.H. Rocha Pereira. Coimbra: Atlântida, 1968.
- TOMÁS DE AQUINO – *Suma Teológica I*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2014.
- _____. *Suma Teológica II*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2014.

ESTUDOS

- ABBAGNANO, Nicola – Pessoa. In *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. Coord. por Alfredo Bozzi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 761.
- ALFARO, Juan – *De la cuestión del hombre a la cuestión de Dios*. Salamanca: Sígueme, 2002.
- ARDITA, M.G. – Dignidade Humana. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por Salvino Leone, Salvatore Privitera, São Paulo: Editorial Perpétuo Socorro, 2001, p. 275-277.
- ARENDS, RICHARD I. – *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw-Hill de Portugal, 1995.
- ARTACHO LÓPEZ, Rafael – *La enseñanza escolar de la Religión*. Madrid: Promoción Cultural Cristiana, 1989.
- _____. *EMRC e Catequese*. [consulta 10 de março 2019]. Disponível em <http://www.educris.com/v2/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#origem>.
- AUSUBEL, David; HANESIAN, Helen; NOVAK, Joseph – *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

- AZEVEDO, Joaquim – *A educação, no futuro, precisa de outra escola. Amanhã de manhã*. Braga. [consulta 24 de ag. 2018]. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22387/1/A%20educa%C3%A7%C3%A3o%2c%20no%20futuro%2c%20precisa%20de%20outra%20escola.pdf>.
- BARATA-MOURA, José – Da pessoa como categoria ôntica à pessoa como categoria ética. A propósito do tema da «Pessoa» em S. Tomás de Aquino. *Didaskalia*. 4:2 (1974) 357-398.
- BARROS, José de Oliveira – *Psicologia da religião*. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.
- BEE, Helen – *A criança em desenvolvimento*. 3ª ed. Brasil: Editora Harbra, 1986.
- BOFF, Leonardo – *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- COLL, César – *Psicología y currículum*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991.
- COMPARATO, Fábio Konder – *A Afirmação histórica dos Direitos Humanos*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CORTINA, Adela – *Ética mínima. Introducción a la filosofía práctica*. 6ª ed. Madrid: Tecnos, 2000.
- COUTINHO, Vítor – *Introdução à Ética Teológica*. Leiria: Centro de Formação e Cultura, 2011.
- COUTO, António – *Como uma dádiva: Caminhos de Antropologia Bíblica*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.
- _____. *Caminho da vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.
- D' AGOSTINO, Biagio – *A pessoa humana e a moral*. Coleção Verdade. Lisboa: União Gráfica, 1957.
- DELORS, Jacques – *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Rio Tinto: Edições Asa, 1996.
- FERNÁNDEZ CASTELAO, Pedro – El ser humano como «unidad multidimensional». Más allá de la oposición «cuerpo y alma». *Sal Terrae* 98 (2010) 395-408.
- FLECHA ANDRÉS, José Roman – La opción por el hombre, imagen de Dios, en la ética. In *Semanas de estudos trinitários - El hombre, Imagen de Dios*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1989, p. 115-143.
- FLICK, Maurizio; ALSZEGHY, Zoltan – *Antropologia teológica*. 7ª ed. Salamanca: Editorial Sígueme, 1993.

- FÓRUM DO ENSINO PARTICULAR E COOPERATIVO – *Currículo: gestão diferenciada e aprendizagem de qualidade / IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo; textos Maria do Céu Roldão... [et al.]*. Lisboa: Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, 1999.
- FRATALLONE, Raimondo – Pessoa. In *Dicionário de Bioética*. Dir. por Salvino Leone; Salvatore Privitera. São Paulo: Editorial Perpétuo Socorro, 2001.
- FREIRE, Paulo – *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. Brasil: Paz e Terra, 2002.
- INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – *Moralismo*. [consulta 10 de março 2019]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/moralismo>.
- INSPEÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA – *Avaliação externa das escolas: Relatório Agrupamento de Escolas Vallis Longus*. [consulta 14 nov. 2017]. Disponível em <http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/relatorioavaliacaoexterna.pdf>.
- JULIATTO, Clemente Ivo – *O Horizonte da educação: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida*. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2009.
- JUNTA DE FREGUESIA DE VALONGO – *Agenda cultural*. [consulta 30 de jul. 2018]. Disponível em <http://www.jf-valongo.pt/pt/visitante/agenda-cultural-1/>.
 _____ *Habitantes de Valongo*. [consulta 23 jul. 2018]. Disponível em <http://www.jf-valongo.pt/pt/visitante/freguesia-de-valongo/>.
- HALL, Douglas John – *Être image de Dieu*. Canada: Bellarmin, 1998.
- LADARIA, Luis F. – *Antropologia Teológica*. Casale Monferrato: Piemme, 1995.
 _____ *Introducción a la Antropologia Teológica*. Estella: Verbo Divino, 1996.
- LEAL, Ana Teresa – *Violência no Meio Escolar: O bullying e as novas formas de violência entre os jovens*. [consulta 25 de ag. 2018]. Disponível em http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/Bullying/Bullying_novas_formas_violencia_escolar.pdf.
- LEITE, Teresa – *Planeamento e conceção da arte de ensinar*. Aveiro: Coleção Situações de Formação, 2010.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira, et al. – *Perfil dos alunos para o século XXI*. [consulta 22 ag. 2018]. Disponível em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.
- MOLTMANN, Jürgen – *La Dignidad Humana*. Salamanca: Ediciones Sigueme. 1983.

- MORGEN, Michèle – *As Cartas de São João, Cadernos Bíblicos*. Lisboa: Difusora bíblica, 1995.
- PANNENBERG, Wolfhart – *Antropología en perspectiva teológica: implicaciones religiosas de la teoría antropológica*. Salamanca: Sígueme, 1993.
- PERRENOUD, Philippe – Dez Princípios para tornar o sistema educativo mais eficaz. In *Avaliação dos Resultados Escolares, Medidas para tornar o sistema educativo mais eficaz*. Porto: Asa, 2003, p. 103-106.
- RAHNER, Karl – *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Herder, 1968.
 _____ *Escritos de Teologia II*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2ªed., 2002, 232-257.
- RAVASI, Gianfranco – *Guía Espiritual del Antiguo Testamento: El Libro del Génesis (1-11)*. Barcelona: Editorial Herder, 1992.
- RIBEIRO, António Carrilho; RIBEIRO, Lucie Carrilho – *Planificação e avaliação do ensino- aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta., 2003.
- RIBEIRO, Elton Vitoriano – Antropologia teológica e hermenêutica. *Horizonte teológico*. 11: 21 (2012) 31-42.
- ROLDÃO, Maria do Céu – *Desenvolvimento do currículo e melhoria de processos e resultados*. [consulta 10 ag. 2018]. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14705>.
- ROLDÃO, Maria do Céu; GASPAR, Maria Ivone – *Elementos do desenvolvimento curricular*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luís – Sobre la estructura, método y contenidos de la antropologia teológica. *Studium Ovetense*. 8 (1980) 347-360.
 _____ *Imagen de Dios: Antropología teológica fundamental*. Santander: Sal Terrae, 1988.
- SARLET, Ingo Wolfgang – *Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 9ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012.
- SILVA, Jesús – Qué es la persona? *Communio*. 24: 3 (2002) 554-570.
- SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews – *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- TORRALBA, Juan Guillén – “Exodo” in *Comentario al Antiguo Testamento I*. 2ª ed. Atenas: Sígueme, Verbo Divino, 1997.

VIDAL, Marciano – La comunión trinitária y el diálogo ético en la sociedad secular. In *Semanas de estudos trinitários – Trinidad y vida moral*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2002, A. 121-172.

WEISER, A. – *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

ZABALA, Antonini – *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. São Paulo: Artmed Editora, 1996.

ANEXOS RELATIVOS À UL “A PESSOA HUMANA”

Planificações

PLANIFICAÇÃO 1º PERÍODO (6º A)		
UNIDADE TEMÁTICA	A pessoa humana	Nº DE AULAS
CONTEXTO EDUCATIVO	A turma é constituída por 18 alunos, sendo que um deles tem necessidades educativas especiais.	
ESQ. HERMENÊUTICO:	- A pessoa humana nas suas diferentes dimensões é um ser de relação, com direitos e deveres, que na sua liberdade possui e procura defender a dignidade da pessoa. Para o cristão, Deus conhece e ama cada pessoa, e é a partir dessa consciência que assume um padrão de valores cristãos.	

Metas Curriculares	Temas organizadores	Objetivos *	Conteúdos
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p>	<p>Quem é a Pessoa?</p> <p>Dimensões da pessoa humana</p> <p>Nascemos para ser felizes - a autenticidade.</p> <p>Direitos e deveres da pessoa humana</p> <p>Organizações de apoio à pessoa</p> <p>Deus estabelece com o Homem uma relação</p>	<p>1.Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.</p> <p>2.Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.</p> <p>3.Promover a autenticidade como caminho de felicidade, e fidelidade ao próprio projeto (vocação).</p> <p>4. Conhecer os direitos e deveres da pessoa humana, a partir da noção de dignidade humana</p> <p>5.Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.</p>	<p>Quem é uma pessoa?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma unidade irrepetível, - Um ser em relação com os outros. <ul style="list-style-type: none"> • Dimensão biológica • Dimensão social: a relação com os outros; • Dimensão espiritual <ul style="list-style-type: none"> • A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. • A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); • A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...): <ul style="list-style-type: none"> ▪ Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; ▪ Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; ▪ A aceitação de si mesmo. • O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A Declaração Universal dos Direitos do Homem; • A Convenção sobre os Direitos da Criança. • Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; • A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: <ul style="list-style-type: none"> - À família; Ao bem-comum; À educação. • O contributo da Igreja Católica nos cuidados: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Assistenciais;

<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>peçoal «Ser pessoa» e dar condições para que todos sejam «Pessoas»</p>	<p>6. Conhecer a perspectiva cristã relativamente à relação que Deus estabelece com o Homem.</p> <p>7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ De saúde; ▪ Da educação. ▪ Deus estabelece com todos uma relação pessoal. ▪ <p>Só somos verdadeiramente “pessoas” quando procuramos criar condições para que todos sejam “pessoas”. - Amor mútuo</p>
<p>METODOLOGIAS A PRIVILEGIAR</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Experiencial hermenêutico e problematização. 		
<p>RECURSOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Livro de ponto, quadro, marcadores, manual do 6º ano: “Estou contigo”. 		
<p>POSSÍVEL INTERDISCIPLINARIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Biologia 		

PLANO DE AULA N° 1

DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	Características da pessoa humana.	SUMÁRIO PROVÁVEL	Introdução ao tema: “A pessoa humana”. Características específicas da pessoa humana.	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AValiação
<p>1. Identificar características específicas da pessoa que a distinguem dos outros seres vivos.</p> <p>2. Reconhecer que a pessoa vive em relação com os outros e que comunica de várias formas.</p> <p>3. Tomar conhecimento</p>	<p><u>Características que nos distinguem dos outros seres vivos:</u> a liberdade (tomar decisões livremente), a inteligência, a comunicação, os sentimentos, os direitos e deveres, a capacidade de distinguir o bem e o mal, a capacidade de refletirmos acerca do que pensamos, a capacidade de amar, etc.</p> <p>Santo Agostinho usou a palavra pessoa para se referir às três pessoas (divinas) da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Para ele, a palavra “pessoa” queria dizer que era capaz de relacionar com outros.</p> <p>- Comunicamos de várias formas...expressando o que sentimos também de várias formas. Comunicamos não só por linguagem verbal, mas também através de linguagem não verbal.</p> <p>- As pessoas vivem em relação umas com as outras e ser pessoa também é relacionar-se com as pessoas que estão ao nosso redor. Ser pessoa também é sentir diferentes emoções, sentimentos, e comunicá-los através da linguagem verbal e não verbal (corporal): estar alegre, triste, furioso.... Na Grécia antiga acreditava-se que o ser humano era</p>	<p>- Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos.</p> <p>- Chamada.</p> <p>- Sumário escrito no quadro.</p> <p>- Com o apoio do quadro a professora dinamiza uma Chuva de ideias acerca de: “o que é ser pessoa?” anotando as diferentes respostas.</p> <p>- Procurando juntar as ideias semelhantes, a professora faz uma síntese da chuva de ideias.</p> <p>- Depois desta síntese, a professora questiona: “Temos aqui algumas características da pessoa. Destas, quais são as características que me distinguem dos outros seres vivos? E faz uma lista de todas as características que distinguem a pessoa dos outros seres vivos, acrescentando, se for caso disso, outras características.”</p> <p>- Pedir a um aluno que leia a última frase da página 14 do manual.</p> <p>- Projeção e observação de imagens para identificar a capacidade de relação e a comunicação não verbal de: emoções, sentimentos e pensamentos, como características específicas do ser humano.</p> <p>1- fazer o exercício de tentar perceber que tipo de relação está representado em cada imagem.</p> <p>2- fazer novamente o exercício de identificar qual é o sentimento, emoção ou pensamento que representa cada uma das imagens.</p> <p>- Diálogo sobre as imagens para reforçar as seguintes características específicas das pessoas:</p> <p>- estabelecemos relações uns com os outros, e comunicamos através de linguagem verbal e não verbal.</p>		<p>10’</p> <p>15’</p> <p>15’</p> <p>5’</p>	<p>Avaliação direta do interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>

<p>de que, segundo a perspectiva cristã, a pessoa humana é uma unidade corpo-espírito.</p>	<p>composto por duas dimensões: o corpo e a alma ou o espírito. Este foi um pensamento que se foi “espalhando” e chegou ao Cristianismo. Para o pensamento cristão atual, a dimensão corporal e a espiritual são inseparáveis. - Através do nosso corpo exprimimos o que sentimos, o que pensamos, ou as nossas decisões. Nenhum de nós é simplesmente corpo, nem simplesmente espírito.</p>	<p>- Através de algumas questões e de um diálogo com alunos, fazer a passagem entre a capacidade que as pessoas têm de comunicar emoções e pensamentos através do corpo para chegar à perspectiva cristã de que o ser humano é uma unidade corpo-espírito. - Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>		
<p>RECURSOS: Livro de ponto, quadro, marcadores, computador, projetor, ficha, manual do 6º ano, caderno, esferográfica.</p>				

PLANO DE AULA Nº 2

DATA HORA	9/10/2017 11:45 – 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Dimensão biológica Dimensão social	SUMÁRIO PROVÁVEL	A dimensão biológica e a dimensão social da pessoa humana.	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>1. Identificar as próprias características físicas e reconhecer-se como um ser único.</p> <p>2. Identificar a influência da família, da sociedade em geral, e dos diferentes grupos sociais no seu desenvolvimento enquanto pessoa.</p>	<p>A pessoa humana caracteriza-se por diferentes dimensões que podemos agrupar em três: a biológica, a social e a espiritual.</p> <p>A dimensão biológica caracteriza todos os seres vivos. Cada ser humano apresenta características biológicas únicas. A identidade sexual é um aspeto importante da dimensão biológica da pessoa porque está relacionada não só com as características físicas mas também com as características psicológicas.</p> <p>O cérebro humano é muito mais desenvolvido do que o das restantes espécies animais. Os seres humanos têm uma inteligência superior. Esta inteligência permite-lhes criar, e agir sobre o mundo.</p> <p>Dimensão social</p> <p>A dimensão social encontra-se associada às espécies animais, à sua capacidade de comunicação e organização em grupo; no entanto, no <u>ser humano, esta dimensão é muito mais complexa, como podemos verificar pela organização das sociedades humanas.</u></p> <p>Exemplos de organização da sociedade na cidade de Valongo.</p> <p>O ser humano afirma-se em sociedade através da família e dos diversos grupos sociais e culturais aos quais pertence.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Recordar brevemente o que se falou na aula anterior. - Sumário escrito no quadro pela professora. - À medida que a professora transmite algum conteúdo, vai passando algumas imagens em power-point. - De modo a que cada aluno se reconheça como um ser único, e diferente de todos os outros, nomeadamente de todos os colegas, realizar um exercício em que cada um identifica as suas características físicas. - Breve diálogo acerca do exercício que fizeram. Referir que na turma há dois gémeos. Perguntar-lhes se têm características físicas diferentes. - Através de um diálogo com os alunos, fazer uma breve suma dos conteúdos, escrevê-la no quadro e pedir aos alunos que a escrevam no caderno. - Através de um diálogo pedir aos alunos que digam alguns exemplos de organizações da sociedade que conheçam, nomeadamente na cidade de Valongo. - Realizar um exercício em que cada um identifica os grupos que mais contribuem para o seu desenvolvimento. - Através de um diálogo questionar os alunos acerca do que têm aprendido com a família e nos diversos grupos sociais a que pertencem, e de que modo esses grupos têm sido ajuda para o seu crescimento. - Partindo de um diálogo com os alunos, fazer uma breve suma 		<p>15'</p> <p>10'</p> <p>10'</p> <p>10'</p>	<p>Registo da assiduidade.</p> <p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intenção educativa.</p>

	<p>A família tem uma importância fundamental no desenvolvimento da pessoa. É na família que começamos a perceber que todos somos diferentes, que temos características únicas, e que aprendemos também os valores que influenciam as nossas atitudes e o nosso comportamento.</p> <p>Ao viver em sociedade cada pessoa é herdeira de um passado e a ele devedora. Dessa herança cada um recebe tradições, crenças, formas de vida, leis, regulamentos,...</p>	<p>dos conteúdos, escrevê-la no quadro e pedir aos alunos que a escrevam no caderno.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, o professor dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>		
<p>RECURSOS:</p>	<p>Livro de ponto, quadro, marcadores, computador, projetor, ficha, manual do 6º ano, caderno, esferográfica.</p>			

PLANO DE AULA Nº 3

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)	TEMPO	AVALIAÇÃO	
DATA HORA	16/10/2017 11:45 – 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Dimensão social Dimensão espiritual Experiência religiosa	SUMÁRIO PROVÁVEL	A dimensão social e a dimensão espiritual da pessoa humana.
<p>1. Identificar a dimensão social na pessoa humana</p> <p>2. Perceber de que modo a família, a sociedade em geral, e os diferentes grupos sociais têm influência no seu desenvolvimento enquanto pessoa.</p>	<p>Dimensão social</p> <p>A dimensão social está relacionada com o viver em grupo. É na família que começamos a perceber que todos somos diferentes, que temos características únicas, e é na família que aprendemos também os valores que influenciam as nossas atitudes e o nosso comportamento.</p> <p>→ <u>A dimensão social está associada às espécies animais. Mas no ser humano, esta dimensão é muito mais complexa,</u> como podemos verificar pela organização das sociedades humanas.</p> <p>Exemplos de organização da sociedade na cidade de Valongo:</p> <p>Ao viver em sociedade cada pessoa é herdeira de um passado e a ele devedora. Dessa herança cada um recebe tradições, crenças, formas de vida, leis, regulamentos,...</p> <p>→ “- A pessoa vive em sociedade, aprende com ela, e herda dela tradições e formas de vida.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Recordar brevemente o que se falou na aula anterior. - Sumário escrito no quadro pela professora. - Através de um diálogo com os alunos, questioná-los acerca do que é para eles a dimensão social. - Questionar os alunos acerca de quem nos ensina desde muito cedo a viver esta dimensão social... - Perguntar aos alunos se as espécies animais têm esta dimensão e se será ou não semelhante nas diferentes espécies. - A professora escreve no quadro uma breve síntese e solicita aos alunos que copiem para o caderno. - De modo a envolver mais os alunos na dinâmica da aula incentivá-los a dizer alguns exemplos de organizações da sociedade que conheçam, nomeadamente na cidade de Valongo. - Através de um diálogo, gerido pela professora, questionar os alunos acerca do que aprendemos ou não com as pessoas que nos rodeiam, e com os grupos e que estamos inseridos, ... de que modo esses grupos têm sido ajuda para o seu crescimento. - Solicitar a um aluno para ler o final da pg. 17. - Ao mesmo tempo que a professora escreve no quadro uma breve síntese, diz aos alunos para a copiarem para o caderno. - De modo a identificar a influência da sociedade e dos diferentes 	<p>10'</p> <p>20'</p>	<p>Registo da assiduidade.</p> <p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intenção educativa.</p> <p>Registo do interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>	

<p>3. Compreender a abrangência do conceito de dimensão espiritual</p> <p>4. Tomar consciência de que a ligação ao transcendente distancia a pessoa de todos os animais.</p>	<p>Dimensão espiritual</p> <p>A pessoa realiza-se nas dimensões biológica e social. Mas a pessoa só se completa na dimensão espiritual. É esta a característica que distingue o ser humano dos outros animais.</p> <p>A dimensão espiritual está presente em todos os seres humanos, faz parte do ser humano, seja ele crente ou não. Consiste na capacidade de pensar, de amar, de tomar decisões livres, de escolher entre o bem e o mal.</p> <p>- Na dimensão espiritual encontramos a experiência religiosa.</p> <p>- Os cristãos acreditam que, enquanto imagem e semelhança de Deus, cada pessoa é capaz de contribuir para a construção de um mundo mais rico, onde a beleza, a verdade, a justiça e o amor orientam o comportamento humano e a vida das sociedades. Acreditam que, se Deus é amor e nós somos criados à sua imagem e semelhança então também somos capazes de amar como Ele.</p> <p>Por mais que tenha muitas habilidades, nenhum animal tem necessidade da procura do sentido da vida, ou tem a capacidade de se relacionar com Deus.</p> <p>→ <i>“É a ligação ao transcendente que distancia a pessoa de todos os animais.”</i></p>	<p>grupos no seu desenvolvimento como pessoa, pedir aos alunos para fazerem em casa um exercício.</p> <p>- Solicitar a um aluno para ler a primeira frase da pg. 22.</p> <p>- Questionar os alunos: <i>Já se perguntaram alguma vez: “Qual o sentido da minha vida, para que é que eu existo?”</i></p> <p>- Explicar a perspetiva cristã: Deus Criador e o homem criado à sua semelhança.</p> <p>- Solicitar a um dos alunos que leia o último parágrafo da pg. 22</p> <p>Ao mesmo tempo que a professora escreve no quadro uma breve síntese, diz aos alunos para a copiarem para o caderno.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, o professor dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>	<p>15'</p>	
<p>RECURSOS:</p>		<p>Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, computador, projetor, ficha, caderno, esferográfica.</p>		

PLANO DE AULA Nº 4

DATA HORA	23/10/2017 11:45 – 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Pessoa Autenticidade Felicidade	SUMÁRIO PROVÁVEL	A pessoa e a autenticidade	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AVALIAÇÃO
1. Perceber o que significa ser uma pessoa autêntica	<p>- A verdade está na pessoa e não na máscara. É na pessoa debaixo da máscara que está a autenticidade.</p> <p>Pessoa autêntica: é verdadeira, é ela mesma em qualquer lugar e em qualquer situação.</p> <p>- Por vezes procuramos mostrar aos outros aquilo que não somos, vivendo uma vida de aparência, ou seja, uma vida não autêntica. Sermos genuínos e autênticos, relacionando-nos com os outros a partir do que somos e daquilo que acreditamos nem sempre é fácil.</p> <p>Quando é que não somos pessoas autênticas:</p> <p>- Usamos máscaras quando queremos mostrar aquilo que não somos, quando queremos transparecer aquilo que não somos.</p> <p>- Muitas vezes quando falamos ao telemóvel não somos autênticos, dizemos que está tudo bem, mas por vezes não está.</p> <p>O que é que nos impede de sermos autênticos:</p> <p>- O que nos impede de sermos pessoas autênticas é o querer agradar aos outros, o medo de magoar, o medo que não gostem de nós, o medo de receber críticas,...</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Recordar brevemente o que se falou na aula anterior. - Sumário escrito no quadro pela professora. - Através da projeção da imagem de uma máscara, a professora questiona os alunos acerca de quando é que usamos máscaras. - Com o apoio do quadro a professora dinamiza uma Chuva de ideias acerca do que é: “uma pessoa autêntica?” anotando as diferentes respostas. - Destas respostas, a professora seleciona algumas, escreve-as no quadro e pede para os alunos copiarem para o caderno. - Através da projeção da imagem de crianças felizes, e de um diálogo acerca da imagem, a professora mostra exemplos de pessoas autênticas. - A professora questiona os alunos se estes têm telemóvel. Através da projeção da imagem de jovens com tlm, e de um diálogo acerca da imagem, a professora questiona diretamente algum aluno acerca das situações em que não somos pessoas autênticas. - De forma a envolver mais os alunos e de modo a que estes percebam a diferença entre uma pessoa autêntica e uma pessoa não autêntica, fazer sopa de letras da pg. 26 do manual. - A professora questiona os alunos acerca do que nos leva a não ser autênticos, e dá espaço para a partilha. 		<p>10’</p> <p>5’</p> <p>5’</p> <p>10’</p>	<p>Registo da assiduidade.</p> <p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intenção educativa.</p> <p>Registo do interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>

<p>2. Valorizar a importância de ser uma pessoa autêntica como meio para ser feliz</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quando achamos que temos de mudar para agradar os outros, começamos a perder a nossa autenticidade. <p>O que é que nos pode ajudar a ser autênticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando sentimos que somos amados tal como somos, vivemos sem medo de sermos julgados, não temos medo de dar a nossa opinião,... somos nós próprios sem máscaras, até podemos confidenciar algum segredo,... - É o amor que nos ajuda a ser pessoas autênticas. <p>- Os cristãos acreditam que Deus os ama e por isso sentem-se felizes... A experiência mais importante para um cristão é a de sentir-se filho infinitamente amado por Deus.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando sentimos que gostam de nós... somos pessoas mais autênticas e queremos retribuir de alguma forma... Assim também acontece com os cristãos... Sentindo-se amados por Deus também querem retribuir o amor, colaborando com Deus e amando, também eles, todas as pessoas que Deus coloca no seu caminho. - Os cristãos propõem um caminho de felicidade que passa pelo amor aos outros. - Quem acredita em Deus tem um pensamento semelhante a este: “Deus tem um projeto de vida para mim e por isso nasci neste lugar, com determinadas características,... A melhor forma de ajudar Deus e de contribuir para o Seu projeto de amor é sendo fiel à minha originalidade, é sendo autêntico, porque senão Ele teria criado pessoas iguais umas às outras.” <p>→ <i>Uma pessoa autêntica, é fiel à sua originalidade e é mais feliz!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando somos autênticos, somos fiéis à nossa originalidade e por isso vivemos melhor o nosso projeto de vida, a que os cristãos chamam de vocação, ou seja aquilo para que temos mais tendência, o que temos mais gosto de fazer. Assim, fazendo o que gostamos também seremos mais felizes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Através de um diálogo, a professora questiona diretamente algum aluno acerca do que ajuda a ser pessoas autênticas,.. em que lugares e situações, isso acontece,... e dá espaço para a partilha. <p>- Solicitar a um aluno para ler texto da pg. 28 do manual (“os cristãos...”)</p> <p>- Questionar diretamente um aluno acerca do que acontece quando sentimos que gostam muito de nós?</p> <p>- De forma a que os alunos percebam a mensagem acerca do caminho felicidade que os cristãos propõem, projetar imagem do Papa Francisco a abraçar uma criança.</p> <p>- A professora escreve no quadro uma breve síntese e diz aos alunos para a copiarem para o caderno.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>	<p>5’</p> <p>10’</p>	
<p>RECURSOS:</p>	<p>Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, projetor, computador, caderno, esferográfica.</p>			

PLANO DE AULA Nº 5

DATA HORA	30/10/2017 11:45 – 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Autenticidade Amor Direitos e deveres A DUDH	SUMÁRIO PROVÁVEL	Conclusão da aula anterior: a pessoa e a autenticidade. Perspetiva histórica dos direitos e deveres da pessoa.
------------------	--------------------------------	----------------------------	---	-------------------------	---

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)	TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>1. Valorizar a importância do amor para sermos pessoas autênticas.</p>	<p>→ <i>O amor faz-nos pessoas autênticas.</i></p> <p>- A experiência mais importante para um cristão é a de sentir-se filho infinitamente amado por Deus.</p> <p>→ <i>O cristianismo propõe um caminho de felicidade que passa pelo amor aos outros.</i></p> <p>- Pelo facto de sermos pessoas, todos somos portadores de direitos e deveres.</p> <p>- <i>Direitos Humanos: direitos que a pessoa tem simplesmente porque é pessoa</i></p> <p>- O estabelecimento e reconhecimento dos direitos humanos tal como os conhecemos hoje, levou muito tempo a ser alcançado e ainda é um processo que não está concluído.</p> <p>Principais datas que antecederam o aparecimento da legislação relativa aos direitos humanos:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Recordar brevemente o que se falou na aula anterior. - Sumário escrito no quadro pela professora. 	8'	<p>Registo da assiduidade e falta de material.</p>
		<p>2. Conhecer a perspetiva histórica da evolução e da afirmação dos direitos e deveres da pessoa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar diretamente um aluno acerca do que acontece quando sentimos que gostamos muito de nós? - Solicitar a um aluno para ler texto da pg. 28 do manual (“a experiência”) - De forma a complementar a mensagem que os alunos leram no manual acerca do caminho de felicidade que os cristãos propõem, projetar imagem do Papa Francisco a abraçar uma criança. - Breve diálogo com os alunos, após o qual a professora escreve no quadro uma suma desse diálogo e diz aos alunos para a copiarem para o caderno. - Como forma de introduzir o tema dos direitos e deveres, a professora solicita a um dos alunos que leia o texto da pg. 30 do manual. - Para que os alunos fiquem com este conteúdo no caderno, a professora escreve no quadro e pede aos alunos que copiem para o caderno o que acabaram de ler e ouvir. - De forma a que os alunos tenham uma breve retrospectiva da História dos Direitos Humanos, mostrar um vídeo: http://pt.youthforhumanrights.org/what-are-human- 	
		<ul style="list-style-type: none"> - De forma a que os alunos tenham uma breve retrospectiva da História dos Direitos Humanos, mostrar um vídeo: http://pt.youthforhumanrights.org/what-are-human- 	15'	

	<ul style="list-style-type: none"> - 1060 a. C.: libertação do povo do Egito, - 539 a.C.: Ciro, o Grande conquistou a Babilônia e anunciou que todos os escravos eram livres, - 1: Jesus Cristo que acolhe e integra todos de igual forma (mulheres, doentes, crianças), - 1761: abolição da escravatura, - 1945: libertação dos campos de concentração nazi, - 1945: organização das Nações Unidas. - 1948: <i>Convenção Universal dos Direitos Humanos</i> 	<p>rights.html</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo exploratório do filme. - De modo a que os alunos visualizem melhor e fiquem com uma noção das principais datas que antecederam o aparecimento da legislação relativa aos direitos humanos, a professora no quadro um friso cronológico muito simples e diz aos alunos para o copiarem para o caderno. - Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta. 	5'	Registo do interesse, participação e comportamento dos alunos.
RECURSOS: Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, projetor, computador, caderno, esferográfica.				

PLANO DE AULA Nº 6

DATA HORA	6/11/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	-Evolução histórica da afirmação dos direitos e dos deveres da pessoa - Atentados aos Direitos da Criança. Direitos da criança - Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo	SUMÁRIO PROVÁVEL	- Conclusão da aula anterior: perspetiva histórica dos direitos e deveres da pessoa. - Os direitos fundamentais da criança.
----------------------	--------------------------	--------------------------------	---	-----------------------------	--

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)	TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>1. Conhecer que a afirmação dos direitos e deveres da pessoa teve uma evolução histórica</p>	<p>Principais datas que antecederam o aparecimento da Declaração Universal dos direitos humanos: - 1060 a. C.: libertação do povo do Egipto, - 539 a.C.: Ciro, o Grande conquistou a Babilónia e anunciou que todos os escravos eram livres, - 1: Jesus Cristo que acolhe e integra todos de igual forma (mulheres, doentes, crianças), - 1761: 1º passo para a abolição da escravatura em Portugal - 1789: Revolução Francesa - 1948: Declaração Universal dos Direitos Humanos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Questionando os alunos acerca do que foi falado na aula anterior, a professora recorda brevemente os últimos conteúdos abordados. - Sumário escrito no quadro pela professora. 	10'	<p>Registo da assiduidade.</p>
<p>2. Consciencializar-se que, apesar de existir legislação que defende os direitos humanos, ainda hoje há pessoas e crianças que não são respeitadas e que sofrem maus-tratos.</p>	<p>Acontecem diariamente atentados aos direitos das crianças: - negligência: crianças que passam fome, que ficam sozinhas em casa, - maus-tratos, → <i>A criança tem direito:</i> - <i>à sobrevivência: alimentação e cuidados médicos,</i> - <i>à educação,</i> - <i>à proteção de formas de exploração e trabalho infantil,</i> - <i>à participação na sociedade expressando as suas opiniões</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Partindo da observação do friso cronológico da pg. 30 do manual, e depois de um diálogo com os alunos, a professora salienta algumas datas importantes, explicita a importância de cada uma delas, escreve-as no quadro e pede para estes as copiarem para o caderno. - Mostrando uma foto da Misericórdia de Valongo, questionar os alunos no sentido de perceber se algum conhece o Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo, e se sabe porque é que existe. Partindo do que os alunos dizem, questioná-los no sentido de perceber se eles conhecem alguma situação de negligência ou maus-tratos a crianças perto de nós, nomeadamente em Valongo, e caso conheçam perguntar se quer e pode partilhar com a turma essa situação. 	10'	<p>Registo relativo às aprendizagens realizadas.</p>
<p>3. Conhecer</p>	<p>- Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo: instituição católica destina-se a acolher crianças e jovens</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A professora solicita a um aluno para que leia o texto da pg. 36 do manual: as quatro sub-categorias em que podem ser sub-divididos os direitos, e solicita aos alunos que copiem uma breve síntese para o caderno. 	7' 8'	<p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intervenção educativa.</p> <p>Registo do interesse, participação e</p>

<p>alguns dos direitos das crianças</p> <p>3. Conhecer uma organização católica local que luta pela defesa dos direitos das crianças, e compreender o âmbito do seu trabalho</p>	<p>em situação de perigo, satisfazer as suas necessidades básicas, promover o crescimento integral e promover a sua reintegração na família ou na comunidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tendo como base o que os alunos disseram anteriormente acerca do Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo, a professora dá a conhecer a instituição. - No sentido de incentivar o trabalho de pesquisa, a professora solicita aos alunos que façam em casa um pequeno trabalho de pesquisa acerca do Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo, entregando uma ficha- guião com as indicações de tudo o que é importante para o trabalho. - Depois de entregar a ficha para o trabalho de pesquisa, a professora lê ponto a ponto, explicando o guião de trabalho e os critérios de avaliação. - Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta. 	<p>5'</p> <p>5'</p>	<p>comportamento dos alunos.</p>
<p>RECURSOS:</p>		<p>Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, projetor, computador, caderno, esferográfica.</p>		

PLANO DE AULA Nº 7

DATA HORA	13/11/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Dignidade das vidas mais desprotegidas Amor ao próximo	SUMÁRIO PROVÁVEL	O contributo da Igreja Católica para a promoção da dignidade humana: Organizações católicas que lutam pela defesa dos direitos das pessoas.
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)	TEMPO	AVALIAÇÃO	
<p>1. Reconhecer o contributo das instituições católicas na defesa da criança</p> <p>2. Conhecer uma organização católica internacional que trabalha pela defesa dos mais frágeis.</p> <p>3. Compreender que a missão das instituições católicas se inspira no exemplo e nas palavras de Jesus.</p> <p>4. Tomar consciência de que a Igreja tem contribuído desde os primeiros anos da</p>	<p>- Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo: instituição católica destina-se a acolher crianças e jovens em situação de perigo, satisfazer as suas necessidades básicas, promover o crescimento integral e promover a sua reintegração na família ou na comunidade.</p> <p>- Cáritas: organização católica e humanitária internacional que trabalha na defesa dos mais pobres e excluídos. Apoia as crianças no acesso à escola, cuidados com idosos, acolhimento às famílias em crise,... Ajuda as pessoas a viver com dignidade.</p> <p>Jesus procurava dignificar todos sem exceção: pobres, doentes,... Deixou-nos o exemplo de cuidar e curar os doentes. E deixou um mandamento novo aos seus amigos e discípulos: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei." → <i>As instituições católicas inspiram-se no exemplo de Jesus.</i></p> <p>Os seguidores de Jesus, os cristãos sentiam que tinham a obrigação de cuidar dos doentes.</p> <p>O desejo de contribuir para a dignificação da pessoa humana motivou e continua a motivar a Igreja a criar</p>	<p>- Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Recordar brevemente o que se falou na aula anterior. - Sumário escrito no quadro pela professora.</p> <p>- Solicitar a entrega dos trabalhos de pesquisa. - Questionar os alunos no sentido de perceber se através do trabalho de pesquisa que fizeram ficaram a saber se o Centro Mãe d'Água é ou não uma Instituição Católica. - Convidar alguns alunos a partilharem algo desta instituição que tenham descoberto através da sua pesquisa.</p> <p>- De forma a introduzir a apresentação da Cáritas, perguntar aos alunos se conhecem a Cáritas, e caso conheçam, pedir para partilhar o que sabem. Passar vídeo acerca da Cáritas. (3'26) www.youtube.com/watch?v=liiIHrEbzuA - Diálogo com os alunos acerca do filme, colocando-lhes várias questões: "que tipo de organização é esta...?", "quais são as suas prioridades,..."</p> <p>- Questionar os alunos no sentido de perceber se eles sabem em quem, ou no que é que as instituições católicas se inspiram para trabalharem principalmente na defesa dos mais frágeis.</p> <p>- A professora escreve no quadro e solicita aos alunos que copiem uma breve síntese para o caderno.</p> <p>- A professora solicita a um aluno que leia um dos textos da pg.41 do manual: "A Igreja Católica tem prioridade..." e solicita aos alunos que copiem uma breve síntese para o caderno.</p>	<p>10'</p> <p>8'</p> <p>10'</p> <p>7'</p>	<p>Registo da assiduidade.</p> <p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intervenção educativa.</p> <p>Registo do interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>	

<p>era cristã até aos dias de hoje para a promoção da dignidade humana.</p>	<p>organizações por todo o mundo que têm como prioridade os mais frágeis (crianças, idosos, pobres,...): Lares de Idosos, Instituições de Solidariedade Social, Cáritas Diocesana, ... → <i>Ao longo do tempo a Igreja Católica sempre procurou formas de cuidar e apoiar os mais frágeis para dignificar a vida de cada ser humano.</i></p>	<p>- Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>	<p>10'</p>	
<p>RECURSOS: Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, projetor, computador, caderno, esferográfica.</p>				

PLANO DE AULA Nº 8

DATA HORA	20/11/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	Relação de Deus com o Homem.	SUMÁRIO PROVÁVEL	A perspectiva cristã da relação de Deus com o Homem como Pessoa.	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AVALIAÇÃO
1. Conhecer a perspectiva cristã de Deus como pessoa	<p>As instituições católicas inspiram-se no exemplo de Jesus.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os cristãos acreditam que Jesus veio revelar, através dos seus gestos, de uma forma mais “completa” quem é Deus. - Antes de Jesus já existiam muitos textos que falavam de Deus. <p>→ <i>Segundo a Bíblia, Deus:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>é pessoa,</i> - <i>manifesta-se ao ser humano e fala com ele,</i> - <i>declara que o ama e deseja a felicidade do ser humano,</i> - <i>é amigo da humanidade,</i> - <i>indigna-se quando o ser humano é vítima da injustiça e do ódio alheio,</i> - <i>ama cada ser humano.</i> 		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Sumário escrito no quadro pela professora. <ul style="list-style-type: none"> - Solicitar a entrega dos trabalhos de pesquisa. <ul style="list-style-type: none"> - Através de um diálogo com os alunos, a professora leva-os a recordar brevemente o que se falou na aula anterior, questionando-os: - Recordam-se do que falamos na semana passada? - Lembram-se de quem deu início a estas instituições católicas? - E em quem é que se inspiram as instituições católicas? <ul style="list-style-type: none"> - De forma a conhecer um pouco acerca da imagem e da mensagem de Deus na Bíblia, solicitar a um dos alunos que leia o texto da pg.42 do manual. - Após um breve diálogo com os alunos, a professora solicita que estes copiem uma breve síntese para o caderno, com a mensagem principal do que leram. 		<p>7'</p> <p>5'</p> <p>7'</p> <p>8'</p>	<p>Registo da assiduidade.</p> <p>Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intervenção educativa.</p> <p>Registo do interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>

	<p>- Deus é Pessoa e por isso relaciona-se com a Humanidade. - Deus é amigo da humanidade e por isso indigna-se com a injustiça, está sempre presente quando sentimos dificuldades, e estabelece uma relação única com cada pessoa.</p> <p>- O livro dos Salmos é um livro da Bíblia. No salmo o autor dirige-se a Deus. - O homem devido à sua dimensão espiritual tem a capacidade de se relacionar com Deus. - O salmista dirige-se a Deus e atribui-lhe ações que são próprias da pessoa.</p>	<p>- De modo a motivar e a “prender” a atenção dos alunos para o tema, a professora propõe que façam o exercício da pg. 42, e depois através de um diálogo com os alunos chega com eles às soluções do exercício.</p> <p>- Com a intenção de que os alunos contactem com um texto bíblico que “fala” da relação de Deus com o Homem, solicitar aos alunos que leiam o Salmo 139 (a partir do versículo 13, pela ordem como estão sentados, cada aluno lê um versículo, devagar e com entoação) da pg.43 do manual. Após a leitura destes, questiona os alunos, em especial os que não costumam responder: - o que é que vos chamou mais a atenção ao ler e ouvir o texto? - de onde é tirado este texto? - quem é o autor do texto? - a quem se dirige o salmista? - qual é a dimensão da pessoa que lhe dá a capacidade de se relacionar com Deus? - identificar no texto os verbos,</p> <p>- Após um breve diálogo com os alunos, a professora solicita que estes copiem uma breve síntese para o caderno.</p> <p>- A professora informa que realizarão ficha de avaliação no dia 4 de dezembro.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>	<p>8’</p> <p>10’</p>	
RECURSOS:		Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, caderno, esferográfica.		

PLANO DE AULA Nº 9

DATA HORA	27/11/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES	- O homem é criado “à imagem” de Deus.	SUMÁRIO PROVÁVEL	Síntese e conclusão da Unidade Letiva: A Pessoa Humana.	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AValiação
1. Tomar contacto com um Salmo que reflete a relação pessoal entre Deus e o homem.	<ul style="list-style-type: none"> - O livro dos Salmos é um livro da Bíblia. - Os salmos nascem da relação de fé com Deus. São o resultado da relação pessoal com Deus. - O homem devido à sua dimensão espiritual tem a capacidade de se relacionar com Deus. - No salmo o autor dirige-se a Deus. - Através de uma linguagem simbólica, o salmista dirige-se a Deus e atribui-lhe ações que são próprias da pessoa. 		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Sumário escrito no quadro pela professora. 		7'	Registo da assiduidade.
			<ul style="list-style-type: none"> - O livro dos Salmos é um livro da Bíblia. - Os salmos nascem da relação de fé com Deus. São o resultado da relação pessoal com Deus. - O homem devido à sua dimensão espiritual tem a capacidade de se relacionar com Deus. - No salmo o autor dirige-se a Deus. - Através de uma linguagem simbólica, o salmista dirige-se a Deus e atribui-lhe ações que são próprias da pessoa. 		<ul style="list-style-type: none"> - Através de um diálogo com os alunos, a professora leva-os a recordar brevemente o que se falou na aula anterior, questionando-os: - Recordam-se do que falamos na semana passada? 	
2. Relacionar a perspetiva cristã de Deus como pessoa com os conteúdos	Os cristãos acreditam que Deus é Amor e que os criou por amor à sua imagem. (É acreditando no amor de Deus que aumenta nos		<ul style="list-style-type: none"> - Com a intenção de que os alunos contactem com um texto bíblico que “fala” da relação de Deus com o Homem, solicitar aos alunos que leiam o Salmo 139 (a partir do versículo 13, pela ordem como estão sentados, cada aluno lê um versículo, devagar e com entoação) da pg.43 do manual. Após a leitura destes, questiona os alunos, em especial os que não costumam responder: <ul style="list-style-type: none"> - de onde é tirado este texto? - quem é o autor do texto? - a quem se dirige o salmista? - qual é a dimensão da pessoa que lhe dá a capacidade de se relacionar com Deus? - identificar no texto os verbos que o salmista associa a Deus. - De modo a que os alunos sejam capazes de inter-relacionar 		10'	Observação direta e informal do interesse, participação e comportamento dos alunos, com intervenção educativa.
			<ul style="list-style-type: none"> - De modo a que os alunos sejam capazes de inter-relacionar 		15'	

<p>abordados acerca da Pessoa Humana.</p> <p>3. Sensibilizar-se para a responsabilidade para com os outros e para a necessidade e de ter o amor como pilar fundamental da relação com o outro.</p>	<p>cristãos a consciência da sua responsabilidade para com as outras pessoas...</p> <p>→ <i>O cristão acredita que Deus o criou a si e aos outros por amor, e por isso a sua relação com os outros e com o Mundo tem como base o Amor.</i></p>	<p>os conteúdos abordados acerca da Pessoa Humana, a professora faz um esquema no quadro onde explicita a ligação entre esses mesmos conteúdos, integrando o que entretanto foi referido.</p> <p>- Diálogo com os alunos: “ Olhando para aquilo que o cristianismo ensina, para a sua mensagem... parece-vos que a sua mensagem pode influenciar o modo como nos relacionamos com os outros? Partindo do princípio que os outros são nossos irmãos, como nos devemos relacionar com eles?”</p> <p>- A professora conclui o esquema com uma breve síntese.</p> <p>- A professora recorda que realizarão ficha de avaliação no dia 4 de dezembro.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>	<p>8,</p>	<p>interesse, participação e comportamento dos alunos.</p>
<p>RECURSOS: Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, computador, colunas, caderno, esferográfica.</p>				

PLANO DE AULA Nº 10

DATA HORA	4/12/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES		SUMÁRIO PROVÁVEL	Realização de uma ficha de avaliação formativa	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AVALIAÇÃO
1. Consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do 1º período			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Sumário escrito no quadro pela professora. - A professora entrega as fichas de avaliação formativa e lê todas as perguntas. - Depois questiona se alguém tem dúvidas. - Cada aluno responde às questões da ficha de avaliação formativa. - Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta. 		7' 8' 30'	Registo da assiduidade.
RECURSOS:	Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, ficha de avaliação, caderno, esferográfica.					

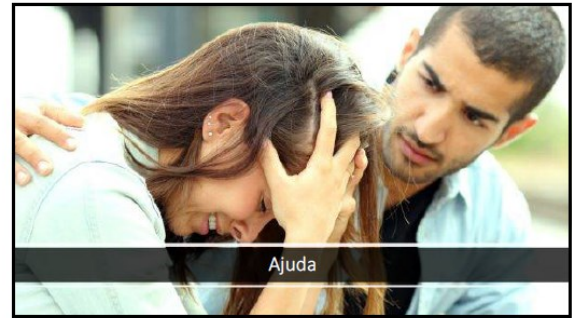
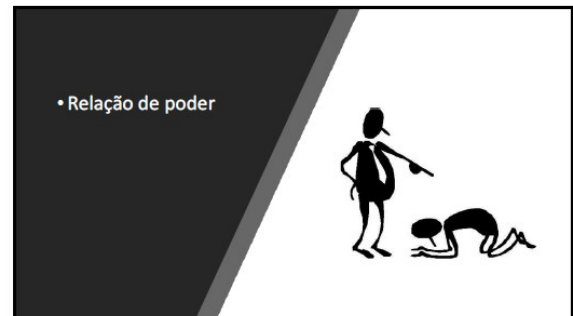
PLANO DE AULA Nº 11

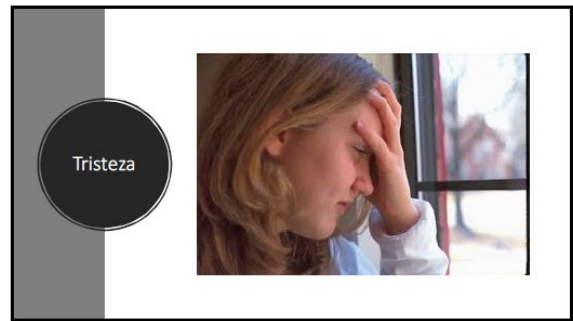
DATA HORA	11/12/2017 11:45 12:30	CONCEITOS NUCLEARES		SUMÁRIO PROVÁVEL	- Entrega e correção da ficha de avaliação - Auto e hetero-avaliação	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM (estratégias/atividades)		TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>1.Consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do 1º período.</p> <p>2. Aprender a avaliar de forma crítica e responsável.</p>	<p>- Avaliar bem ajuda-nos a melhorar e a crescer como pessoas. - A avaliação dos colegas pode ajudar-nos a conhecermo-nos melhor.</p>		<p>- Acolhimento à porta dando as boas-vindas aos alunos. - Chamada. - Sumário escrito no quadro pela professora.</p> <p>- A professora entrega as fichas de avaliação formativa corrigidas.</p> <p>- A professora faz a correção da ficha de avaliação, dialogando com os alunos, e escrevendo as respostas corretas no quadro.</p> <p>- A professora entrega a cada aluno uma grelha de autoavaliação.</p> <p>- Depois de recolhidas as grelhas de autoavaliação preenchidas, a professora pede aleatoriamente a alguns alunos que deem a sua opinião relativamente a autoavaliação realizada pelos colegas.</p> <p>- Depois de fazer uma saudação final, a professora dá ordem de saída da sala, acompanha os alunos até à porta e fecha a porta.</p>		<p>5'</p> <p>30'</p> <p>10'</p>	<p>Registo da assiduidade.</p>
RECURSOS:	Livro de ponto, manual do 6º ano, quadro, marcadores, ficha de avaliação, caderno, esferográfica.					

Materiais pedagógicos

Anexos das planificações da UL 1 “A Pessoa Humana”

Anexo 1: Plano de aula 1 - Lição nº 3 (power-point)





Anexo 2: Plano de aula 2 - Lição nº 4 (power-point)



O cérebro humano é o muito mais desenvolvido que o das restantes espécies.

Por isso os seres humanos são dotados de inteligência superior, que se manifesta na capacidade de resolver problemas complexos e elaborar raciocínios profundos.



Atividade 1

Dimensão social

Núcleo cultural e recreativo de Valongo - basquetebol feminino



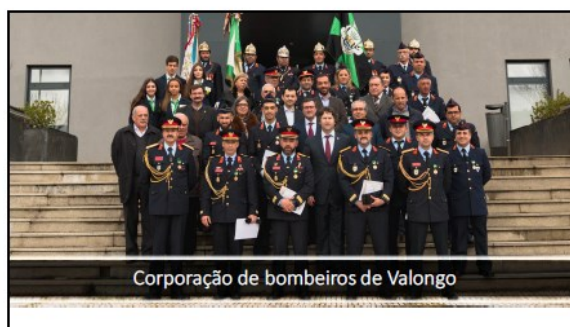
União Desportiva Valonguense



Agrupamentos de escuteiros



Corporação de bombeiros de Valongo



Anexo 3: Ficha de atividades

Agrupamento de Escolas de Vallis Longus
Escola Básica de Vallis Longus



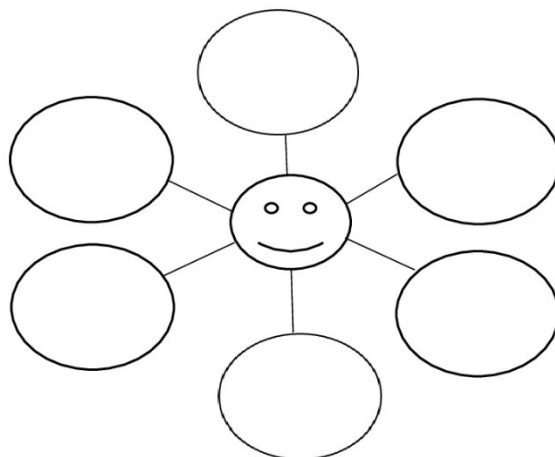
Ficha 1 - SOU PESSOA HUMANA -

Nome: _____ N.º _____ T: _____

1. Identifica as tuas características biológicas, preenchendo a seguinte tabela.

2. Completa o diagrama identificando os grupos que contribuem para o teu desenvolvimento.
(Acrescenta outros grupos, se não estiverem na lista)

Escuteiros,
Amigos da escola,
Amigos do desporto,
Amigos da catequese....
Outros....



Qual o grupo ou grupos que mais contribuem para o teu desenvolvimento como pessoa? Porquê?

Anexo 4: Plano de aula 3 (power-point)

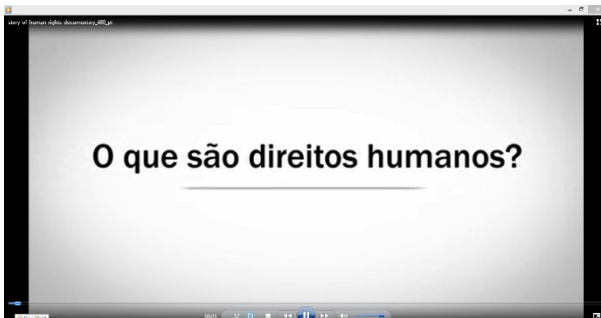


Anexo 5: Plano de aula 4 (power-point)





Anexo 6: Plano de aula 5 (vídeo)



Anexo 7: Plano de aula 6 (PPT e Trabalho de pesquisa)





Trabalho de pesquisa – Guião do trabalho



Pesquisa

Olá!

Convido-te a fazer um **Trabalho de pesquisa** acerca do Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo.

Seguem abaixo as indicações de tudo o que é importante para o trabalho:

- Localização da instituição,
- O que faz, e quais são as suas prioridades,
- Quais são as pessoas a que dá apoio,
- Que relação tem com a tua escola,...
- Escreve um pequeno texto que contenha:

1. a informação que pesquisaste (dizendo onde a foste buscar),
2. a **tua opinião** acerca da importância que o Centro Mãe d'Água tem na defesa dos Direitos

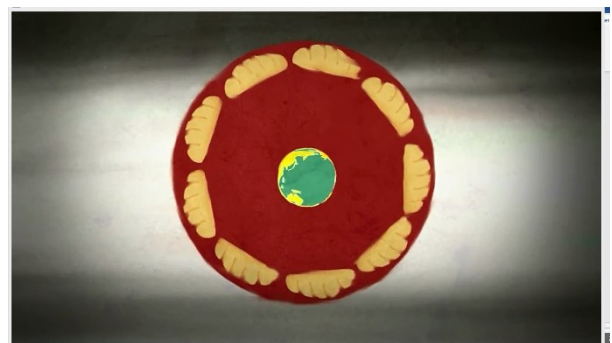
das crianças.

- Identifica o teu trabalho com o teu nome, turma e número e entrega-o numa pg. A4. (no máximo)

Algumas sugestões: podes entrevistar algum funcionário da instituição, ou visitar a instituição. Não sendo possível, podes sempre pesquisar na internet...

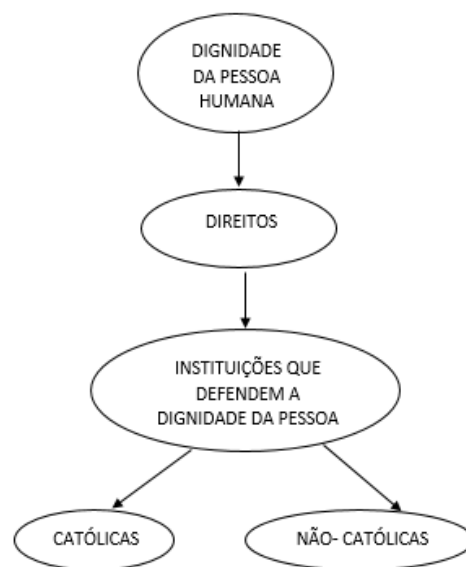
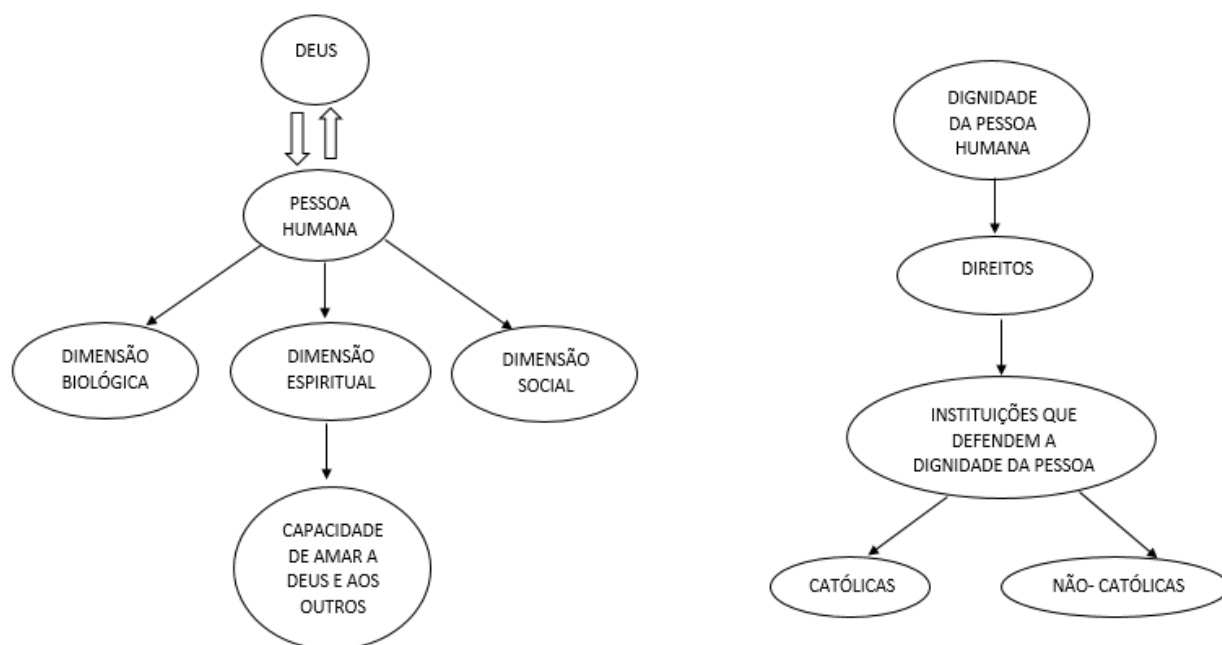
→ **Critérios de avaliação:** apresentação=10%, ortografia=10%, pesquisa de informação=30%, opinião acerca da importância que o Centro Mãe d'Água tem na Defesa dos Direitos da Criança=50%

Anexo 8: Plano de aula 7 (vídeo)



Anexo 9: Plano de aula 9 (esquema)

A PESSOA HUMANA



Instrumentos de avaliação

Grelhas de observação de aula

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA EXECUÇÃO DE TAREFAS EM AULA

Critérios de avaliação EMRC		Nível de desempenho: I-Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom; MB – Muito Bom; NO – Não observável																		
		Aluno																		
		Aluno nº1	Aluno nº2	Aluno nº3	Aluno nº4	Aluno nº5	Aluno nº6	Aluno nº7	Aluno nº8	Aluno nº9	Aluno nº10	Aluno nº11	Aluno nº12	Aluno nº13	Aluno nº14	Aluno nº15	Aluno nº16	Aluno nº17	Aluno nº18	Aluno nº19
Aula	1. Conhecimento e compreensão																			
	2. Atitude e comportamento: demonstra interesse e participa positivamente na aula																			
	Observações																			
Aula	1. Conhecimento e compreensão																			
	2. Atitude e comportamento: demonstra interesse e participa positivamente na aula																			
	Observações																			

Trabalho de pesquisa



Escola Básica Vallis Longus



Trabalho de pesquisa – Guião do trabalho



Olá!

Convido-te a fazer um **Trabalho de pesquisa** acerca do Centro Mãe d'Água da Misericórdia de Valongo.

Seguem abaixo as indicações de tudo o que é importante para o trabalho:

- Localização da instituição,
- O que faz, e quais são as suas prioridades,
- Quais são as pessoas a que dá apoio,
- Que relação tem com a tua escola,..
- Escreve um pequeno texto que contenha:

1. a informação que pesquisaste (dizendo onde a foste buscar),

2. a **tua opinião** acerca da importância que o Centro Mãe d'Água tem na defesa dos Direitos

das crianças.

- Identifica o teu trabalho com o teu nome, turma e número e entrega-o numa pg. A4. (no máximo)

Algumas sugestões: podes entrevistar algum funcionário da instituição, ou visitar a instituição. Não sendo possível, podes sempre pesquisar na internet...

→ **Critérios de avaliação:** apresentação=10%, ortografia=10%, pesquisa de informação=30%, opinião acerca da importância que o Centro Mãe d'Água tem na Defesa dos Direitos da Criança=50%

Ficha de avaliação



Escola Básica Vallis Longus



Ficha de avaliação do 6.º Ano

Nome do aluno: _____ N.º _____ Turma: _____
Classificação: _____
Prof. _____ Encarregado de Educação: _____

1ª Parte – As características específicas da pessoa e as suas diferentes dimensões.

1. A pessoa é um ser único que vive em relação com os outros. A pessoa caracteriza-se por diferentes dimensões que podemos agrupar em três: a biológica, a social e a espiritual. Estas dimensões estão relacionadas entre si mas correspondem a diferentes características das pessoas.



Em baixo encontra um texto, com espaços em branco, acerca destas três dimensões e das características que lhes estão associadas. Será que o vais conseguir completar?

→ Para completar o texto podes usar as seguintes palavras: comunicação, espiritual, social, amar, dimensão, sociedade

Todos os seres vivos têm uma _____ biológica. A dimensão _____ está associada às espécies animais, à sua capacidade de _____ e de organização em grupo, mas no ser humano esta dimensão é muito mais complexa. A pessoa vive em _____, aprende com ela, e herda dela tradições e formas de vida.

A dimensão _____ está presente em todos os seres humanos, sejam eles crentes ou não. Esta dimensão é aquela que diferencia a pessoa dos restantes animais, e está associada à capacidade de refletir, de escolher entre o bem e o mal, de _____ e de se relacionar com Deus.

2. Indica 3 características que distinguem os seres humanos dos restantes seres vivos.

3. Diz se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas, colocando **V** ou **F** no fim da frase:

- Para o pensamento cristão atual, a dimensão corporal e a espiritual são inseparáveis. __
- Para o pensamento cristão atual, o homem tem apenas uma dimensão corporal. __
- Para o pensamento cristão atual, o homem tem apenas uma dimensão espiritual. __

2ª Parte – Direitos e deveres da pessoa humana e organizações de apoio à Pessoa

4. Pelo facto de sermos pessoas todos temos direitos e deveres. No entanto, o reconhecimento dos direitos humanos tal como o conhecemos hoje levou muito tempo a ser conseguido. Na história da humanidade existiram alguns acontecimentos da história universal que foram importantes no processo de libertação do ser humano e no surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

4.1. Escreve um desses acontecimentos referidos nas aulas:

4.2. Concordas com a seguinte afirmação: "Apenas há pouco tempo a Igreja se preocupou com a ajuda os mais desfavorecidos." ? _____

4.2.1. Porquê? _____

5. Para defender os Direitos Humanos, surgiram várias instituições e Organizações: Católicas e Não-Católicas. A Unicef é uma organização que não sendo católica, defende os direitos das crianças.

5.1. Em Valongo existe uma instituição católica para defender os direitos das crianças. Qual é o nome dessa instituição? _____.

5.1.1. Dá dois exemplos de direitos da criança:

5.2. De acordo com o que falamos nas aulas, em quem é que se inspiram as Instituições Católicas?

5.2.1. Justifica a tua resposta.

3ª Parte – Deus estabelece com o homem uma relação pessoal

6. *“Tu modelaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio da minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras. [...] Os teus olhos viram-me em embrião. Tudo isso estava escrito no teu livro [...] Vê se é errado o meu caminho e guia-me pelo caminho certo.” Salmo 139*

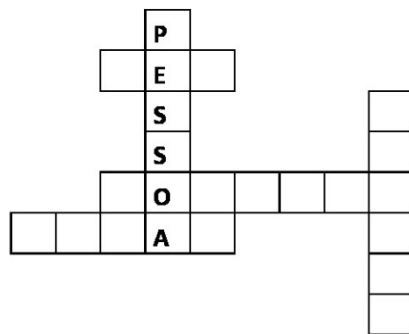
Este Salmo 139 é uma confissão de fé no Deus infinito e criador que estabelece uma relação pessoal com o Homem e ao qual o autor atribui características próprias da atitude relacional da pessoa.

6.1. Indica com um **V** quais as afirmações que estão corretas e com um **F** quais as afirmações falsas.

De acordo com a perspectiva cristã:

- Deus criou o homem à sua imagem. ____
- Deus é indiferente à situação de cada um. ____
- Deus conhece bem cada um de nós. ____
- Deus criou-nos mas o homem não tem a capacidade de se relacionar com Deus. ____

6.2. Identifica no texto os verbos que se referem à ação de Deus enquanto pessoa, no seu relacionamento com o ser humano. Preenche o seguinte crucigrama com os verbos identificados.



7. O crente vive com a certeza de que Deus o criou, o conhece e ama. De acordo com o abordamos nas aulas, os cristãos têm o dever de ajudar os outros.

7.1. Completa a seguinte frase: A relação dos cristãos com os outros e com o Mundo tem por base:

o _____.

Matriz da ficha de avaliação

Educação Moral e Religiosa Católica

Matriz e critérios de correção da Ficha de Avaliação – 6º Ano - UL1 “A Pessoa Humana”

Duração: 30m

Ano letivo: 2017/2018

Objetivos	Conteúdos	Estrutura da Prova
<p>Identificar características específicas da pessoa que a distinguem dos outros seres vivos.</p> <p>Reconhecer que a pessoa vive em relação com os outros.</p> <p>Saber que, segundo a perspetiva cristã, a pessoa humana é uma unidade corpo-espírito.</p> <p>Identificar a dimensão social na pessoa humana</p> <p>Perceber que a sociedade em geral têm influência no seu desenvolvimento enquanto pessoa.</p>	<p><u>Características que nos distinguem dos outros seres vivos</u>: a liberdade (tomar decisões livremente), a inteligência, a comunicação, os sentimentos, os direitos e deveres, a capacidade de distinguir o bem e o mal, a capacidade de refletirmos acerca do que pensamos, a capacidade de amar, etc.</p> <p>- As pessoas vivem em relação umas com as outras e ser pessoa também é relacionar-se com as pessoas que estão ao nosso redor.</p> <p>- Para o pensamento cristão atual, a dimensão corporal e a espiritual são inseparáveis.</p> <p>A pessoa humana caracteriza-se por diferentes dimensões que podemos agrupar em três: a biológica, a social e a espiritual.</p> <p>A dimensão biológica caracteriza todos os seres vivos. Cada ser humano apresenta características biológicas únicas. O cérebro humano é muito mais desenvolvido do que o das restantes espécies animais. Os seres humanos têm uma inteligência superior, por isso é que eles conseguem resolver problemas complexos e elaborar raciocínios profundos. Esta inteligência permite-lhes criar, e agir sobre o mundo.</p> <p>Dimensão social</p> <p>A dimensão social encontra-se associada às espécies animais, à sua capacidade de comunicação e organização em grupo; no entanto, <u>no ser humano, esta dimensão é muito mais complexa, como podemos verificar pela organização das sociedades humanas.</u></p> <p>O ser humano afirma-se em sociedade através da família e dos diversos grupos sociais e culturais aos quais pertence.</p>	<p>Pergunta 2: - Dizer 4 características</p> <p>Pergunta 3: - Identificar se a frase é verdadeira ou falsa.</p> <p>Pergunta 1: - Preencher espaços em branco num texto.</p>

<p>Compreender a abrangência do conceito de dimensão espiritual</p> <p>Conhecer que na história da humanidade houveram alguns acontecimentos que foram importantes para o surgimento da atual Declaração Universal dos Direitos Humanos.</p> <p>Reconhecer o contributo da Igreja na defesa dos mais frágeis ao longo do tempo.</p> <p>Conhecer uma organização católica local que luta pelos direitos das crianças em Valongo.</p> <p>Conhecer a perspetiva cristã relativamente à relação que Deus estabelece com o Homem.</p>	<p>A família tem uma importância fundamental no desenvolvimento da pessoa.</p> <p>Ao viver em sociedade cada pessoa é herdeira de um passado e a ele devedora. Dessa herança cada um recebe tradições, crenças, formas de vida, leis, regulamentos,...</p> <p>Dimensão espiritual</p> <p>A pessoa realiza-se nas dimensões biológica e social. Mas a pessoa só se completa na dimensão espiritual. É esta a característica que distingue o ser humano dos outros animais.</p> <p>A dimensão espiritual está presente em todos os seres humanos, faz parte do ser humano, seja ele crente ou não. Consiste na capacidade de pensar, de amar, de tomar decisões livres, de escolher entre o bem e o mal.</p> <p>Direitos e deveres da pessoa humana</p> <ul style="list-style-type: none"> - O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade. - Desde muito cedo os primeiros cristãos se preocuparam com os mais frágeis. - Ao longo do tempo a Igreja Católica sempre procurou formas de cuidar e apoiar os mais frágeis para dignificar cada ser humano. <p>Organizações que lutam pelos direitos das crianças.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Centro Mãe d'água que luta para que todas as crianças tenham condições de existência dignas; - A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família, ao bem-comum, à educação; <ul style="list-style-type: none"> - A mensagem bíblica afirma a convicção de que Deus cria, ama, conhece relaciona-se com o Homem. - O cristão porque é criado à imagem de Deus Amor também deve amar os outros: estabelecer relações verdadeiras, partilhar, estar atento, respeitar, perdoar,... 	<p>- Pergunta 4: - Perguntas fechadas e pergunta aberta.</p> <p>- Pergunta 5:</p> <p>- Pergunta 6 e 7:</p>
--	---	--

Critérios de correção da ficha de avaliação

Tipologia das questões	Critérios de Correção	Cotação
1. Completa os espaços em branco	- A cada espaço corretamente completado equivale um 0,75 val.	4,5 val.
2. Indica 4 características	- Cada característica corretamente respondida equivale a 0,5 val.	2 val.
3. Pergunta para responder verdadeiro ou falso	- A cada resposta corretamente respondida equivale a 0,5 val.	1,5 val.
4. Responde à questão. Questão com duas alíneas.	4.1 Escreveu corretamente um acontecimento equivale a 1 val. 4.2- Respondeu corretamente (não) equivale a 0,75 val. 4.2.1- Justificou corretamente equivale a 1,25 val.	3 valores
5. Responde à questão. Questão com três alíneas. A alínea 5.1 requer duas respostas. A alínea 5.2 requer uma resposta. 5.2.1 – (Resposta aberta)	- 5.1 - Responde corretamente ao nome da Inst. equivale a 0,5 val, - 5.1.1 Cada direito da criança corretamente respondido equivale a 0,5 val, - A alínea 5.2 corretamente respondida equivale a 1 val - A alínea 5.2.1 corretamente respondida equivale a 1 val	0,5 val + 4*0,5 val + 1 val+1 val. = 4 val. 2 val.
6. Pergunta para responder verdadeiro ou falso	- A cada resposta corretamente respondida equivale a 0,5 val.	3 valores
7. Responde à questão. Questão com três alíneas. 7.2.1. (Resposta aberta)	- A alínea 7.1 corretamente respondida (sim) equivale a 0,5 val, - A alínea 7.2 corretamente respondida equivale a 1 val - A alínea 7.2.1 corretamente respondida equivale a 1,5 val.	

